UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina

KETI KRASIMIROVA ANGELOVA

O CHEIRO DA TERRA E O SOM DOS ANCESTRAIS

A liderança política de TRÁNSITO AMAGUAÑA e SUSANA BACA

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina

KETI KRASIMIROVA ANGELOVA

O CHEIRO DA TERRA E O SOM DOS ANCESTRAIS

A liderança política de TRÁNSITO AMAGUAÑA e SUSANA BACA

VERSÃO REVISADA

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina

KETI KRASIMIROVA ANGELOVA

O CHEIRO DA TERRA E O SOM DOS ANCESTRAIS

A liderança política de TRÁNSITO AMAGUAÑA e SUSANA BACA

VERSÃO REVISADA

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina

KETI KRASIMIROVA ANGELOVA

O CHEIRO DA TERRA E O SOM DOS ANCESTRAIS

A liderança política de TRÁNSITO AMAGUAÑA e SUSANA BACA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Mestrado

Linha de pesquisa: Sociedade, Economia e Estado

Orientador: Professor Dr. Sedi Hirano

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A584c

Angelova, Keti Krasimirova
O cheiro da terra e o som dos ancestrais: a liderança política de Tránsito Amaguaña e Susana Baca / Keti Krasimirova Angelova ; orientador Sedi Hirano. - São Paulo, 2018.
143 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina. Área de concentração: Integração da América Latina.

1. Gênero. 2. Representatividade. 3. Educação bilingue . 4. Buen-vivir. 5. Pueblos de Abya Yala. I. Hirano, Sedi, orient. II. Título.

O CHEIRO DA TERRA E O SOM DOS ANCESTRAIS
A liderança política de TRÁNSITO AMAGUAÑA e SUSANA BACA

RESUMO

A construção dos Estados Latinoamericanos contou com a valorização e hegemonia de um padrão cultural e invisibilizou a contribuição e diversidades culturais dos povos que viviam no continente no momento da conquista. As contribuições culturais, linguísticas e económicas das populações africanas que chegaram na condição de escravizados também são parte das culturas que constituíram América.

Na presente pesquisa, de caráter qualitativo, o recorte do objeto de estudo conta com dois estudos de caso, as vivências e lideranças políticas: uma mulher indígena do Equador e uma mulher afrodescendente do Peru.

No primeiro caso buscamos refletir sobre os valores presentes na cosmovisão andina e como as comunidades atuais manifestam e dão continuidade à temporalidade e prática cultural ancestral, em especial através do exemplo da trajetória político-social da líder indígena equatoriana Tránsito Amaguaña, mais conhecida como Mama Tránsito, da étnia kayambi, perto do vulcão Cayambe.

No caso dos afrodescendentes da costa peruana, buscamos evidenciar como as comunidades se organizaram e reconstruíram o seu território simbólico, afetivo e material, historicamente desenraizado, e qual é a contribuição da cantora popular Susana Baca nesta luta.

Estas culturas e, em particular a contribuição feminina, apresentam conhecimentos saberes e técnicas cujas riquezas socioambientais podem ser de particular importância para as necessidades ambientais na atualidade.,

PALAVRAS-CHAVE – GÊNERO, REPRESENTATIVIDADE, EDUCAÇÃO BILINGUE, *BUEN-VIVIR*, *PUEBLOS DE ABYA YALA*, DIÁSPORA AFRO-AMERICANA, AUTODETERMINAÇÃO, SUSTENTABILIDADE

EL OLOR DE LA TIERRA Y EL SONIDO DE LOS ANCESTROS
La lideranza política de TRÁNSITO AMAGUAÑA y SUSANA BACA

RESÚMEN

La construcción de los Estados Latinoamericanos se aportó en la valorización y hegemonía de un padrón cultural y ocultó la contribución y diversidades culturales de los pueblos que vivían en el continente en el momento de la conquista. Las contribuciones culturales, lingüísticas e económicas de las poblaciones africanas que llegaran en la condición de esclavitud también son parte de las culturas fundantes de América.

En la presente investigación, de carácter cualitativo, el recorte del objeto de estudio aporta dos estudios de caso: las vivencias y trayectorias políticas: de una mujer indígena de Ecuador y una mujer afrodescendiente de Perú.

En el primer caso buscamos refletir acerca de los valores presentes en la cosmovisión andina e como las comunidades actuales manifiestan y siguen viviendo su temporalidad ancestral, en especial en el caso de la trayectoria político-social de la líder kayambi, indígena e ecuatoriana Tránsito Amaguaña, de Pesillo, cerca del volcán Cayambe.

En el caso de los afrodescendientes de la costa peruana, buscamos evidenciar como las comunidades se organizaran y reconstruyeron su territorio simbólico, afectivo y material, históricamente desenraizado por la esclavitud, y cual es la contribución de la cantora popular Susana Baca en esta lucha.

Estas culturas y, en particular la contribución femenina, aportan conocimientos, saberes y técnicas cuyas riquezas socio ambientales pueden ser de particular importancia para las necesidades ambientales actuales.

PALABRAS-LLAVE – GÊNERO, REPRESENTATIVIDADE, EDUCACIÓN BILINGUE, *BUEN-VIVIR*, *PUEBLOS DE ABYA YALA*, DIÁSPORA AFRO-AMERICANA, AUTODETERMINACIÓN, SUSTENTABILIDAD

THE SMELL OF THE LAND AND THE SOUND OF THE ANCESTRALS
Political leadership of TRÁNSITO AMAGUAÑA and SUSANA BACA:

ABSTRACT

The rise of the Latin American States counted on the valorization and hegemony of a cultural pattern and made invisible the contribution and cultural diversities of the peoples that lived in the continent at the moment of the conquest. The cultural, linguistic, and economic contributions of the African populations that came to the condition of enslavement are also part of the cultures that constituted America.

In the present qualitative research, the study object has two case studies, the experiences and political leaderships: an indigenous woman from Ecuador and an afrodescendant woman from Peru.

In the first case, we seek to reflect on the values present in the Andean cosmovision and how the present communities manifest and continue to live their ancestral temporality, especially in the case of the political-social trajectory of the *kayambi* leader, indigenous and ecuadorian Tránsito Amaguaña, Of Pesillo, near the Cayambe volcano.

In the case of the Afro-descendants of the Peruvian coast, we sought to demonstrate how the communities organized and rebuilt their symbolic, affective and material territory, historically uprooted by slavery, and what is the contribution of popular singer Susana Baca in this struggle.

These cultures, and in particular the female contribution, provide knowledges, and techniques whose socio-environmental riches may be of particular importance to current environmental needs.

KEY-WORDS – GENDER, REPRESENTATION, BILINGUAL EDUCATION, *BUEN VIVIR*, *PUEBLOS DE ABYA YALA*, AFRO-AMERICAN DIASPORA, SELF-DETERMINATION, SUSTAINABILITY

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- CAPA- Tránsito Amaguaña 1

Figura 2- CAPA – Susana Baca.....1

Figura 3- A canoa é o meio de locomoção em densa rede hidrográfica.....19

Figura. 4. Ilha de Ellesmere, Canadá..... 21

Figura 5. Cronologia da Conquista Espanhola.....26

Figura 6 Representação do El Dorado pela cultura Muísca.....28

Figura 7 Trecho do Qhapaq Ñan.....31

Figura 8 Parte do Qhapaq Ñan: Ponte Q'eswachaka sobre o rio Apurimac.....31

Figura 9 Organização da Conquista na América Espanhola.....32

Figura 10 Pendente antropomórfico de ouro elaborado pelas culturas pré-colombianas andinas..... 33

Figura 11 Tumi ou faca com punho muito decorado, cultura Sicán da costa norte do Peru..34

Figura 12 Início das navegações europeias, Séc XV e XVI.....38

Figura 13- Encontro da Europa com a América.....43

Figura 14 Vestido Elegante.....46

Figura 15 Crânio.....48

Figura 16 Flor de San José.....49

Figura.17 Venerável Yeshi Gawa, no Instituto Norbulingka de Cultura Tibetana em Dharamsala, ...56

Figura 18 Universidade Obafemi Awolowo, em Ile-Ife..... 57

Figura 19 Professor Emérito Kwabena Nketia.....58

Figura 20 - Mestre Biu Alexandre.....59

Figura 21 - Mestre Benki Ashaninka do Acre.....60

Figura 22 Mestre Zé Jerome do Congado 60

Figura 23 Mestra Lucely Pio do Quilombo Cedro, município de Mineiros/GO).....61

Figura 24 Mestre Maniwa Kamayurá durante o programa Encontro de Saberes.....62

Figura 25- A bandeira Wiphala pertence aos indígenas e povos andinos da região de Tawantinsuyui,.....63

Figura 26 Festividade, uma forte herança africana. Cafundó-Sorocaba.....67

Figura 27Apresentação do Son de los Diablos.....68

Figura 28 Qhapaq Negro – dança afro-andina.....69

Figura 29 Procissão de "Santa Ifigênia.....73

Figura 30 A rota do tráfico de pessoas até 1873.....75

Figura 31 Os estados, com maior número de população afrodescendente.....78

Figura 32 - Dr. Augusto Zavala mostra as castas e etnias que os espanhóis estabeleciam para manter a si próprios no topo da pirâmide hierárquica.....79

Figura. 33 "Ezequiel Arce e a sua colheita de batatas".....83

Figura 34 A cantora Susana Baca durante o documentário Por trás de la larga noche. 90

Figura 35 Domingo a tarde na casa de uma das tias e familiares de Susana Baca..... 94

Figura 36 Susana Baca durante um dos seus shows.....98

Figura 37 Avó e neta na cidade costeira de Zaña PERU.....100

Figura 38 Música afroperuana no Bairro Histórico de Victoria, Lima.....103

Figura 39 Susana Baca.....104

Figura 40 Susana Baca dançando.....108

Figura 41 Escultura de Mulher dando a Luz, Artista Nora Kajin 114

Figura 42 - A comunidade de Sarayaku, perto do rio Bobonaza na selva amazônica de Equador..... 115

ÍNDICE

INTRODUÇÃO..... 12

1- FRAGMENTOS E RELATOS, COSMOVISÕES E GEOGRAFIAS 19

1.1. Viagens de Colombo 21

1.2. As culturas que os conquistadores foram encontrando.....23

1.2.1 Império Asteca..... 24

1.2.2. RIOS – Atores geográficos e culturais..... 27

1.2.3. Cultura Muísca..... 28

1.2.4 Império Inca..... 30

1.3 O mecanismo da nova economia..... 34

1.3.1 O impacto da Conquista para as populações originárias..... 35

1.3.2 Tráfico Humano Transatltântico..... 36

1.3.3 Colonialidade e Eurocentricidadedo Capitalismo Mundial.....38

1.3.4 Estado Atual dos recursos naturais e a modernidade descarrilada.....41

2 – O FEMININO E A DESCOLONIZACAO DAS MENTES 43

2.1 O corpo feminino durante o Regime Colonial 44

A importância das mulheres negras durante colônia – o exemplo de Paula Equiluiz 50

2.2 Diversidade e lutas globais contra o etnocentrismo e a hegemonia cultural 55

Universo Popular para Descolonização das Mentes 55

2.3 Terra, Território e Autodeterminação.....62

2.4 Floresta Africana na Diáspora.....64

Fortalezas Imateriais 66

Qhapaq Negro..... 68

3 – SUSANA BACA E NEGRITUDES AFROPERUANAS.....73

3.1 Dados da População africana no Peru..... 74

3.2 Estratégias de resistência durante o Regime Colonial 79

3.3. Mulheres negras e a sua (re) existência 89

3.4 Ventos de Memória na Voz de Susana Baca 98

4 – TRÁNSITO AMAGUAÑA E *BUEN VIVIR* ANDINO……..……..114

4.1Sumak Kawsay ou *Buen Vivir*…….....…….…….116

4.2 Riqueza e diversidade das plantas medicinais nos Andes.....119

4.3 Mujeres de Abya Yala – MAMA TRÁNSITO AMAGUAÑA (1909-2009)……..……121

4.4 O caminho da educação biligue.....124

4.5 *Nayrapacha* na cosmovisão do *Buen Vivir: o passado por vir*..... 127

CONCLUSÃO.....128

AGRADECIMENTOS.....131

ANEXOS.....133

BIBLIOGRAFIA.....137

INTRODUÇÃO

Num contexto capitalista, pós-moderno e de contínuas e mega-dinâmicas interações sociais dentro desta organização econômica mundial constituída, a maioria da informação e conhecimento que chega até nós traz consigo valores e objetivos econômicos.

A organização em blocos regionais cujas relações políticas e dados estatísticos com caracterizações demográficas vazias perpetuariam a *visão de cima para baixo*, os argumentos pejorativos e de desvalorização da diversidade social ou das razões históricas que levaram aos quadros sociais atuais.

No entanto, e por muito tempo, o registro e produção de conhecimento foi feito nestes moldes.

Um programa de pós-graduação interdisciplinar, cuja proposta visa a *Integração* do continente latino-americano me parece uma alternativa e espaço viável para a busca de conhecimentos e reflexões cujos valores são distintos dos da cultura ocidental dominante.

Assim no início da pesquisa (e ainda hoje) me perguntava: *Que América Latina quero ver?*

A América Latina que busco conhecer é a que recebeu as caravelas espanholas e portuguesas, a que resistiu aos duros e longos percursos e sujeições desde o continente africano até à chegada nos portos de Salvador, Paraty, Cartagena.

Mas muitos séculos se passaram desde o início destas práticas desumanas que impulsionaram a Revolução Industrial na Europa Ocidental e foram diversos os atores que perpetuaram e legitimaram este sistema.

Ainda que os netos e os bisnetos das sociedades originárias do continente sul-americano se esforcem para preservar e dar continuidade às práticas e tradições de seus ancestrais, as culturas perderam elementos resultantes do processo colonial, se enriqueceram com a chegada da diáspora africana e incorporaram, inclusive práticas da cultura do Homem branco.

O processo de miscigenação, ainda que rejeitado por ambas as culturas – dominada e dominante – foi base de constituição daquilo que representam atualmente as sociedades latino-americanas.

As fronteiras, recentemente estabelecidas segundo os recursos naturais cobiçados pelos países *potência*, separam povos irmãos cuja convivência e manejo territorial é milenar e de importância intrínseca à existência.

Na memória coletiva dos povos, as práticas coloniais são relatos e história de um passado muito próximo, que no caso brasileiro por exemplo, é de três ou quatro gerações atrás.

As chagas nas matas que viram desertos, nos planaltos que viram soja e na memória coletiva das nações ainda sangram com a ação das multinacionais norte-americanas chinesas e europeias.

Esta forma de extração insaciável e inconsequente dos recursos naturais, intrínseca ao sistema capitalista é uma nova forma de colonização dos países do cone sul e de expropriação do elemento básico necessário para a sobrevivência de muitos povos: o direito à terra.

Mas aos grandes e multinacionais atores fazem frente comunidades, movimentos sociais, organizações não e governamentais, cujas estratégias são também contemporâneas.

Sim, nem a colonização terminou nem as sociedades originárias continuam *intocadas* pela homogeinização tão característica do sistema capitalista. Ambos os lados estão em contínuo diálogo: singularidades se perdem mas falham também estratégias tecnicistas perante conhecimentos milenares.

Dentro da América Latina que busco ver e conhecer procuro as alternativas das comunidades às práticas e valores econômicos, a que reinventa a sua identidade mas preserva as diferenças culturais e principalmente as práticas que exemplificam outra relação com o espaço e a natureza – de respeito, integridade e comunhão. Valores tão necessários perante a lamentável realidade dos recursos naturais mundiais.

Na América Latina busco conhecer também a História das mulheres: aquela metade do continente responsável pela criação e geração de vida, cuja história foi invisibilizada pela História Ocidental que prioriza os valores inspirados na época iluminista: individualista, racionalista e racista. Mas lembrando que o próprio termo *América Latina* diz respeito a um período histórico em que a necessidade de definição regional foi originada pela divisão mundial a partir da perspectiva eurocêntrica, surge a necessidade de procurar denominações anteriores às que Napoleão Bonaparte criou.

Assim a hipóteses que orientou a minha pesquisa: *as mulheres latino-americanas enquanto guardiãs e reprodutoras dos valores não ocidentais. Como se dão*

essas singularidades andinas e afro-latinas perante um sistema que padroniza e homogeneíza?

Acredito que suas práticas, conhecimentos e crenças, fruto de tradições e valores sociais originados em contextos distintos dos ocidentais, são de extrema importância para o contexto atual de esgotamento dos recursos naturais e a deterioração das condições da vida humana assim como de muitas espécies. Procuro, também, pensar na América Latina como espaço de encontro entre estes universos que originam as lutas cotidianas de resistência cultural e ação política.

Através deles busco enriquecer e configurar o meu objeto de estudo que delimitei em três eixos prioritários: universo cultural, identidade regional e gênero.

METODOLOGIA

A TRAJETÓRIA NA PROBLEMÁTICA:

No projeto inicial buscava relacionar o número crescente de pessoas deslocadas, quer regional ou internacionalmente por conflitos armados ou crime organizado com origem na disputa por recursos naturais como água, solos ou minérios. Os estudos de caso escolhidos eram os refugiados nigerianos que se encontram no Brasil (majoritariamente em São Paulo) e na Colômbia – os deslocados internos resultantes do narcotráfico. Embora a origem dos conflitos e as legislações que serão utilizadas na resolução dos casos sejam distintos, os impactos e implicações na vida destas populações a nível psicológico, social e económico exigem uma discussão interdisciplinar do rumo da governança global atual.

No entanto a discussão da mobilidade humana por fatores ambientais e as leituras sobre o sistema econômico capitalista de caráter extrativista me trouxeram a necessidade de busca de argumentos mais construtivos e propositivos e não apenas a crítica do mesmo.

Como participar do debate e luta pela transformação de uma sociedade mais igualitária no lugar onde vivo e a partir daquilo que pretendo estudar?

Quis trazer exemplos de figuras cuja trajetória de vida e opções políticas falem por si só. Sem apropriações, explicações baseadas em teorias demasiado abstractas.

Na segunda versão mais ou menos delimitada procurava trazer exemplos femininos apresentando a cantora afro-peruana cuja trajetória na diáspora afro-latina é conhecida nos *países hispanohablantes* comparando as suas canções com narrativas autobiográficas de matriarcas de comunidades quilombolas no Estado do Maranhão, visando contribuir na discussão do movimento negro nacional. Pautar a beleza e arte do cotidiano popular (de artesãs, parteiras, mães de santo). Resgatando os estilos de vida tradicionais, aproximando as distâncias físicas e inserindo elementos subalternos na memória social latinobrasileira para demonstrar como a ideia de que o Brasil não tem muito em comum com os países sulamericanos está equivocada.

No entanto esta proposta pareceu-me insuficiente primeiro porque ela teria uma finalidade acadêmica que se esgotaria na conclusão do mestrado e não contribuiria em nada no cotidiano destas mulheres brasileira para além da normal idealização como já aconteceu diversas vezes nas pesquisa de investigação. Segundo porque os *pueblos originários* ou as sociedades autóctones resistiram tanto e junto com a diáspora afro-latina na História Latinoamericana.

Na trajetória teórica busquei argumentos pós-coloniais e autores latino-americanos e latinoamericanistas, autores de origem popular e convivência no seio das destas expressões culturais, párias perseguido em contextos autoritários, enfim pensadores ou intelectuais reconhecidos cuja linguagem, ainda que por vezes moldada pelas exigências oficiais, apresentassem sensibilidade propositiva para a transformação. Esta busca me levou ao chamado pensamento *descolonial* e necessidade de olhar para as minhas origens. Só assim poderia contribuir, aprender e caminhar junto.

JUSTIFICATIVA

A maioria das instituições de ensino superior brasileiro, à semelhança das demais instituições com herança de pensamento neocolonial, não têm correspondência com as demais esferas da sociedade quer nacional quer latino-americana.

Os fatos históricos narrados priorizam, com uma perspectiva eurocêntrica e dentro do ideal do cânone ocidental: homem branco cujos valores modernos são a razão, intelecto e individualidade.

Este paradigma de representação se desdobra quer na formulação de teorias nas diferentes áreas de conhecimento das ciências humanas, quer nas posteriores

organizações sociais onde os conhecimentos serão aplicados (com a valorização inevitável destes valores).

Neste sentido viso estudar e trazer exemplos de lideranças femininas sociais e militantes políticas, cuja defesa pela terra de suas comunidades está também expressa nas canções que adquirem um caráter político, dialogando e transformando o poder dominante.

Esta trajetória das mulheres latino-americanas como articuladoras e transformadoras da sociedade perante os condicionamentos de um mundo capitalista.
Esta trajetória das mulheres latino-americanas como articuladoras e transformadoras da sociedade perante os condicionamentos de um mundo capitalista.

Os dois eixos dentro dos quais salientaria a importância destas mulheres e o que busco evidenciar sobre a figura e significado delas seriam a) identidade regional e b) relação com a natureza.

a) **Identidade regional** – num primeiro momento a escolha geopolítica destes exemplos: cada uma de um país e região continental diferentes com histórias nacionais e organizações sociais distintas, mas cuja auto-organização de suas comunidades frente ao poder instituído de dá de diferentes maneiras (armada, política, artística e espiritual). Nas culturas sobre as quais pretendo me aprofundar – nomeadamente a maneira de ver e perceber o mundo para os povos andinos (valores quetchua e inca) e os valores trazidos o continente pelas comunidades africanas (predominantemente yoruba e jeje) - a importância da mulher e os seus papeis é inquestionável e central.

b) **Relação com a natureza –** as práticas religiosas e espirituais destes integrantes das sociedades indígenas e afro-descententes derivam de sistemas de valores e crenças complexos, ainda não totalmente compreendidos – em boa parte pela perseguição e discriminação históricas. No entanto, algo que me cativa e faz ousar uma possível comparação entre ambas é a consciência e relação para com a natureza. Para as populações indígenas em geral (predominantemente no Equador, Peru e Bolívia, mas também nas etnias no território brasileiro – em maior parte na região Amazônica, não esquecendo que a ausência de representação nas demais regiões brasileira se deve ao extermínio que continua sendo praticado até à data) existe uma noção bem clara da figura humana como apenas mais um elemento da manifestação do mundo terreno, de suas limitações e efemeridade nesta condição de vida. É dentro desta visão (por mim

brevemente resumida para este projeto de pesquisa, mas que é bastante complexa, fundamentada e plausível) que podemos tentar interpretar os princípios éticos, de complementaridade e reciprocidade andinos segundo os quais são organizados os rituais louvando as divindades a Mãe Terra – Pachamama, o Sol – Inti e a Lua e que também podemos denominar como religião xamânica.

"O xamã, especialista em *yajé* [1], é particularmente importante no ritual, como guia e protetor dos participantes. Ele realiza a mediação entre os seres humanos e os seres sobrenaturais. Negocia com os espíritos para assegurar o bem-estar da comunidade e da vida cotidiana. Assim, ele pede aos espíritos guardiães da caça para fazerem os animais saírem de suas casas subterrâneas, facilitando a caça, ou aos espíritos que influenciam o tempo para promoverem estações favoráveis à agricultura, caça, pesca coleta. Sua clarividência lhe permite ver o passado e o futuro, e, com seu poder, ele pode curar as pessoas com doenças ou desordens de comportamento de origem espiritual."

As religiões afro-brasileiras, mais especificamente o candomblé é originado pelas práticas religiosas e crenças espirituais dos negros vindos do continente africano. De forma resumida, pelo mesmo motivo supramencionado na filosofia andina, o culto às divindades – denominados de *orixás* – conta com uma prática terrena, diária e presente (o *encontro, vivência* acontece agora e não depois da morte como nas religiões cristãs). Cada *orixá* detém poderes associados a cada elemento da natureza, sua características apresentadas na mitologia são herdadas por seus "filhos". Os filhos dos orixás são seres humanos que se iniciam na religião do candomblé, cultivam essa relação e nos dias segundo o calendário religioso do candomblé recebem em seu corpo os seus guias (através da incorporação – um estado próximo ao transe),, ouvem e seguem os respetivos conselhos sobre questões referentes à saúde, vida familiar, financeira ou social. À semelhança dos rituais indígenas estes rituais derivam de uma cosmovisão também complexa e consciência ambiental comprovada.

Por muito tempo o outro foi retratado pela visão do dominador mas o que atualmente observamos é a organização surpreendentemente rápida que os meios de

[1] Infusão alucinógena preparada com a planta *Banisteriopsis* dentro da organização religiosa dos índios Siona que vivem ao longo dos rios Putumayo e Aguarico no sul da Colômbia e norte do Equador

comunicação e os grandes centros urbanos proporcionam. O outro dentro de nós que é despertado pelas inúmeras interações dos vários círculos sociais nos quais participamos. Se caracteriza pela diversidade e subjetividade e é construído incessavelmente.

Vivemos num mundo em que a capacidade de articulação é instantânea e multifuncional. Mundo no qual somos polissêmicos e "presentes" de várias formas: a participação virtual, simbólica, militante, política, familiar.

Procuremos sempre novas formas de interação, lógicas de execução dos projetos e formas de expressão. No ritmo que evite a autodestruição. Mas que deixe um legado pela responsabilidade do ato cívico.

Como nos incentiva o filósofo mexicano Bolívar Echeverría: "*A revisão da continuidade histórica oferece uma linha impecável de toque e de visão; mas esconde cicatrizes, restos de membros mutilados e até ferimentos que ainda estão sangrando, que só aparecem quando a mão ou o olhar passam mais sutilmente. (...) Mostrar que* o que é *não tem mais "direito de ser" do que* o que não era, *mas poderia ser; que por baixo do projeto estabelecido de modernidade, as oportunidades para um projeto alternativo - mais adequado às possibilidades de afirmação total da vida, que ele tem em sua essência - ainda não foram esgotadas".*[2]

[2] "El lomo de la continuidad histórica ofrece una línea impecable al tacto y a la vista; pero oculta cicatrices, restos de miembros mutilados e incluso heridas aún sangrantes que sólo se muestran cuando la mano o la mirada que pasan sobre él lo hacen a contrapelo. (…) Mostrar que lo que es no tiene más "derecho a ser" que lo que no fue pero pudo ser; que por debajo del proyecto establecido de modernidad, las oportunidades para un proyecto alternativo — más adecuado a las posibilidades de afirmación total de la vida, que ella tiene en su esencia — no se han agotado todavía."

Bolívar Echeverría, filósofo existencialista mexicano in *Modernidad y Capitalismo* (pág.9) tese 2 *Fundamento, esencia y figura de la modernidad*

1. FRAGMENTOS E RELATOS, COSMOVISÕES E GEOGRAFIAS

Figura 3- A canoa é o meio de locomoção em territórios de densa rede hisdrográfica

Defesa do território é uma das principais iniciativas dos movimentos que constituem a Rede Povos da Floresta. Foto Alice Fortes

1. FRAGMENTOS E RELATOS, COSMOVISÕES E GEOGRAFIAS

Navegações Irlandesas– Gronelândia e América do Norte

"O conceito – ou antes falácia – de que os europeus "descobriram" um Novo Mundo em 1492 d.C. ou, de maneira mais realista, por volta do ano 1000 é comum entre os europeus e seus descendentes. Os indígenas americanos, familiarizados com o seu próprio passado, sabem que os seus antecessores asiáticos "descobriram" este hemisfério já no período das glaciações; e muitos índios norte-americanos, por exemplo, acham ridículas as pretensões europeias."
Apesar disso, os europeus e euro-americanos continuam fascinados com os primeiros contatos entre os seus antepassados e os índios americanos, e tem importância inegável o fato de esse contato implicar um benefício duradouro para a população branca do hemisfério oriental e uma catástrofe sem paliativo para os povos de pele escura do hemisfério ocidental. (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 17)

"As pretensões de uma intercomunicação entre a Europa e a América do Norte no período pré-viking estão envoltas numa concepção interessada e num patriotismo étnico. Isto é verdade sobretudo no que se refere às supostas viagens dos monges irlandeses ao Novo Mundo, embora – como nos recorda o historiador inglês Geoffrey Ashe – se possa encontrar algo de verdade nas diferentes lendas que giram em torno da viagem de Brendan, um monge irlandês do século VI, em busca de um paraíso terrestre, chamado "a terra prometida aos santos". (...) O relato da peregrinação oceânica de Brendan para o norte e o oeste é referido por várias fontes de data muito posterior e era conhecido em grande parte da Europa Ocidental. Colombo se informou muito bem sobre ele antes da sua primeira expedição. Brendan e seus companheiros de hábito podem ter alcançado a Groenlândia e, em alguma outra viagem ter chegado efetivamente às terras mais temperadas do Novo Mundo continental; terras que eles teriam identificado com o paraíso terrestre que andavam buscando." (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 17)

"No entanto, não existe prova arqueológica alguma que demonstre a existência dessas viagens precoces irlandesas ao hemisfério ocidental, e mesmo a lenda de Brendan é tão repleta de maravilhas, que a maior parte deve ser fábula. Não é esse, em contrapartida, o caso das grandes explorações *vikings* por volta do ano 1000. A colonização escandinava da Islândia e Groenlândia é um fato: os filhos mais novos e suas famílias sedentos de terra, partiram das costas norueguesas, conquistaram o Atlântico Norte e estabeleceram colônias espalhadas por aquelas terras distantes. Artefatos escandinavos apareceram precisamente na ilha de Ellesmere no alto Ártico da América do Norte. Tudo isso foi possível por seus conhecimentos avançados na construção naval e na arte de navegar; as embarcações escandinavas, com seu refinamento técnico superavam amplamente as irlandesas." (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 17)

Fig. 4. **Ilha de Ellesmere, Canadá** No museu Virtual de Arqueologia do Canada nos é apresentado "um cordão de três metros de corda enrolada na pele da lebre do Ártico foi encontrado em Dorset, em Paleo-Eskimo, na ilha de Baffin (em Nunavut), por volta de 1200 dC (cerca de 800 anos atrás). Pode indicar uma presença nórdica nesta região porque é comparável aos fios encontrados em dois fragmentos de tecido de um assentamento nórdico medieval na Groenlândia. O fio é típico da cultura Viking / Nórdica, ao contrário do Inuit, que usava peles em vez de fios para roupas." [3]

1.1 As viagens de Colombo

> "A Europa do século XV sai da Idade Média, termina com o feudalismo, dinamiza as trocas comerciais através das sofisticadas operações financeiras que já incluem letras de câmbio, empréstimos e bancos. Floresce o acúmulo de capital, as primeiras grandes corporações comerciais. Mas o continente está isolado do Extremo Oriente, de onde na Antiguidade vinham as especiarias que fizeram prosperar cidades e feudos. É que turcos e mongóis fecham desde o século XIV as rotas das caravanas que buscam tais riquezas na Ásia, que na época é toda conhecida como Índia." (LIMA, 1987) pág. 68 Colômbia Espelho América

As medidas expansionistas para outros domínios territoriais como o norte do continente Africano, arquipélagos próximos às costas europeia e africana, eram resultado da estabilidade política e financeira destes regimes e visavam a extensão do domínio e influência territorial e comercial. Estas foram as razões pelas quais as Monarquias Europeias financiaram as navegações, cujos encontros se diferenciaram da chegada de outras expedições que teriam feito contato com os povos da América Central e América Sul.4

---

[3] Informação disponível no link < http://www.virtualmuseum.ca/edu/ViewLoitLo.do;jsessionid=441F83A7492160FF662B6177875008C9?method=preview&lang=EN&id=13937>

[4] No livro 1421: *The Year that China Discover the World,* 2002 Bantan Press Edition, o cartógrafo e ex oficial da Marinha Britânica, Gavin Menzies nos apresenta a teoria da elaboração da cartografia do mundo por navegadores chineses, a serviço do Imperador Zhu Di da Dinastia Ming.

> "Cristóvão Colombo era um genovês pobre, a quem os Reis Católicos, Fernando e Isabel, elevaram à dignidade de "Almirante do mar oceano e Governador geral das Índias". Depois da negativa do rei João II de Portugal a Colombo, os soberanos espanhóis concordaram a custerar uma expedição que, cruzando o Atlântico alcançasse as Índias Orientais. " (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 18)

Existem reflexões e propostas históricas, como é o exemplo dos economistas e intelectuais: mexicana Ana Esther Ceceña e ecuatoriano Pablo Dávalos, que nos relembram um outro episódio da conjuntura política europeia que poderá ter sido responsável pela dinamização das navegações ibéricas. Eles nos relembram a posição central que a cidade de Constantinopla ocupava nos círculos mercantis e como a conquista desta cidade pelo Império Otomano em 1453, poderia invisibilizar, a já marginalizada posição que a Europa ocupava, em comparação aos comerciantes árabes e as suas redes comerciais com os Impérios no Norte e Centro do continente Africano.

As monarquias ibéricas e a Igreja Católica Romana apoiaram política e financeiramente os negociantes genoveses para os seus empreendimentos ultramarinos. A análise de ambos os intelectuais contemporâneanos latinoamericanos referente ao ímpeto dos atores euro-ocidentais é de uma busca por "orientação" – "chegar ao Oriente", visto que estes conheciam a pujança econômica da Índia e do Império Chinês.

> "Quando Cristóvão Colombo descobre a atual República Dominicana, dando-lhe o nome de Hispaniola, crê ter chegado às Índias. Pelo erro crasso, o batismo branco que vai marcar os séculos seguintes da vida dos nativos: índios." (LIMA, 1987) pág. 68 *Colômbia Espelho América*

Em seu artigo *Encontro de duas culturas: América e Europa,* o cientista social Francisco Iglésias questiona a legitimidade da expressão "descobrimento" e discorre sobre a legitimação deste Marco Histórico e transição entre os períodos da Idade Média e Idade Moderna na Historiografia Europeia:

Zheng He (1371-1433), à semelhança de Colombo também estava a serviço de um monarca: Zhu Di (1360-1424). He era um eunuco muçulmano mongol, subserviente ao imperador chinês. Sua missão não consistia em conquistar territórios, pilhar e matar a população, como fizeram os europeus. O imperador Di, sonhava em descobrir o mundo, mapeá-lo e converter nações "bárbaras" em parceiras comerciais, em harmonia confuciana, com paz e tolerância.
No livro são apresentadas as trajetórias dos 130 navios, com cerca de 3 mil pessoas a bordo a serviço do Imperador chinês que passariam pelo Oceano Índico (almirante Yang Oing), o Pólo Norte, a costa norte-americana, o Caribe, a Groenlândia e a Sibéria (Zhou Wen), Para o sul, navegaram Hong Bao e Zhou Man. Ambos aportaram na costa do Nordeste do Brasil em meados de 1421. Depois, Man atravessou o Pacífico, mapeou a região e descobriu a Austrália e a Nova Zelândia - 300 anos antes de James Cook. Bao avistou a Antártida. A maior parte dos navios de He naufragou. Destroços deles foram encontrados no Peru.

> "Falou-se fartamente de descobrimentos realizados pelos portugueses e espanhóis na costa ocidental da África e em ilhas do Oceano Atlântico. E multiplicam-se as datas de revelação de realidades geográficas ou humanas, desde a ilha de Porto Santo, em 1418, a dezenas de outras, bem como acidentes do litoral do continente africano. Alguns acontecimentos tiveram enorme ressonância, como a passagem do extremo sul, chamada Cabo das Tormentas ou Cabo da Boa Esperança, em 1488, por Bartolomeu Dias, desfazendo-se uma das lendas da geografia medieval. Ou a de Cristóvão Colombo, genovês a serviço da Espanha, em 1492, com a revelação do Novo Mundo ou da América. A do português Vasco da Gama, que chegaria à Índia em 1498, agora pela via marítima. Entre 1519 e 1522 é feita a primeira viagem de circunavegação, iniciada pelo português Fernão de Magalhães e concluída por Sebastian del Cano." (IGLÉSIAS, 1992) pág.1

A precisão ou veracidade destes fatos históricos é objeto de análise, discussão e de divergências de opinião, visto que apresenta contradições, devido aos inúmeros interesses envolvidos. No entanto é importante ressaltar a diferença da chegada das culturas ibéricas no Continente Americano, quando comparadas com os navegadores *Vikings* e chineses.

> "Uma prolongada disputa diplomática entre a Espanha e Portugal levou o papa Alexandre VI a traçar uma linha de norte a sul, que dividia o mundo entre as duas nações em 1494, essa linha se estabeleceu por mútuo consentimento (no Tratado de Tordesilhas)." (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 18)

1.2 AS CULTURAS QUE OS CONQUISTADORES FORAM ENCONTRANDO

No momento em que as embarcações Ibéricas chegaram existiam povos e civilizações com sistemas culturais milenares que se desenvolviam e organizavam de diferentes modos ao longo do continente. Pelas relações históricas e de sociabilidade orgânica os povos originários que viviam nos arquipélagos do Caribe tinham origens comuns com as etnias que povoavam no norte do Continente Sul-Americano – as terras da atual Colômbia, Venezuela e as Guianas. As civilizações da América Central até ao atual Panamá tiveram relações e influências mútuas com as culturas que desenvolveram na região do Novo México, Utah, Arizona e no vale do Mississípi.

O primeiro desembarque às ilhas de Cuba e *La Hispaniola*, Cristóvão Colombo em 1492 nos é relembrado por Eduardo Galeano: *"Ele não podia cansar os olhos de ver tanta beleza nessas praias, e em 27 de novembro ele profetizou: Toda a cristandade terá negócios nelas. E nisso ele não estava errado. Colombo acreditava que o Haiti era*

o Japão e que Cuba era a China, e acreditava que os habitantes da China e do Japão eram indianos da índia; mas nisso ele se equivocou."[5] Ser como ellos y otros artículos, México, 1992

> "Alguns recebem os visitantes vestidos com adornos de ouro. Basta este relato para atiçar na Europa a cobiça das riquezas abundantes. Porque as nações europeias vão precisar dos metais preciosos como *alimentos* de seu desenvolvimento econômico." (LIMA, 1987) pág. 68 Colômbia Espelho América

Nas palavras do Eduardo Galeano "*Em 12 de outubro de 1492, o Capitalismo descobria a América. Cristóvão Colombo, financiado pelos reis de Espanha e os banqueiros de Génova, trazia a novidade às ilhas do mar do Caribe. No seu diário de Descobrimento, o Almirante escreveu* ***139 vezes a palavra ouro*** *e 51 vezes a palavra Deus ou Nosso Senhor."* Ser como ellos y otros artículos, Siglo Veintiuno Editores, México, 1992

1.2.1 IMPÉRIO ASTECA

> "**Línguas indígenas na Mesoamérica**
>
> Mais de 200 foram as línguas antigamente faladas no México e na América Central. As análises linguísticas agruparam a maioria delas em 22 famílias, 19 das quais podem ter formado quatro grandes troncos (phyla) ou grupos de famílias linguísticas relacionadas por uma origem em comum. Há três famílias que parecem não ter relação com as outras: o tarasco (a língua de um podroso reino ao oeste do México); o huave, na costa meridional do istmo de Tehuantepec e a xincalencano da Guatemala e Honduras.
> A família de maior extensão na Mesoamérica foi a aztecoidiana, conhecida desde México até à Costa Rica. Sua língua mais importante foi a nahuatl, verdadeira língua franca do Império asteca.
> A família linguística mais coerente foi a maia, distribuída quase sem interrupções, sendo a huasteca a única exceção além da costa do golfo do México, sem que se saiba o por quê da sua separação do resto das línguas maias."(COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 87)

Na região da América Central os europeus encontraram civilizações complexas, com notável desenvolvimento econômico, organização social e política, vastos

[5] **Citação original:** *Él no podía cansar los ojos de ver tanta lindeza en aquellas playas, y el 27 de noviembre profetizó: Tendrá toda la cristiandad negocio en ellas. Y en eso no se equivocó. Colón creyó que Haití era Japón y que Cuba era China, y creyó que los habitantes de China y Japón eran indios de la India; pero en eso se equivocó."* Trecho retirado em abril de 2016 do artigo publicado no dia 12/10/2007 no portal http://www.ecoportal.net/Eco-Noticias/12-de-octubre-Nada-que-festejar-para-Abya-Yala.-Por-Eduardo-Galeano

conhecimentos astronômicos e matemáticos e minuciosa produção artístico-cultural. As civilizações que os navegadores encontraram no continente, nomeadamente a Azteca e a Tolteca, tinham sido antecedida e influenciadas pela cultura Olmeca e pela de Teotihuancán e a cultura Maia. Contavam com escrita hieroglífica e uma tradição histórica guardada em anais. Estas culturas são objeto de incessantes estudos dada a riqueza e complexidade que apresentam, embora a sua compreensão nunca atingirá a totalidade visto que se perderam importantes informações com a chegada e conquista Espanhola. Tenochtitlán, a capital da civilização azteca, fora construída por cima de um lado e contava com complexo planejamento urbano e pontes, aquedutos com água potável vinda das montanhas para os 100 a 300 mil estimados habitantes.

> "O profundo desespero de Motecuhzoma Xocoyotzin, o tlatoani do império Asteca, está atestado em um grande número de fontes. Angustiado pelas predições da ruína de seu povo; aterrorizado por todo o tipo de augúrio e fatos estranhos que se deram durante o seu reinado. (...)
> Hermán Cortés não era um insensato, tratado como a "Serprente Emplumada" que havia retornado, colocou-se com audácia à frente de suas tropas, reforçadas pelos tributários descontentes do império Asteca, e adentrou até o coração da própria capital, acabando por vencer a última e umas das maiores civilizações do Novo Mundo." (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 149)

Hernando Cortéz chega e destrói a cidade de Tenochtitlán em 1521. A estratégia de ocupação espanhola perante estas tão avançadas civilizações fora a destruição das capitais e principais cidades e fundação de novos povoamentos espanhois que seriam os centros do poder colonial. Assim em 1535 já existia a cidade do México no lugar da antiga capital Tenochtitlán.

Tenochtitlán, a capital do Império Asteca

> "Na atualidade, a antiga capital asteca está desaparecida, virtualmente debaixo da moderna cidade do México. Cortés e seus sucessores demoliram os templos, substituindo-os por igrejas. A arquitetura doméstica teve o mesmo destino porque o objetivo dos espanhóis eram colonizar e ao mesmo tempo conquistar. (...) O esplêndido edifício real de Tenochtitlán foi usurpado para residência do vice-rei espanhol. A fim de que pudessem gozar dos frutos da conquista, foi preciso manter de prontidão uma força militar. Depois que a estrutura do poder indígena já estava aniquilada por consequência da morte ou dispersão dos chefes astecas de maior prestígio, o controle espanhol soube fortalecer-se utilizando um território geográfico que a administração governamental e religiosa dos astecas já tinha organizado. " (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 150)

No mapa que segue estão apresentadas as estratégias militares que os Espanhóis levaram a cabo para efetivar a Conquista. A azul temos a primeira viagem de Cristóvão Colombo entre 1492-1493 às ilhas de Cuba e *La Hispaniola* (atual Haiti e República Dominicana). Foi nestas duas ilhas que os navegadores se estabeleceram e organizaram para a Conquista dos complexos urbanos e sua posterior dominação.

Fig. 5. Cronologia da Conquista Espanhola . Fonte: A História das Civilizações: A América Pré-Colombiana pág. 20)

1.2.2. RIOS – ATORES GEOGRÁFICOS E CULTURAIS

AMAZONAS

> "O Rio Amazonas faz parte de um complexo sistema fluvial com numerosos afluentes. O leste da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia inserem-se nesse sistema a que também pertencem Brasil e Venezuela. (...) Em torno de 5 000 a.C., já havia alguns povoadores ao longo do rio. A foz amazônica é dividida em três regiões culturais: alto, médio e baixo Amazonas. Pode-se mesmo afirmar que o alto Amazonas estende-se até abaixo da as confluência com o Rio Madeira, o maior afluente meridional do Amazonas (ficando atrás somente do Rio Negro).
>
> Na foz amazônica, falaram-se muitas línguas, claro sinal de convivência entre numerosos povos". Entre tais línguas está o arahuaco, pertencente ao mesmo tronco linguístico que o taíno, das Antilhas. Acredita-se que o povo de língua arahuaca tenha se desenvolvido no curso inferior do rio e depois se dispersado semicircularmente até ao alto de Amazonas e o Orinoco (é possível alcançar o Orinoco de canoa, partindo do Amazonas), para, uma vez estabelecido no curso baixo desse rio, estender-se ao longo da costa, passando depois a Trinidad e as Antilhas." (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 167)

O documentário A Amazônia Desconhecida[6] menciona uma pesquisa arqueológica que comprova a existência de ocupação humana e práticas de cultivo e agricultura na floresta há 11 000 anos.

ORINOCO

Num artigo no reconhecido site argentino de educação ambiental Ecoportal, o ambientalista Heryck R. Rangel Hernández fala dos Warao. Trata-se de um povoado que vive na beira dos braços sedimentares formados pelo delta do rio Orinoco e cujos ancestrais recordam de quando a ilha de Trinidad Tobado estava unida ao continente – aproximadamente há 8500, 9000 anos atrás.

> "A maneira específica como cada grupo constrói sua memória coletiva dependeria em parte da história de migrações que o grupo realizou no passado. A memória espacial nem sempre se refere a um lugar primordial de origem do grupo, mas pode se modificar para atender a novas circunstâncias e movimentos. Os Waiãpi, por exemplo, em meados do século XVII, começaram uma migração – que durou quase um século – desde seu lugar de habitação no rio Xingu, até às áreas que hoje são o estado de Amapá no Brasil e a Guiana Francesa. Pesquisas sobre a etnohistoriografia dos Waiãpi mostram como "reconstroem o tempo e o espaço de sua experiência de contato" no qual eles rememoram e reinterpretam eventos que vêm, declaradamente, do passado." (Little, 2002), pág. 11

[6]Disponível no link < https://www.youtube.com/watch?v=fojKZrIRVmE >

MAGDALENA

"A Cordilheira dos Andes entra pelo sul subindo o Equador e dividindo-se em três cadeias de montanhas – as Cordilheiras Oriental, Central e Ocidental – que seguem paralelas um tempo, abrindo-se depois a Oriental para a direita, rumo à Venezuela, e a Ocidental à esqueda, no sentido do Panamá. (...) Entre as Cordilheiras Oriental e Central, num vale, corre de sul a norte o Rio Magdalena, indo desaguar no Atlântico, perto da cidade de Barranquilla. (...) O Magdalena consegue a proeza de evitar a Amazônia exatamente porque as duas cadeias de montanhas que sobem para o norte e nordeste formam um paredão de proteção, empurrando o rio para o Caribe. Por esse capricho da natureza, os colombianos ganharam no Magdalena o seu rito de integração nacional, canal básico de conquista do território e depois via natural de exportação, para o mar, das riquezas que fizeram a história econômica da Colômbia. **Ouro** e café, principalmente." (LIMA, 1987) pág. 28/29 Colômbia Espelho América

"Era 1538, o conquistador chamava-se Gonzalo Jiménez de Quesada, general que partira do litoral de Santa Marta, para descobrir as nações civilizadas que diziam haver no interior. Santa Marta já existe no Caribe desde 1525 primeira cidade fundada na Colômbia." (LIMA, 1987) pág. 68 Colômbia Espelho América

1.2.3. CULTURA MUÍSCA

"Os muíscas atribuíam valor material aos metais. Produziam ricas peças ornamentais que simbolizavam o valor social de seus ostentadores. Nas guerras, saíam de coroas e jóias, diademas e canudinhos de ouro, que esperavam nas narinas e lábios para representar o número de inimigos abatidos.(...)

Mais do que tudo, porém, vale nesse tempo o significado cerimonial. Para vários povos

pré-hispânicos, o sol é o princípio masculino que fecunda a Terra. Seu poder é transferido ao ouro, que se torna semente do sol no planeta. Entao usar o outro é sinômino de operações alqumistas, de contato com a divindade que tudo gera na vida. O Templo do Sol, que os muíscas destroem em Tunja ao se aproximar o conquistador Quesada, pode ser como um similar inca, sítio de ouro que serve de bateria solar, instrumento energético de curar os enfermos." (Lima, 1987) pág. 67 Colômbia Espelho América

Fig. 6 Representação do El Dorado pela cultura Muísca. O El Dorado é aqui representado como uma grande figura sentada num banco ou trono, sobre uma jangada, usando jóias e rodeado po figuras mais pequenas. Ao ascenderam ao poder, os governantes Muíscas, cobertos de pó de ouro, faziam oferendas ao lago Guatavita. As tentativas para esgotar a água do lago a fim de encontrar ouro começaram a ser feitas no século XVI., mas nunca foi totalmente esvaziado. Fonte *América Antiga* (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 181)

Para as culturas que chegavam, o encontro representava um vasto, quente e fértil território, cujos povos, solidários e receptivos, constituíriam uma mão-de-obra local sem grandes relutância e uma via de acesso aos metais preciosos que adornavam estas culturas. Foi esta a memória política que a Coroa Espanhola e Portuguesa, começou a cunhar desde cedo, nas esferas social, religiosa e econômica.

Cada região do continente recebia uma denominação segundo a cosmovisão do seu povo. Os Tupiniquins, povos nativos que habitavam a região do Brasil chamavam a terra de Pindorama, que em sua língua – tupi/guarani – significa terra, local de muitas palmeiras. Em 1500, com a sua chegada, os portugueses batizaram a *nova* terra que encontravam de Ilha de Vera Cruz. Posteriormente se chamou Terra dos Papagaios, Terra Santa Cruz do Brasil, Terra do Brasil, e finalmente devido ao pau-brasil, uma árvore cuja madeira foi muito valiosa, passou a se chamar Brasil. O povo Kuna, originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, já habitou a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala, denomina o seu território de Abya Yala que significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento. O nome que se compõe de "Abe", que significa "sangue" e "Ala", que significa espaço, território, que provém da Grande Mãe.[7] A região da região de *Tawantinsuyui*, hoje denominados como países Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina, contou com uma unidade e organização política e cultural que fazia parte do Império Inca no momento da conquista Espanhola.

[7] http://www.ecoportal.net/Temas-Especiales/Pueblos-Indigenas/ABYA-YALA-el-verdadero-nombre-de-este-Continente site e argentino criado no início do ano 2000 com o objetivo de ser um espaço de informação , consulta e educação ambiental.

A relação de valores para com a terra de destino por parte dos navegadores se evidencia com a própria denominação atribuída pelos mesmos. Nas primeiras viagens de Cristóvão Colombo, os navegadores julgavam estar nas Índias, que tanto almejavam. Assim o nome de América, foi associado ao continente devido ao navegador Américo Vespúcio, ainda que este tenha chegado depois de Colombo. Mais tarde os colonizadores distinguiriam a América colonizada pelos latinos (espanhois e portugueses) da América colonizada pelos britânicos.

1.2.4 IMPÉRIO INCA

Em busca das notícias da existência do *El Dorado* Francisco Pizarro inicia a expedição de conquista no território sul-americano, conhecendo os Imperadores e a cultura Inca.

Muitos são os relatos que persistem com o passar do tempo, na memória coletiva do povo Quéchua. Um destes é do filósofo e historiador Miguel León-Portilla. Em seu livro *A Conquista da América Latina vista pelos Índios: Relatos Astecas, Maias e Incas,* este grande pensador mexicano nos esclarece a trajetória e fatos sucessivos no novo rumo que a História do continente tomou.

Os governantes Incas não foram tomados desprevenidos. Contando com o complexo sistema de organização e comunicação que a região de Tawantinsuyu, controlada pelo Império Inca tinha, os *chasquis*, mensageiros do Inca, já tinham comunidado a Atahualpa aproximação dos barbudos a Cuzco – atual capital do Império Inca.

> "O "***Qhapaq Ñan***" era o principal caminho de onde partiam uma série de caminhos laterais que vinculavam o eixo longitudinal com todos e cada um dos povoadoslocalizados nas cimas, quebradas e ladeiras da cordilheira. De todos os pontos era possível chegar à rede linear ou radial, de acordo às necessidades do território. Dessa maneira, os produtos da terra podiam transitar de um extremo ao outro do país, seguindo a demanda de projetos e necessidades, e conectando com a máxima eficiência vizinhos próximos e longínquos (…). O caminho permitia que os "chasquis" mensageiros do Inca, levassem notícias em pouco tempo, facilitando a intervenção do estado em todas as instâncias administrativas nas que este estava comprometido.
>
> (…) O caminho dos Incas causou uma explicável surpresa aos espanhóis que o encontarram em pleno funcionamento. Espetáculo sim, de harmonia e segurança, que se combina com o que oferece a paisagem andina, diversa e policromada. Dos mais de

7 000 kms de longitude que tem a cordilheira dos Andes, uns 5 000 foram cobertos pelo Qhapaq Ñan."

Qhapaq Ñan Grande Caminho Inca - Patrimônio Cultural da Humanidade, Exposição organisada pelo Consulado Geral do Peru em São Paulo, Memorial da América Latina, outubro/2015

Fig.7 Trecho do Qhapaq Ñan, declarado Património Mundial pela UNESCO

Fig.8 Parte do Qhapaq Ñan: Ponte Q'eswachaka sobre o rio Apurimac distrito de Quehue, provincia de Canas na região de Cuzco, sul do Peru.

Fig. 9 Organização da Conquista na América Espanhola. Fonte: A História das Civilizações: A América Pré-Colombiana pág. 22

Uma análise à figura 7 nos permite observar que a organização da Conquista espanhola aos territórios sul-americanos só foi possível pela utilização dos caminhos construídos pela habilidade e tecnologia desenvolvidas pelos povos originários do continente que compunham o Império Inca. Apesar do poder estatal enfraquecido pela discórdia entre o Imperador Atahualpa e o seu irmão Huàscar, o Império Inca resistiu durante 40 anos à Conquista e colonização Espanhola[8]. A fundação da cidade de Lima

[8] Em seu livro de relatos sobre a conquista da América Latina León-Portilla descreve a tragédia humana que a queda do Império Inca significou para toda a população e como este fato reside na memória e consciência coletiva, do qual hoje em dia ainda são feitas peças de teatro em Quechua. Pág. 127

visava a impossibilidade de mobilização da população local e consolidação do Sistema Colonial que se fundava.

Fig. 10 Pendente antropomórfico de ouro elaborado pelas culturas pré-colombianas andinas Fonte *América Antiga* (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 203)

As figuras 8 e 9 são delicados e elaborados exemplos daminuciosidade na representação das cosmovisões pré-colombianas. A primeira é um pendente antropomórfico com 13 cm de altura, com um complicado toucado com duas aves, animais de perfil e motivos vegetais ondulantes. A máscara representa um morcego e é um dos antigos e belos trabalhos da cultura Tairona, do Nordeste da Colombia.

O segundo exemplo de arte pré-colombiana é o *Tumi*, Este punho representa um Deus do Céu ou da Lua com uma face repuxada e um toucado semicircular com beija-flores suspensos. Instrumento utilizado nas operações cirurgicas que estas culturas realizavam. Fonte *América Antiga* (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 203)

Fig.11 *Tumi* ou faca com punho muito decorado, cultura Sicán da costa norte do Peru Fonte *América Antiga* (COE, SNOW, BENSON, 2006, pág. 203)

1.3 O MECANISMO DA NOVA ECONOMIA

O dia era 12 de outubro de 1492 no calendário greco-romano. Ou melhor: dia 286, na 42ª semana do ano Matlactliomei Técpatl, segundo o calendário azteca? A fusão destas diferentes temporalidades foi um encontro, nada pacífico ou orgânico, entre as populações nativas do continente americano e a região do Caribe e da América Central com a chegada abrupta com consequências inmensuráveis de navegadores da Europa Ocidental, que traziam consigo suas motivações, crenças sobre a realidade, objetivos e estratégias mercantis.

Desde o momento da chegada dos navegadores, os seus interesses e estratégias de ação de organizavam e colocam em ação. As trocas de produtos trazidos nas caravelas por peças manejadas pelas culturas locais e a admiração sobre as riquezas encontradas evidenciavam o rumo da nova economia que os europeus iriam impôr.

Com a expansão marítima europeia e o que ficou conhecido com *Descobrimento da América* todos os povos encontrados passam a ser homogeinização sob a denominação de índios, pelo equívoco e crença de terem encontrado as Índias.

> "A legitimação da conquista e da colonização estava assegurada antes da ocupação e até do descobrimento. **O Tratado de Tordesilhas, do ponto de vista da legalidade é emblemático porque revela o contexto sobre o qual se estabeleceria a discussão jurídica (posse, terra, autonomia) nos países latinos do continente**. As

Constituições Nacionais que reconheceram a diversidade cultural e o carácter pluriétnico dos estados nacionais na América só vão aparecer nos meados dos anos 80 do séc. XX" analisa a pesquisadora Hellen Cristina de Souza, coordenadora do Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade, da Universidade do Mato Grosso." (ORTIZ, 2011, pág. 31)

1.3.1 O IMPACTO DA CONQUISTA PARA AS POPULAÇÕES ORIGINÁRIAS

"Quanto aos habitantes do *Novo Mundo*, mesmo as denúncias de maus tratos a que eram submetidos desde os primeiros anos da conquista, que tiveram em vozes como a de Frei Bartolomeu de Las Casas, um precursor da defesa da humanidade e dos direitos dos povos indígenas, não foram suficientes para impedir uma espécie de pacto não declarado entre a Igreja Católica e as Coroas Ibéricas para não opor obstáculos à ação dos colonizadores. Inclusive, no caso específico da região de posse portuguesa que viria a constituir-se mais tarde no Brasil, esse pacto abriu caminho para a evangelização dos habitantes nativos por parte das missões religiosas." (ORTIZ, 2011, pág. 31)

"A aventura e empreendimento da conquista e posteior implantação de um sistema colonial implicaram em imposição das leis e crenças, apropriação da terra e riquezas dos habitantes nativos e com consequências gravíssimas para a integridade e subsistência desses povos. O controle dos espanhóis sobre o território e a submissão dos diferentes povos materializou-se através da fundação de cidades fortificadas, distribuição de terras a soldados da Coroa como pagamentos por serviços prestados e até a repartição de índios subjugados a espanhóis, através do sistema de *encomiendas*. (...)

No sul do Chile, as investidas espanholas para o controle territorial esbarraram na resistência dos Mapuches, que com espírito libertário e guerreiro, defenderam durante trezentos anos a região da Araucanía contra a dominação dos conquistadores, obrigando-os a negociar uma série de pactos0 ou parlamentos." (ORTIZ, 2011, pág.34)

"Ao longo de cinco séculos, nas três Américas ocorreu um extermínio dos povos indígenas. Estima-se que por volta do ano 1500 haveria 80 milhões de habitantes nativos falando duas mil línguas diferentes nessa região do planeta**. Dessa população original, cerca de 70 milhões foram dizimados nos primeiros cem anos de colonização europeia**, de acordo com estimativas feitas pelo historiador Tzvetan Todorov. Teríamos, desta forma, o maior genocídio da história, em que foram utilizadas algumas táticas infelizmente ainda comuns nos dias de hoje: epidemias, fome, deslocamentos forçados, confinamentos, guerras e trabalhos forçados." (ORTIZ, 2011, pág. 21)

O exemplo do México é dramático: dos 25 milhões de índios que, estima-se, habitavam na região quando Hernan Cortés e seus soldados desembarcaram em Veracruz, a população teria caído para 1 milhão e 250 mil pessoas em apenas cem anos. Hoje,há entre 9 e 13 milhões de mexicanos indígenas, em mais de 60 etnias sobreviventes. Dos supostos 9 milhões de indígenas que habitavam o império Inca (Peru, Equador, Bolívia

e Norte do Chile), **6 milhões e 400 mil teriam sido dizimados num período de cem anos**.

No Brasil, a população estimada em 3,5 a 5 milhões na época da chegada de Cabral estaria reduzida hoje a 216 povos ou etnias que se organizam em pouco mais de 3,5 mil aldeias em cerca de 600 terras indígenas demarcadas e homologadas ou em processo de homologação**. "O extermínio dos povos indígenas revela uma violência de aspecto silencioso. Estigmatizados como selvagens, os índios são assassinados, explorados, enganados e perseguidos. É uma violência que esconde o preconceito de um país que não assume a sua plurietnicidade e não aceita que as pessoas possam viver com costumes diferenciados dentro do mesmo país",** afirma um relatório do Cimi – Conselho Indigenista Missionário – sobre o genocídio dos povos indígenas." (ORTIZ, 2011, pág. 41)

Esta nova temporalidade imposta às populações nativas do continente se caracterizou pelo saqueio de suas cidades, as inúmeras mortes provocadas pela violência da conquista e pelas doenças desconhecidas que chegaram com a dominação europeia. A este panorama social foi acrescida a introdução dos povos africanos que começavam a ser arrancados de diferentes regiões do seu continente onde começava a estabelecer-se o caminho para o que viria a ser o maior comércio humano transatlântico.

1.3.2 TRÁFICO HUMANO TRANSATLÂNTICO

"A eliminação física das populações autóctones, somada à voracidade dos europeus para explorar o ouro, o açúcar, o algodão, o cacau e outros recursos que abundavam nas Américas, levou os colonizadores a acelerar os processos de escravização das pessoas na África." (ORTIZ, 2008) pág. 86[9]

"Antes do século XV, quando os europeus ainda não tinham estabelecido relações comerciais na bacia do Atlântico e no oceano Índico, os escravos eram utilizados no interior das sociedades da África Subsaariana, como concubinas, criados e soldados, além de serem uma das principais mercadorias de exportação para o deserto do Saara, mar Vermelho e oceano Índico. Os cativos podiam ser obtidos em guerras entre os próprios estados africanos, incentivadas por processos de expansão. Nesse caso, os povos subjugados passavam a ser tributários e submetidos à servidão. As disputas políticas motivadas, por exemplo, por rapto de mulheres das linhagens mais importantes, resultavam igualmente na escravização das pessoas. Na tentativa de sobrevivência, a fome ocasionava a venda de si mesmo ou de parentes, e os castigos penais por crime ou por dívida eram outros meios de escravização na África." (MATTOS, 2007, pág.65)

[9] **Citação original:** "La eliminación física de los aborígenes, sumado a la voracidad de los europeos por explotar el oro, el azúcar, el algodón, el cacao y otra serie de recursos que abundaban en América, llevó a los colonizadores a acelerar los procesos de esclavización de personas en África."

A escolha da mão-de-obra africana contava com a precisa consciência dos mercadores europeus sobre as técnicas e manejos da terra e produções agrícolas e capacidades desenvolvidas na extração mineira que as sociedades africanas possuíam.

> "Outro infortúnio da África foi o fato de a força de trabalho ter alcançado esse nível de habilidade agrícola, pastoral e técnica que os europeus precisavam, que estavam empenhados em conquistar o *Novo Mundo* e transformá-lo em plantações e minas. Além disso, embora os historiadores ainda estejam debatendo quantas pessoas de fato deixaram o continente, a maior parte das Americas recebeu africanos. **Além disso, sem o valor, a habilidade e a fertilidade dessas pessoas, seria muito difícil para os europeus subjugarem, se estabelecerem e desenvolverem o Novo Mundo. O trabalho africano fez muito para facilitar a ascensão do capitalismo industrial e, com ele, a hegemonia européia sobre o globo.**" (SKINNER,1993) pág. 13[10]

Desta forma a nova economia que se instaurava no continente que mais tarde viria a ser chamado de América, tinha sido definida e planejada numa estrutura triangular de tráfico humano do continente africano, cultivo agrícola e extração mineira das terras no *novo* continente e escoação e encaminhamento da produção para o continente europeu. Nas terras conquistadas os *indios* ou *indígenas* e as populações africanas, ambos reduzidos a mão-de-obra, cultivavam cana de açucar, tabaco, algodão e café e extraíam a abundância de ouro e prata que ainda existia.

> No decorrer do século XVI, o tráfico de escravos era obra de navegadores e piratas particulares. A partir do século XVII, passa a ser exercido por grandes empresas. Elas são responsáveis pelo comércio no Atlântico e a exploração das colônias. Elas organizavam também a instalação de fábricas, a construção de fortes e armazéns para armazenar escravos." (ORTIZ,2008) Pág. 89[11]

Assim, as grandes companhias que representavam interesses de diferentes nações europeias organizam as suas atividades numa lógica internacional e totalmente desumana.

---

[10] **Citação original:** "African's other misfortune was that it's Manpower had achieved that level of agricultural, pastoral, and technical skill that was needed by the Europeans, who were bent on conquering the New World and transforming it into plantations and mines. Further, althought historians are still debating how many persons did in fact leave the continent, most parts of the Americans received Africans. **Moreover, without the valor, skill, fertility of these persons, it would have been very difficult indeed for Europeans to subdue, settle, and develop the New World. African labor did much to facilitate the rise of industrial capitalism, and with it European hegemony over the globe.**"

[11] **Citação original**: "En el transcurso del siglo XVI el tráfico negrero fue obra especialmente de navegantes particulares y piratas. A partir del siglo XVII pasa a ser ejercido por grandes compañías. Ellas se encargan del comercio en el Atlántico y de la explotación de las colonias. Organizan también la instalación de factorías, la construcción de fuertes y bodegas para almacenar esclavos."

A organização das navegações, exploração e colonização no continente americano fazia parte de um contexto muito maior, no qual todas as Monarquias europeias da época tinham interesses e financiavam.

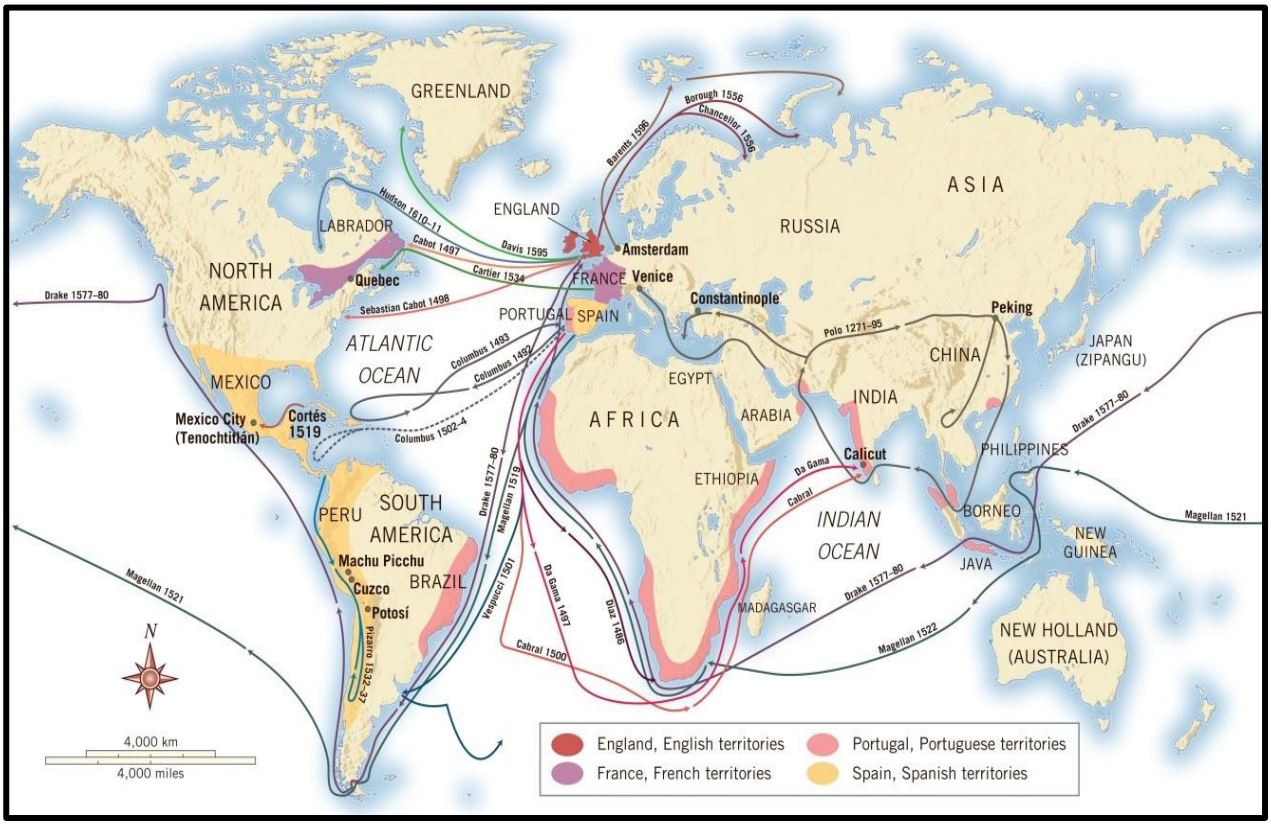

Fig.12 Início das navegações europeias, Séc XV e XVI. Fonte Departamento de História Universidade de Humboldt. Link disponível em <http://users.humboldt.edu/ogayle/hist110/expl.html>

1.3.3 COLONIALIDADE E EUROCENTRICIDADE DO CAPITALISMO MUNDIAL

> "A monetização progressiva do mercado mundial que os metais preciosos da América estimularam e permitiram, assim como o controle de tais enormes recursos, possibilitaram que os europeus controlassem a vasta rede preexistente de trocas comerciais que incluía, acima de tudo, China, Índia, Ceilão, Egito, Síria, os futuros do Extremo Oriente e Médio Oriente. Isso também possibilitou que eles concentrassem o controle do capital comercial, mão-de-obra e recursos de produção no mercado global como um todo. E tudo isso foi, posteriormente, reforçado e consolidado através da expansão da dominação colonial branca sobre a diversificada população mundial." (QUIJANO, 2000, p. 21)[12]

[12] **Citação original:** La progresiva monetización del mercado mundial que los metales preciosos de América estimulaban y permitían, así como el control de tan ingentes recursos, hizo que a tales blancos les fuera posible el control de la vasta red preexistente de intercambio

As notícias que chegavam sobre as riquezas materiais, complexidades nas relações culturais e a diversidade social encontradas no novo continente começam a despertar a curiosidade e interesse dos outros viajantes. Financiados pelas Coroas ou pelas próprias fortunas diferentes cronistas ou ilustres enviados começam a chegar com as caravelas para anotar e levar de volta os seus relatos sobre os mundanos e suas crenças.

> “"Em suma, o sucesso da Europa Ocidental em se tornar o centro do moderno sistema mundial, de acordo com a formulação adequada de Wallerstein, desenvolveu nos europeus uma característica comum a todos os dominadores coloniais e imperiais da história, **o etnocentrismo**. No caso europeu, esse traço tinha uma justificativa e justificativa peculiares: a classificação racial da população mundial depois da América. A associação entre os dois fenômenos, o etnocentrismo colonial e a classificação racial universal, ajuda a explicar por que os europeus foram levados a sentir-se não apenas superiores a todos os outros povos do mundo, mas, em particular, naturalmente superiores.
>
> **Essa instância histórica se expressou em uma operação mental de fundamental importância para todo o padrão de poder mundial, especialmente no que diz respeito às relações intersubjetivas hegemônicas e, principalmente, à sua perspectiva de saber: os europeus geraram uma nova perspectiva temporal da história e reapersentaram aos povos colonizados, e suas respectivas histórias e culturas, no passado de uma trajetória histórica cuja culminação era a Europa.”** (QUIJANO, 2000, pág. 22)[13]

Colonizar significaria também “civilizar” povos ignorantes sem cultura, moral, literatura, indústrias, comércio, ciência e religião, sempre de um ponto de vista intolerante e europeu.

---

comercial que incluía, sobre todo, China, India, Ceylán, Egipto, Siria, los futuros Lejano y Medio Oriente. **Eso también les hizo posible concentrar el control del capital comercial, del trabajo y de los recursos de producción en el conjunto del mercado mundial**. Y todo ello fue, posteriormente, reforzado y consolidado a través de la expansión de la dominación colonial blanca sobre la diversa población mundial

[13] **Citação original**: "En fin, el éxito de Europa Occidental en convertirse en el centro del moderno sistema-mundo, según la apta formulación de Wallerstein, desarrolló en los europeos un rasgo común a todos los dominadores coloniales e imperiales de la historia, el etnocentrismo. Pero en el caso europeo ese rasgo tenía un fundamento y una justificación peculiar: la clasificación racial de la población del mundo después de América. La asociación entre ambos fenómenos, el etnocentrismo colonial y la clasificación racial universal, ayuda a explicar por qué los europeos fueron llevados a sentirse no sólo superiores a todos los demás pueblos del mundo, sino, en particular, naturalmente superiores.

Esa instancia histórica se expresó en una operación mental de fundamental importancia para todo el patrón de poder mundial, sobre todo respecto de las relaciones intersubjetivas que le son hegemónicas y en especial de su perspectiva de conocimiento: los europeos generaron una nueva perspectiva temporal de la historia y re-ubicaron a los pueblos colonizados, y a sus respectivas historias y culturas, en el pasado de una trayectoria histórica cuya culminación era Europa.”

Usa-se a força como instrumento de superioridade cultural, para mudar velhos padrões de uma sociedade tribal e para impor o trabalho forçado. Eles (os nativos de ambos os continentes deste "novo mundo") diziam os colonizadores evolucionistas, são seres sem alma em estado de evolução, são os seres que um dia fomos, no passado.

No caso do continente latino-americano há dois fatores que merecem atenção num primeiro momento do projeto da modernidade capitalista: são eles a formação econômica dependente das metrópoles europeias, em cuja base o trabalho escravo impulsionou a Revolução Industrial britânica, e a constituição – desde o início – desigual, injusta e sem assimilar os indivíduos em trabalho assalariado.

Mas não houve, na grande maioria dos exemplos latinoamericanos uma independência de fato, nem no nível econômico nem no social, tendo os Estados sido formados perpetuado os interesses de minorias burguesas e alinhados na dependência dos países europeus para o funcionamento de sua economia, sem reformas agrárias (à exceção do caso mexicano), nem políticas sociais que integrassem as massas trabalhadoras.

> "Desprovida de um nome próprio, de um lugar social no dia-a-dia moderno, a violência das "relações de produção" capitalistas, no entanto, gravita decisivamente nela e na atividade política que parte dela para construir suas instituições. Apagada como ação do outro, desconhecida como instrumento real das relações interindividuais, a violência da exploração pelo salário é apresentada como uma espécie de castigo que o corpo do trabalhador deve sofrer por sua própria deficiência, por falta de qualificação. técnica ou seu ativismo cultural." (ECHEVERRÍA, 1989, Pág 36) tese 10 *La violencia moderna: la corporeidad como capacidad de trabajo*[14]

O colonialismo, suas inúmeras formas de violência e cujas práticas desumanas, de humilhação, ofensa e atentado ao ser seria substituído por uma política neocolonial de manutenção dos interesses da minoria burguesa contando a institucionalização (e o apoio político e financiamento norteamericano) do aparelho de repressão fascista.

Inglaterra teria pressionado a "independência" das colonias latinoamericanas, de forma a poder exercer um melhor domínio nas relações econômicas na região, mas é no contexto do pós-segunda guerra mundial, durante o governo Kennedy, que os EUA "correm" para proteger o seu quintal latinoamericano da influência comunista através da *formulación de una doctrina de contrainsurgencia, que establecia una línea de enfrentamiento a los movimientos revolucionários a desenvolver-se en tres planos: aniquilamiento, conquista de bases sociales e institucionalización"* (Marini 1978)

---

[14] **Citação original:** "Desprovista de un nombre propio, de un lugar social en la cotidianidad moderna, la violencia de las "relaciones de producción" capitalistas gravita sin embargo de manera determinante tanto en ella como en la actividad política que parte de ella para levantar sus instituciones. Borrada como acción del otro, desconocida como instrumento real de las relaciones interindividuales, la violencia de la explotación a través del salario se presenta como una especie de castigo que el cuerpo del trabajador debe sufrir por culpa de su propia deficiencia, por su falta de calificación técnica o por su atavismo cultural."

"(…) o "escravo" moderno diz: "Na verdade sou livre, mas sou ou de fato existe como se não fosse". A violência implícita em sua situação é apagada, é imperceptível: sua disposição de se desfazer de si é inviolável, apenas que o pleno exercício dela (não vendido como "força de trabalho", por exemplo) exige certas circunstâncias favoráveis que não eles sempre são dados." Pág 35 tese 10 *La violencia moderna: la corporeidad como capacidad de trabajo*[15]

"Embora o regime colonial tenha tentado apagar a humanidade do povo escravizado, reduzindo-os à condição de mercadoria (por isso falam do tráfico de escravos), **as populações trazidas de várias regiões da África chegaram com seus conhecimentos na culinária, navegação, com conhecimento em ourivesaria, mineração, com diferentes formas lingüísticas, com expressões artísticas, com diferentes crenças religiosas, fazendo com que muitos de seus conhecimentos e práticas sejam reproduzidos nos territórios de destino, além de muitos outros se misturando com tradições indígenas e européias dando origem a novas práticas culturais e a gradual extinção de muitas outras na viagem transatlântica e ao longo dos séculos**. É aqui que vamos nos referir ao outro lado da diáspora contido em suas formas de adaptação, dispersão e hibridização, no que mais adiante trabalharemos como **uma característica de rupturas e continuidades de longa duração**." (ORTIZ,2008) pág. 87[16]

1.3.4 ESTADO ATUAL DOS RECURSOS NATURAIS E A MODERNIDADE DESCARRILADA

"A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial / moderno e eurocêntrico como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial sobre a idéia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial

[15] **Citação original:** el "esclavo" moderno dice: "En verdad soy libre, pero estoy o existo de hecho como si no lo fuera." La violencia implícita en su situación está *borrada,* es imperceptible: su voluntad de disponer de sí mismo es inviolable, sólo que el ejercicio pleno de la misma (no venderse como "fuerza de trabajo", por ejemplo) requiere de ciertas circunstancias propicias que no siempre están dadas

[16] **Citação original:** "Sin embargo, aunque los europeos intentaron borrar la humanidad de las personas esclavizadas, al reducirlas a la condición de mercancías (por eso se habla de comercio negrero**), las poblaciones traídas de varias regiones del África llegaron con sus saberes en la culinaria, la navegación, con conocimientos en orfebrería, minería, con formas lingüísticas diversas, con expresiones artísticas, con diferentes creencias religiosas, haciendo que muchos de sus saberes y prácticas se reprodujeran en los territorios de destino, además de que otras tantas se mezclaran con tradiciones indígenas y europeas dando lugar a nuevas prácticas culturales y a la paulatina extinción de muchas otras en la travesía transatlántica y con el paso de los siglos**. Es aquí donde vamos a referirnos a la otra cara de la Diáspora contenida en sus formas de adaptación, dispersión e hibridación, en lo que más adelante trabajaremos como rasgo de rupturas y continuidades de larga duración."

e que, desde então, permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, inclusive sua racionalidade específica, o eurocentrismo." (Quijano, 2000)" Pág 25[17]

"o atual modo de produção visando o mais alto nível de acumulação comporta a dominação da natureza e a exploração de todos os bens e serviços. Para este propósito se utilizam todas as tecnologias, desde as mais sujas, como aquelas que ligadas à mineração e à extração de gás e petróleo, até às mais sutis, que utilizam a genética e a nanotecnologia. O que mais agride o equilíbrio vital de Gaia é o uso intensivo de agrotóxicos e pesticidas, pois devastam os micro-organismos (bactérias, vírus e fungos) que, aos quintilhões de quintilhões, habitam os solos garantindo a fertilidade da Terra. O efeito mais lamentável é a diminuição da grande riqueza que a Terra nos proporciona, que é a diversidade de formas de vida (biodiversidade)." (BOFF, 2015, pág. 21)

[17] Citação original: "La globalización en curso es, en primer término, la culminación de un proceso que comenzó con la constitución de América y la del capitalismo colonial/ moderno y eurocentrado como un nuevo patrón de poder mundial. Uno de los ejes fundamentales de ese patrón de poder es la clasificación social de la población mundial sobre la idea de raza, una construcción mental que expresa la experiencia básica de la dominación colonial y que desde entonces permea las dimensiones más importantes del poder mundial, incluyendo su racionalidad específica, el eurocentrismo."

2 – O FEMININO E A DESCOLONIZACAO DAS MENTES

Figura 13- Encontro da Europa com a América

"Não é de surpreender que na famosa gravura de van der Straet que mostra o encontro da Europa com a América (c.1600) Américo Vespúcio é a figura masculina dominante, cercado pela insígnia do poder, da ciência, do conhecimento e da religião: e a "América" é, como sempre alegorizada como mulher, nua numa rede, rodeada pelos emblemas de uma – ainda não violada – paisagem exótica."

Stuart Hall, *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais* pág. 30

2 – O FEMININO E A DESCOLONIZACAO DAS MENTES

2.1 O CORPO FEMININO DURANTE O REGIME COLONIAL

A riqueza e diversidade dos mercados pré-coloniais, a independência e autonomia das mulheres e as diferenças entre os papeis sociais e valores sexuais são características enunciadas pelos viajantes europeus.

> “o que Cieza de León conta a respeito: Nas ilhas das Perlas elas se casam, já tendo perdido a virgindade e poucos são os maridos que acham uma esposa virgem. No Equador eles não se importam que ela seja virgem, e na província de Cuzco "muito raramente a mulher é virgem". Ainda mais significativo é o que acontece na região de Huancavilca: "eles corrompem aqueles que se casam para conferir maior honra" e, no Equador, é a própria mãe que, na falta de especialistas, prepara a jovem para a noite de nodos deflorando-a com suas próprias mãos” (SÉJOURNÉ, 1971) pág. 156[18]

Nos mercados *tehuanos* as mulheres eram responsáveis pelas atividades comerciais e poucos eram os homens locais que se viam nestes espaços. Os modelos culturais que os europeus encontraram eram distintos dos que conheciam. Os trajes das mulheres locais, a sua liderança nas atividades desempenhadas e ausência e autoridade política foram, num primeiro momento, registradas pelos cronistas e viajantes.

> "A franqueza das mulheres zapotecas, a facilidade de sua linguagem e sua autonomia econômica e social fazem delas iguais aos homens e lhes dão segurança, única no México:" ... a legalidade do casamento não importa... as crianças são registradas oficialmente com o nome da mãe. "(...) a preponderância das mulheres no mercado se estende a todos os outros domínios." (SÉJOURNÉ, 1971) pág. 149[19]

Estas estruturas matrilineares e organizações nos sistemas de parentesco, eram reflexo de uma cosmovisão que contava com a participação dos membros, de forma distinta daquela que as práticas culturais europeias conheciam.

---

[18] **Citação original:** “lo que Cieza de León cuenta a propósito: En las islas de las Perlas se casan, habiendo ya perdido la virgindad y pocos son los maridos que hallan virgen a su mujer. En Ecuador no les importa que sea virgen, y en la provincia de Cuzco «muy raramente es virgen la mujer». Más significativo todavía es lo que ocurre en la región de Huancavilca: «corrompen las que se casan para conferirle más grande honor» y, en Ecuador es la propia madre la que, a falta de especialistas, prepara a la joven para su noche de nodas desflorándola con sus propia manos.”

[19] **Citação original**: “La franqueza de las mujeres zapotecas, la soltura de su lengua y su autonomía económica y social las convierten en las iguales de los hombres y les dan una seguridad, única en México: «… la legalidad del matrimonio no importa nada… los hijos naturales son registrados oficialmente con el nombre de la madre.» (…) la preponderancia de la mujer en el mercado se extiende a todos los otros dominios.”

No exemplo da cultura azteca a distribuição dos deveres sociais e atividades familiares, ainda que por divisão sexual, garantia um valor e posição respeitável e participação e tomada de decisões pela mulher.

> "as mulheres desempenharam papéis importantes na sociedade e, fora de casa, desenvolveram produtos para alimentos e roupas, bem como várias ocupações profissionais: **parteiras, servidoras em centros religiosos, médicas e até mesmo gerentes de negócios. Havia sacerdotisas que administravam escolas especiais para essas mulheres profissionais (...). As mulheres astecas podiam estabelecer relações contratuais, herdar e possuir e exigir justiça perante os tribunais. (...) Tanto a hierarquia dos deuses quanto as deusas astecas e suas relações com os homens e mulheres da época sugerem que a mulher desfrutava de um lugar respeitável naquela sociedade.**" (URRITA, 1997), p. 120[20]

> "Nestes brilhantes matriarcados, o homem não se envergonhava de fazer as tarefas julgadas, em outro lugar, como indignas do sexo forte. Cieza de León diz que no Equador e em torno de Cuzco "...são as mulheres que cultivam os campos e beneficiam as terras e as colheitas, e os maridos tecem e trabalham na confecção de roupas." (SÉJOURNÉ, 1971) pág. 150[21]

Os primeiros anos da Conquista, longe da autoridade da Coroa Espanhola, os navegadores europeus agiam sob a sua própria lei de saque e exploração do território e população que encontraram. As mulheres das culturas estabelecidas no continente que, dentro da administração que existia até então, contavam com os seus direitos reconhecidos, viram a sua posição respeitada (e de particular importância para a manutenção da ordem social) se deteriorar de maneira abismal. Como nos esclarece

---

[20] **Citação original:** "las mujeres tuvieron papeles muy importantes en la sociedad y, fuera de casa, elaboraron productos para la alimentación y de vestido lo mismo que desempeñaron variadas ocupaciones profesionales: parteras, sirviendo en centros religiosos, médicas e, incluso, llevando negocios. Había sacerdotisas que dirigían escuelas especiales para estas mujeres profesionales (…). Las mujeres aztecas podían establecer relaciones contractuales, heredar y ser propietarias, y exigir justicia ante los tribunales. (…) Tanto la jerarquía de los dioses y de las diosas aztecas como sus relaciones con los hombres y mujeres de la época, sugieren que la mujer gozaba de un lugar respetable en esa sociedad."

[21] **Citação original:** En esos brillantes matriarcados el hombre no se enverguenza de hacer las tareas juzgadas en otras partes como indignas del sexo fuerte. Cieza de León cuenta que en Ecuador y en los alrededores del Cuzco «… las mujeres son las que labran los campos y benefician las tierras y mieses, y los maridos hilan y tejen y se ocupan en hacer ropa.»

Urrita (1997, pág. 121) *"Por outro lado, nenhuma mulher chegou com os descobridores, e só muito depois vieram as mulheres européias que, casadas com os conquistadores, ajudariam a formar a nova classe dominante".* [22]

Como projeto previamente organizado e ditado pelo poder europeu que enviava e financiava os colonos para o *Novo Mundo*, a administração colonial foi, desde o início legitimada pela presença e influência da Igreja Católica.

Em seu artigo *Discurso, sexualidad y mujer: en la Nueva España del siglo XVIII*

Marcela Suárez Escobar (1997) vai nos esclarecendo quais seriam as diretrizes a serem impostas, apartir da Conquista.

> "En estos tiempos de «Luces» la sexualidad no permitida era una ofensa al orden, a la que había que combatir sin piedad, tal vez no sólo con una pretensión de cristianizar, de imponer un modelo cristiano de conyugalidad, sino principalmente para ejercer una acción tenaz y sostenida contra los alteradores del orden social." (ESCOBAR, 1997) pág. 142

A construção de categorias sociais e normas cristãs que se instauraram com a Colonização, deixaram profundas marcas a respeito da sexualidade, práticas de sociabilidade e principalmente a visão e divisão de gênero.

Fig. 14 Vestido Elegante, Mexico, 1997 fotógrafa Flor Garduño, Fonte Livro *Inner Light Still Lifes and Nudes*

[22] **Citação original: "**Por otra parte, ninguna mujer había llegado con los descubridores, y sólo mucho más tarde fueron traídas las mujeres europeas quienes, casadas con los conquistadores, ayudarían a formar **la nueva clase dominante**."

"Em 1560 a chegada das mulheres foi de aproximadamente 30 por 100 homens e não variou muito durante o tempo da colônia, inclusive **diminuiu nos séculos XVII e XVIII, quando os criollas e gerações subseqüentes exerceram todo o modelo familiar e conheciam os costumes. Herdou tanto religioso, social e cultural que contribuíram para reproduzir a ordem e a mentalidade estabelecidas**. A família era a base da sociedade colonial, uma monogâmica família monofásica na qual as mulheres eram a base das relações dentro dela. (...) Dessa forma, a mulher se torna um sujeito vinculante da sociedade colonial como parte de um contrato entre famílias. Poderia ser promovido socialmente através da instituição do casamento e também assegurava a proteção de um homem que vigiava e cuidava de seus interesses e dos de seus filhos." (ZAPATA, 1987,pág.3)[23]

A disciplina moral era intransigente a qualquer outra prática que não fosse católica, severa e imperdoável a qualquer prática "contra a natura" como homossexualidade, masturbação e outras, de alguma maneira desperdiçassem sémen. No entanto, se apresentava maleável e compreensível para os males necessários como a prostituição.

A honestidade se relacionava com o comportamento sexual e eram consideradas suspeitas as mulheres que *"Saíam para a rua às "altas horas da noite ", sentavam-se à porta da sua casa, bebiam pulque ou estabeleciam relações amistosas com os soldados* (ESCOBAR, 1997) pág. 148[24]

No modelo cristão a condenação do prazer carnal e a sua vinculação com a figura de Satanás foram os elementos centrais do discurso da Igreja e estes juízos de valores foram os instrumentos utilizados para a caracterização e julgamentos de comportamentos e condutas sociais. Vinculada ao demônio, a prática sexual foi sendo marcada pelos estigmas e pecados e a figura das mulheres começou a ser alvo primordial nestas perseguições.

---

[23] **Citação original:** "Para 1560 la llegada de las mujeres era aproximadamente de 30 por cada 100 hombres y no varió mucho durante el tiempo de la colonia incluso disminuyo en el siglo XVII y XVIII cuando las criollas ya de generaciones siguientes ejercían todo el modelo familiar y conocían las costumbres heredadas tanto religiosas, sociales y culturales que contribuyeran a reproducir el orden y la mentalidad establecida. La familia era la base de la sociedad colonial, una familia monogámica de índole mono nuclear en que la mujer era la base de la relaciones dentro de ella. (...) De este modo, la mujer se convierte en un sujeto vinculante de la sociedad colonial como parte de un contrato entre familias. Se podía ascender socialmente a través de la institución del matrimonio además se aseguraba la protección de un hombre que velase y cuidara sus intereses y los de sus hijos."

[24] **Citação original:**"salieran a la calle a «deshoras de la noche», se sentaran en la puerta de su casa bebieran pulque o entablaran relaciones amistosas con los soldados."

Como Escobar (1997) nos elucida, a aproximação das mulheres à natureza foi frequentemente hostilizada e o temor pelas forças desconhecidas foram atribuídas às raízes eróticas. “O feminino é facilmente ligado ao estranho, à magia, obscuridade, ao tenebroso. "O estranho mistério feminino" assim foi rapidamente associado impureza, fluxos, parto, sangue, sexualidade; e estes foram associados com a necessidade de purificação.” (ESCOBAR, 1997) Pág. 143[25]

Fig. 15 Crânio, Mexico, 1999 fotógrafa Flor Garduño, Fonte Livro *Inner Light Still Lifes and Nudes*

Assim, à perda da posição social e participação em comunhão com os demais elementos das sociedades pré-coloniais, as mulheres da sociedade colonial se vêem perseguidas, condenadas e marginalizadas de quase todas as esferas de participação. Nos novos valores que vigoravam com o sistema colonial a distribuição hierárquica segundo a autoridade colonial colocava as mulheres negras, indígenas e mestiças nas camadas mais baixas da sociedade. Desprovidas de direitos, muitas vezes dos próprios corpos, a sua situação tomava as proporções mais difíceis. Ainda que as mulheres europeias não participassem de tomadas de decisão e espaços políticos, sua integridade física era garantida pela moral cristã, o que as colocava numa situação de menor vulnerabilidade do que as demais.

[25] **Citação original:**” “a lo femenino se le vinculo fácilmente a lo extraño, a la magia, y a la oscuridad, a las tinieblas. «El extraño misterio» femenino generó así una rápida unión a la impureza, los flujos, el parto, la sangre, la sexualidad; éstos se asociaron con la mancha y con la necesidad de purificación.”

Fig. 16 Flor de San José, Mexico, 1999 fotógrafa Flor Garduño, Fonte Livro *Inner Light Still Lifes and Nudes*

Em seu artigo *Castas, razas y mujeres en la época de la Conquista. Esbozo para su comprensión* (México, 1997), Elvira Buelna Serrano nos elucia como atuava a estratificação e organização (discriminação étnica) apartir do Regime Colonial:

> "Entre as muitas coisas que podemos apreciar através dos documentos inquisitoriais, estão aquelas que nos falam sobre os preconceitos e formas de enfrentar os problemas cotidianos das mulheres em uma sociedade que não era apenas racista como classista, e onde as diferenças étnicas eram muito ligada às diferenças das classes sociais, onde, além disso, existia uma atmosfera de total intolerância a qualquer crença que não fosse católica." **(**SERRANO,1997), pág.67[26]

[26] **Citação original:** "Entre las muchas cosas que podemos apreciar a través de los documentos inquisitoriales, están aquellas que nos hablan acerca de los prejuicios y formas de enfrentar los problemas cotidianos de las mujeres en una sociedad que no sólo era racista como clasista, y donde las diferencias étnicas estaban muy vinculadas a las diferencias de clases sociales, donde, además, existía un ambiente de intolerancia total a cualquier creencia que no fuera católica."

A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NEGRAS DURANTE A COLÔNIA – O EXEMPLO DE PAULA EQUILUZ

Os documentos e registros da Inquisição se nos apresentam como importantes fontes para a análise dos julgamentos, barreiras e dificuldade atribuídas ao cotidiano das mulheres numa sociedade racista e classista, onde as diferenças étnicas eram vinculadas às classes sociais e onde predominava intolerância e a discriminação.

Perante um poder e domínio masculino, europeu e católico, onde a prática escravista vigorava e alimentava as estruturas sociais e econômicas as mulheres indígenas, mestiças e principalmente as mulheres negras – consideradas subalternas – precisavam contar com uma vida subjetiva e modalidades subjetivas para a preservação da sua existência e luta emancipatória

Em seu artigo *Las mujeres en la colonia, españolas, índias y negras esclavas: Representaciones sociales y culturales en el Nuevo Reino de Granada durante la Colonia*, Beatriz Elena Castaño Zapata (1987) nos elucida sobre as algumas dificuldades do cotidiano feminino e em particular das mulheres colocadas nos estratos mais baixos da sociedade da época.

> **"A mulher índia**
>
> A vida das índias não era fácil, vivendo sob o jugo de seus maridos, que haviam adquirido ordem social espanhola pela força e formas internas de relacioná-los foram impostas, de modo que o machismo começou o seu longo processo deste o seu marido até aos espanhóis que as viam como presas fáceis dos seus desejos mais profundos.
>
> Os trabalhos eram pesados, os maus-tratos constantes, o cotidiano estava cheio de insultos e abusos. **No que diz respeito à justiça e como todo o modelo colonial, a punição depende do crime e da procedência do acusado, foram as mulheres nativas e as escravas que carregavam as penas mais rigorosas e "exemplares"**.
>
> **A mulher negra**
>
> Estima-se que para cada 100 escravos que chegavam às Índias 30 eram mulheres, depois de terem sido arrancadas de suas terras, por outra tribo africana dominante e financiadas pelos portugueses, chegaram para tomar o lugar dos aborígines que eram extinguidos pela violência e voracidade dos trabalhos.. Depois de serem arrastados pela metade do mundo para um lugar desconhecido, depois de uma jornada tempestuosa, amontoados, separados de suas famílias, de suas terras, elas vinham servir, trabalhar como cozinheiras nas minas, nos canaviais, nas casas, na rua como vendedoras ambulantes." (ZAPATA, 1987) pág.3[27]

[27] **Citação original:**" **La mujer índia** La vida de las indias no era fácil, vivían bajo el yugo de sus maridos, que habían adquirido el orden social español a la fuerza y las formas internas de

Através do artigo de Navarrete (1997) *A mujer bruja en la sociedad colonial – el caso de Paula Equiluz* faremos algumas ponderações sobre as dificuldades, lutas e contribuições desta mulher que, sendo africana ou afrodescendente, se afigurava contrária aos valores que a Igreja e a Coroa procuravam construir. Não era nem a primeira nem a segunda vez que a acusada estava perante tal situação. Este fato nos apresenta a peculiaridade da mesma para os interesses da Instituição para manter a ordem e, talvez, da autoridade da Paula.

> "Era o ano de 1638. O Secretário da Inquisição de Cartagena registra no dia 25 de março no livro de Relações de Causa e Fé, que a leitura pública do processo de Paula de Eguiluz, **mulher negra, moradora em Cartagena, reconciliada por pela terceira vez pelo Santo Ofício,** não poderia ser feito "por causa do grande murmúrio do povo". Adicionou o escriba, que deixou ao leitor doze folhas para dizer que se tratava de famosa bruxa." (NAVARRETE, 1997) pág.69[28]

Podemos observar a falta de autonomia, abusos e desvinculação sucessiva da personagem em questão, pelas diversas compras e vendas segundo os interesses dos senhores.

> "Ela ficou na casa do seu primeiro senhor até os dezoito anos de idade. (...) pelas dívidas contraídas pelo mesmo, foi entregue a Íñigo de Otazu, um espanhol de Vizcaya que serviu como depositário geral de Porto Rico, para onde Paula também transferida. Ela viveu lá, cerca de seis anos, até o casamento de seu segundo senhor, que por ciúme da esposa descobriu que ele a "tratou desonestamente" com Paula e esta teve de ser enviada para Havana, onde foi comprada pelo contador Juan de Eguiluz, prefeito da cidade Minas do Prado e permaneceu sob seu serviço até que ele lhe deu

---

relacionarse les fueron impuestas, así que el machismo iniciaba su largo proceso desde el marido hasta los españoles que las veían como presas fáciles de sus deseos más profundos.

El trabajo y las labores fueron pesados, los maltratos constantes, la vida en el servicio estaba llena de improperios y desmanes. En lo que a la justicia respecta y como todo el modelo colonial el castigo depende del delito y de la procedencia del acusado, **eran las indias y las esclavas las que cargaban con las penas más rigurosas y ejemplarizantes**.

La mujer esclava

Se calcula que por cada 100 esclavos que llegaban a Las indias venían 30 mujeres, luego de ser arrancadas de su tierra, por otra tribu africana dominante y financiada por los portugueses, llegaban para tomar el lugar de los aborígenes que se extinguían a un paso muy acelerado.

Después de ser arrastrados por medio mundo a un lugar desconocido, después de un viaje tormentoso, hacinados, separados de sus familias, de su tierra, llegaban a servir, a trabajar como cocineras en las minas, en los sembradíos de caña, en las casas, en la calle como vendedoras ambulantes.

[28] **Citação original:**"Corría el año de 1638. El secretario de la Inquisición de Cartagena deja constancia el día de 25 de marzo en el libro de Relaciones de Causa e Fe, que la lectura pública del **proceso de Paula de Eguiluz, negra residente en Cartagena, reconciliada por tercera vez por el Santo Oficio**, no pudo hacerse «porque no se oía con el grande murmullo de la gente». Agrega el escribano, que le quedaron al lector doce pliegos por relatar de quien dicen fue famosa bruja

uma carta de liberdade quando se estava preparando para uma viagem para a Espanha. Após isso viveu como uma "mulher livre." (NAVARRETE, 1997) pág. 70[29]

"Suas relações com a justiça eclesiástica começaram em Cuba em 1623, quando várias pessoas, para quem Paula nao apresentava nenhum modelo de virtude, mas sim um personagem perigoso, foram apresentar declarações delatorias. Após todos os depoimentos Paula foi apreendida e enviada para Cartagena, onde foi iniciado um julgamento como apóstata, idólatra, infratora, encobridora de hereges e que e passou para a seita de bruxas. "(NAVARRETE, 1997) p. 71[30]

Se os seus ensinamentos e cuidados medicinais e espirituais para com a comunidade eram eficazes, tornava-se difícil apenas condenar por heresias.

"A essa altura, aproveitando a liberdade que dava atenção aos pacientes do hospital, ela se dedicava a ensinar seus amigos e outras damas da sociedade as artes da feitiçaria. Atendia também pacientes particulares para curá-los de doenças da alma e do corpo, e em seu lazer preparava curativos e uma pomada especial aplicado sobre "as axilas e as partes inferiores", e enquanto "bebía tabaco" se transportava para lugares distantes em seus famosos sonhos de feitiçaria."(NAVARRETE, 1997) p. 7331

"**Paula de Eguiluz desempenhou papéis diferentes na sociedade de Cartagena: professora de bruxas brancas, madrinha dos iniciados, brancas e castas, facilitadoras de pós, invólucros e bebidas para obstruir o entendimento de pessoas indesejadas, conhecimento de sorte e feitiços para adivinhar destino e receber o poder dos espíritos sobrenaturais, mas antes de tudo, Paula era uma mulher**. (...) Segura do seu papel feminino, gostava de se vestir bem e manter a

---

[29] **Citação original** :"Permaneció en casa de su amo hasta la edad de dieciocho años. (…) por deudas contraídas por su amo fue entregada a Íñigo de Otazu, un español natural de Vizcaya que desempeñaba el oficio de depositario general de Puerto Rico, a donde fue trasladada; vivió allí, alrededor de seis años, hasta el matrimonio de su amo, quien por celos de la esposa enterada de que «trataba deshonestamente » con Paula la hizo enviar a La Habana en donde la compró el contador Juan de Eguiluz, alcalde mayor de las minas del Prado, permaneció bajo su servicio hasta que le dio carta de libertad cuando preparaba viaje a España entonces, vivió como «mujer libre».

30 **Citação original** "Sus relaciones con la justicia eclesiástica se iniciaron en Cuba en 1623, cuando diversos personajes, para quienes Paula no era dechado de virtudes sino un personaje peligroso, acudieron a presentar declaraciones dilatorias. A partir de todas estas evidencias fue aprehendida y embarcada para Cartagena en donde se le inició juicio por hereje, apóstata, idólatra, fautora, encubridora de herejes y de haberse pasado a la secta de las brujas."

[31] **Citação original**: "Por esta época, gozando de la libertad que le confería la atención a los enfermos del hospital, se dedicó a enseñar a sus amigas y otras damas de la sociedad las artes de la brujería. También atendía pacientes particulares para curarlos de las enfermedades del alma y del cuerpo, y en sus ratos de ocio creativo preparaba un ungüento especial que aplicaba en «los sobacos y las partes bajas» y mientras «bebía tabaco» se transportaba a lejanos espacios en sus famosos sueños de brujeriles."

elegância. Além disso, não aceitava passivamente a cumplicidade sexual do soldado, rejeitando-o quando havia brigas entre eles, isto é, definindo as condições de seu relacionamento com os seus critérios." (NAVARRETE, 1997) pág. 75[32]

Paula Equiluz, mulher negra, feiticeira e bruxa. A sua autoridade e resistência contra o poder que a colônia tentava instaurar é exemplo dos casos que o domínio político não conseguiu encobrir e exemplo das próprias contradições nas quais este se fundava. Os atributos e saberes que ela transmitia lhe proporcionavam o reconhecimento da sociedade, fato com o qual a Inquisição buscava lidar. O fato de que ela não poderia manifestar visões de outras vidas assim que estas surgem porque pode trazer enfermidades, nos leva a pensar que a própria crença dos Inquisidores pode dialogar com a sua.

> "A bruxaria na colônia se apresentou como um fenômeno de sincretismo, da religião católica, práticas pagãs e costumes animistas africanos e indígenas, conhecimentos milenares fitoterápicos ligados a orações e cerimônias, representações da necessidade da mulher de transcender um plano diferente. (...) Durante a colônia, mesmo com a Inquisição, não foi possível reprimir todas as crenças, rituais, orações e preparações. A mulher se sentiu presa e olhou para fora da autoridade da Igreja que a representavam como uma virgem esperando pelo chamado do marido ou pelo chamado de Deus, ou a transformava numa mãe abnegada, entregue ao lar e às suas tarefas, negando-lhe qualquer indicação de identidade, e domínio da sua sexualidade e seu corpo." (ZAPATA, 1987) pág. 4[33]

---

[32] Citação original: "Paula de Eguiluz desempeñó diversos roles en la sociedad cartagenera: maestra de brujas blancas, madrina de las iniciadas, tanto blancas como de castas, facilitadoras de polvos, envoltorios y bebidas para entorpecer entendimientos de personas indeseadas, conocedora de suertes y conjuros para adivinar el destino y recibir el poder de los espíritus sobrenaturales, pero ante de todo, Paula era mujer.(…) Segura de su papel femenino, gustaba de engalanarse y mantener pulcritud en su forma de vestir. Además, no aceptaba pasivamente los requiebros sexuales del soldado, rechazándolo cuando había querellas entre ellos, es decir, que definía con criterios las condiciones de su relación."

[33] **Citação original:** La brujería en la colonia se presentó como un fenómeno de sincretismo, de la religión católica, las prácticas paganas y las costumbres animistas africanas e indígenas, conocimientos milenarios de herbolaria unidos a cantos rezos y ceremonias, representaciones de la necesidad de la mujer por trascender a un plano diferente. (…) Durante la colonia, incluso con la Inquisición, no fue posible reprimir todas las creencias, rituales, rezos y preparaciones. La mujer se sentía atrapada y buscaba fuera de normativa de la iglesia que la representaba como una virgen esperando el llamado del hombre o el llamado de Dios, o la convertía en madre abnegada, entregada al hogar y a sus quehaceres, le negaba cualquier indicio de identidad y su sexualidad, su cuerpo desaparecía.

No entanto, é importante frisar que as atividades da Paula se tornavam mais problemáticas para o poder instituído não por seus cuidados sociais e sim pela sua organização política contrária aos interesses da Coroa e da Igreja. Esta era a diferença ténue entre bruxa e feiticeira. As bruxas, tendo consciência do valor do seu património, respetiva dimensão e alcance procuravam organizar-se e constituir espaços de resistência e luta emancipatória.

> "Mulheres como Paula tornaram-se confidentes das senhoras da sociedade e mediadoras entre os altos grupos e as classes populares. (...) **As reuniões de bruxas significaram um espaço para a transmissão da memória cultural. Nelas, a figura da mulher assumiu um papel de liderança: dava continuidade e se tornava a guardiã da tradição do grupo. Esse espaço era, por sua vez, o meio de congregação e o modo real como a comunidade encontrava para compartilhar o sentimento religioso e o disfrute da vida.** (...) "(NAVARRETE, 1997) p. 77"[34]

> "A condição de mediadora que caracterizava Paula de Eguiluz exemplificava o sentido das relações estabelecidas entre o mundo dos espanhóis e os crioulos da classe alta e dos escravos livres, negros e mulatos. Feitiçaria e bruxaria eram instrumentos de aproximação entre esses dois mundos. " (NAVARRETE, 1997) pág. 78[35]

A autoridade se estabelecia a nível individual e a Paula, assim como outras mediadoras culturais, alcançavam e trabalhavam em espaços onde o domínio político não acessava.

---

[34] Citação original: Mujeres como Paula se constituyeron en confidentes de las señoras de sociedad y en mediadoras entre los grupos altos y la de gente de castas. (…) La juntas de brujas significaron un espacio de transmisión de la memoria cultural. En ellas, la figura de la mujer asumió un papel principal: presidía las veladas y se constituyó en conservadora de la tradición del grupo. Este espacio fue a su vez el medio de congregación y el modo real que encontró la comunidad para compartir el sentimiento religioso y el disfrute de la vida.

[35] **Citação original:** La condición de mediadora que caracterizaba a Paula de Eguiluz ejemplificó el sentido de las relaciones que se establecieron entre el mundo de los españoles y los criollos de clase alta y el de los esclavos libres, negros y mulatos. La hechicería y la brujería fueron instrumentos de acercamiento entre estos dos mundos."

2.2 DIVERSIDADE E LUTAS GLOBAIS CONTRA O ETNOCENTRISMO E A HEGEMONIA CULTURAL

Juana Vasquez Arcón, Directora do Conselho Nacional de Educación Maya da Guatemala, durante Fórum Social Mundial de Porto Alegre no Brasil em 2003:

"O que é cultura? A cultura é o modo pelo qual o ser humano concebe e vive a vida, o modo de se relacionar consigo mesmo, com os outros, com a natureza e como ser supremo ou divindade.
Essa maneira de conceber e viver a cultura é projetada com o meio ambiente em um mundo **inter-relacionado.** A inter-relação faz parte da visão de mundo dos povos indígenas. Todos os seres existentes na Mãe Natureza vivem da inter-relação, **complementaridade, e é por isso que há respeito pela vida em tudo o que ela significa.** (...) Não pode haver interculturalidade se não conhecermos e valorizarmos as culturas existentes em nosso meio e fora dele. Pouco podemos fazer sobre os povos indígenas, mulheres, mestiços, afrodescendentes - isto é, todos nós que somos afetados pela exclusão - se não formos interculturais, se não nos relacionamos. **Precisamos aprender do espaço e natureza, ordem e coordenação para o bem-estar pessoal, familiar e comunitário.**" (ARCÓN, 2003) Pág. 33

UNIVERSO POPULAR PARA DESCOLONIZAÇÃO DAS MENTES

José Jorge de Carvalho, professor do Departamento de Antropología da Universidade de Brasilia, idealizador do projeto Encontro de Saberes através do qual traz mestras e mestres da cultura popular brasileira para a universidade, espaço de ensino historicamente marcado pelo conhecimento racional, escrito e predominantemente europeu, no seu artigo *Los estudios culturales em America Latina: Interculturalidad, Acciones Afirmativas y Encuentros de Saberes* (2010) nos apresenta diversas e importantes iniciativas na trajetória da descolonização e construção de sociedades heterogêneas e interculturais.

Um exemplo de reorganização institucional da universidade que se baseia em um peso quase igual entre o conhecimento oral e o conhecimento escrito é a Universidade do Exílio Tibetano, em Dharamsala, na Índia. Muitos dos sábios tibetanos que escaparam de seu país mantêm, cada um deles, dezenas de livros inteiros em suas memórias e são transmitidos por esse meio; e, ao mesmo tempo, as ciências transmitidas por escrito, orientais e ocidentais, são ensinadas aos alunos.

Fig.17 Venerável Yeshi Gawa, no Instituto Norbulingka de Cultura Tibetana em Dharamsala, Fonte site do Instituto

"(...) A felicidade prevalece se houver liberdade". Os seres sencientes não têm total liberdade, pois somos totalmente controlados por emoções negativas. (...) Para praticar a liberdade para si e para os outros, tome-se como exemplo. (...) Isso irá motivá-lo a nunca causar sofrimento aos outros, criando um ambiente harmonioso." [36]

A Universidade Obafemi Awolowo, em Ile Ife (a cidade sagrada dos iorubás) na Nigéria, por muitos anos promoveu um encontro internacional anual de babalawos, que são os sacerdotes de Ifá, o deus iorubá do oráculo, que se manifesta através de longas textos mítico-poéticos chamados odú. Cada sacerdote aprende a memorizar milhares de odus. Essas reuniões anuais, que reuniram sacerdotes iorubás da Nigéria,

[36] '(…)Happiness prevails if there is freedom.' Sentient beings don't have complete freedom as we are totally controlled by negative emotions. (…) To practice freedom for yourself and others, take yourself as an example. Consider your own desire for freedom and how all others desire this as well. This will motivate you to never cause suffering to others, creating a harmonious environment. " (Venerable Yeshi Gawa, Biographer)
https://www.norbulingka.org/humans-of-norbulingka.html

Benin, Togo e outros países, foram organizadas sob a liderança de Wande Abimbola (que é simultaneamente um acadêmico e adivinho sacerdote de Ifá) quando era reitor da Universidade de Ile-Ife. Sua iniciativa sinalizou um movimento concreto para descolonizar o padrão universitário eurocêntrico imposto pelos britânicos, introduzindo nele o conhecimento tradicional africano.

Fig.18 Universidade Obafemi Awolowo, em Ile-Ife, Estado Osun, Nigéria *Fonte Site da Universidade*

> "Na mesma linha de Abimbola, Kwabena Nketia fundou na Universidade de Gana, nos anos 60, um Instituto de Música Africana, com o ideal de desenvolver a arte musical tanto na perspectiva ocidental (baseada na partitura) quanto na perspectiva Africana tradicional (baseada na transmissão oral e corporal). "(CARVALHO, 2010) pág. 248[37]

[37] citação original: En la misma línea de Abimbola, Kwabena Nketia fundó en la Universidad de Ghana, en los años sesenta, un Instituto de Música Africana, con el ideal de desarrollar el arte musical tanto en la perspectiva occidental (basado en la partitura) como en la perspectiva tradicional africana (basada en la transmisión oral y corporal)."

Fig.19 Professor Emérito Kwabena Nketia *Fonte Site* Artzonegh[38]

Medha Patkar, Líder do Movimento de Mulheres Hindú e da Marcha Mundial das Mulheres em 2003

"É necessário construir uma visão de mercado de acordo com nossas próprias necessidades e culturas. No entanto, o principal desafio agora é a preservação dos recursos naturais e humanos, que é muito mais do que o comércio através do mercado.

Com base em uma abordagem de **direitos humanos e um conceito diferente de economia, permitiremos que a diversidade flua além dos conceitos falsos e áridos de democracia que agora existem.** Podemos ir além dessas instituições democráticas, construir uma sociedade verdadeiramente democrática baseada em diversas culturas e modos de vida. Para muitas organizações de direitos humanos, e outros setores organizados, eles não têm isso. Desta forma, quando reivindicamos os direitos humanos como o núcleo do outro mundo,

[38] link disponível em <http://artzonegh.com/why-prof-nketia-gave-his-works-to-aucc-and-not-legon/>

muitas vezes não falamos sobre o que mesmo; Muitas instituições sociais as interpretam de maneira mais operacional e menos política.

Nossa perspectiva engloba, de alguma forma**, o retorno ao "o pequeno é bonito, sustentável e democrático"**. Este ditado local significa começar com a menor unidade possível, em termos de progresso continuado em nossos processos para alcançar a mudança. Mas isso não significa que devemos nos limitar ao nível micro, significa construir cada vez mais uma visão e um nível macro com a humanidade, como um grupo perene. **Você tem que juntar muitos micro para formar uma macro, com a identidade de cada um.** Aqui na Índia, no México, nos vales da Tailândia, no Paquistão e em todas as partes do mundo, vamos exigir os direitos da nossa comunidade, também como parte dos direitos humanos ". (PATKAR, 2003) pág. 86

Neste sentido retomo o projeto *Encontro de Saberes* do professor José Jorge de Carvalho da Universidade de Brasília, no qual, durante a primeira edição, em 2010 foram convidados 5 mestres de tradição oral, indígenas e afro-brasileiros, dando visibilidade a esta ação afirmativa local, pela representatividade, autodeterminação e contribuições socioambientais das populações tradicionais.

O primeiro mestre que lecionou aulas e proporcionou um ambiente de vivência e aprendizado foi o mestre Biu Alexandre, do Estado de Pernambuco, que é o líder de un grupo performático de teatro popular – Cavalo Marinho, que articula canto, baile, poesía, música, con personajes de máscaras.

Fig. 20 - Mestre Biu Alexandre Fonte Blogue Conexão Cavalo Marinho 2011. *Fotografia Roberta Guimarães.*

"Brincadeira é uma coisa muito simples. Pra mim o melhor é o Cavalo Marinho, que traz muita coisa pro corpo. A gente fica bem feito, com o corpo todo feito de mola. Pra mim é uma satisfação muito grande. Meu desejo é que meus filhos, netos, e bisnetos continuem acompanhando a história de Cavalo Marinho. Porque eles estando ali eu sei que eles tem saúde."- Mestre Biu

O segundo mestre Benki Ashaninka, líder da etnia Ashaninka do Estado do Acre é especialista em manejo florestal e reflorestamento. As aulas por ele lecionadas incluíram conhecimentos de arquitetura, bioconstrução e sustentabilidade, em colaboração com os professores de Educação ambiental. O professor José Jorge de Carvalho nos informa que *"a comunidade de Benki plantou mais de 200 mil sementes de plantas na última década, em um conceito de agrofloresta ou permacultura." CARVALHO, 2010) pág. 247*[39]

Fig. 21 - Mestre Benki Ashaninka *Fonte página pessoal do Facebook.*

O terceiro mestre convidado foi José Jerome, do estado de São Paulo e líder de um grupo de Congado, tradição afro-brasileira devocional que articula música, dança e música cerimonial, análoga às irmandades e conselhos existentes em outros países da região. Com o intutito de trazer para a sala de aula as contribuiçoes da diáspora Afro-latino-americana o mestre Zé Jerome colaborou com os professores de música.

Fig. 22 Mestre Zé Jerome

[39] **Citação original**: "la comunidad de Benki ha plantado más de 200 mil semillas de plantas en la última década, en un concepto de agro-floresta o permacultura."

A quarta mestra convidada para integrar o programa Encontro de Saberes e transmitir os seus conhecimentos para o espaço universitário foi a professora Lucely Pio, líder de uma comunidade de quilombo de Goiás e uma grande especialista em plantas medicinais. A mestra dialogou com os professores de Farmácia e Enfermagem.

Fig. 23 Mestra Lucely Pio (especialista em fitoterápicos e curas tradicionais, do Quilombo Cedro, município de Mineiros/GO) no dia 15 de Julho de 2011 no Seminário *Medicina Popular e Curas Tradicionais – Diálogos Brasil/Portugal* na Universidade de Brasília, organizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI, em parceria com Universidade de Nova Lisboa.

O quinto mestre e ancião convidado foi Maniwa Kamayurá, arquiteto indígena que conhece a arquitetura tradicional do Xingu, xamã e músico que mora no Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso.

Esta feliz iniciativa acadêmica em conhecer e aprender com as culturas populares, cujas práticas milenares e diversas é um exemplo bastante ilustrativo da riquesa e diversidade cultural e socioambiental brasileira. Reconhecer o patrimônio cultural e imaterial nas práticas religiosas africanas, afro-ameríndias, curandeiras,

xamânicas é um passo imprescindível na afirmação da identidade da América Latina: indígena, negra, mestiça e riquíssima em expressões religiosa, social e cultural.

Fig. 24 Mestre Maniwa Kamayurá durante o programa *Encontro de Saberes*. O mestre explica que a casa é uma pessoa, sua estrutura tem costelas, pés, peito, pente, brinco, bumbum. "A gente faz uma pessoa e essa casa não é inventada, ela vem de nossos avôs. Só a família mora na casa, sogra, filhos, genro, tios, netos". *Fonte* Universidade de Brasília

2.3 – TERRA, TERRITÓRIO E AUTODETERMINAÇÃO

> "Os povos originários como os andinos, quéchuas e aymaras, os mapuches da Patagônia, os maias e incas na América Central, os sioux e iroqueses dos Estados Unidos, os samis do Ártico e outros se sentiam unidos com o universo como irmãs e irmãs das estrelas. Sentiam a todos os seres do céu e da Terra como uma grande família. A sabedoria deles expressava a sua conexão universal mediante diversos conceitos. O sentido do *logos* grego possui uma dimensão cósmica como a ordenação racional de todas as coisas. Para os hindus se expressava pelo *rito*, ou pelo *dharma* para o budismo, pelo *Tao e pelo yin e yang* para a tradição do zen-budismo, pelo *axé* para as tradições nagô e yoruba africanas e pelo *pneuma* para os judeu-cristãos. Estes nomes queriam representar forças cósmicas que equilibravam o curso de todos os

seres e atuavam em nossa interioridade. Viver consoante estas energias universais era levar a vida sustentável e cheia de sentido." (BOFF, 2015, p. 112)

"Em 1991, os povos amazônicos da Bolívia, organizados na Central dos Povos Indígenas de Beni (CPIB), realizaram a Marcha pela Dignidade e Território, na qual Terra e Território são especificamente declarados. (...)

A TERRA é o espaço natural da vida, onde a comunidade vive, é o lugar sagrado da interação, é o centro integrador da vida em unidade comum. Inclui o espaço acima (o éter), o espaço em que vivemos aqui, o espaço abaixo, isto é, tudo o que está dentro da terra e o espaço indeterminado, onde nossos ancestrais habitam." (MAMANI, 2010) p.51[40]

Fig. 25- A bandeira Wiphala pertence aos indígenas e povos andinos da região de *Tawantinsuyui*, hoje denominados como países Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina. Fonte: site oficial da Wiphala

"Durante a marcha, e com a evidente presença de todos os povos, reafirmamos o caminho sagrado dos antepassados: a autodeterminação, mas não com o espírito

[40] **Citação original:** En 1991, los pueblos amazónicos de Bolivia, organizados en la Central de Pueblos Indígenas del Beni (CPIB), realizan la Marcha por la Dignidad y el Territorio, en la que se plantea de manera concreta Tierra y Territorio. (…) Desde la cosmovisión de los pueblos indígenas originarios, TIERRA constituye el espacio natural de vida, donde vive la comunidad, es el lugar sagrado de interacción, es el centro integrador de la vida en común-unidad. Comprende el espacio de arriba (el éter), el espacio en el que vivimos aquí, el espacio de abajo, es decir, todo lo que está dentro de la tierra, y el espacio indeterminado, donde moran nuestros ancestros.

separatista, mas com o espírito integrador, respeitando a expressão diversa dos povos." (MAMANI, 2010). p.51[41]

No caso brasileiro o autor Mauro Leonel, em seu artigo *Biodioversidade e Mercado* nos confirma também esta relação: *"A coincidência da concentração da biodiversidade em territórios ocupados pelas populações indígenas, e outras culturas de manejo, colocou o tema da preservação dos recursos da natureza como interligado à defesa dos direitos à diferença, como à terra e à cultura. Consideradas em longo prazo, essas culturas entenderam privilegiadamente que a biodiversidade, tomada como conjunto dos recursos genéticos, viabiliza a vida humana."* (LEONEL, 2000, pág.325)

2.4 FLORESTA AFRICANA NA DIÁSPORA

Lugar de refúgio e retorno espiritual índios e negros organizaram as suas lutas e resistências contra o domínio cultural nos segredos da floresta:

> "Misteriosa, acolhedora e sagrada: perigosa e, por isso mesmo, protetora contra os inimigos, a floresta foi morada segura em que índios e negros puderam viver em liberdade. Na convivência entre aldeias, quilombos e mocambos (habitação das famílias negras que viviam na floresta) fundia-se o panteão afro-ameríndio, multiplicava-se a medicina botânica, miscigenavam-se os povos. Entre eles, o principal traço em comum era o valor positivo conferido às florestas." (DANDARA, 2008), pág. 190.

> "Com o índio o africano banto trocou, no Brasil, toda uma gama de experiências ecológicas, principalmente na utilização de plantas (note-se que a Amazônia e a floresta congolesa, por exemplo, estão na mesma zona do globo, os trópicos). (...) Índios e bantos, juntos, entendiam a natureza como divina e ativa, e nunca indagavam de uma floresta, por exemplo, em que medida cada árvore poder ser útil em termos de qualidade e valor econômico de cada metro cúbico de sua madeira." (LOPES, 2008, p.197)

> "As comunidades deslocadas de seus lugares de origem se tornam exilados e reconstroem suas vidas em condições adversas, têm a capacidade de construir novas

[41] **Citação original:** Durante la marcha, y con la presencia evidente de todos los pueblos, reafirmamos el camino sagrado de los ancestros: autodeterminación, pero no con el espíritu separatista, sino con el espíritu integrador, respetando la expresión diversa de los pueblos." Nota do autor: Em 1992 começou um movimento histórico no qual os movimentos indígenas originários começaram a reconstruir a sua identidade.

formas de existência baseadas no território original como ponto de referência para produzir e recriar diferentes expressões de identidade étnica." (ORTIZ,2008) pág.93

Se, num primeiro momento, durante o tráfico humano transatlântico, as populações trouxeram consigo técnicas de cultivo, sementes e saberes, a reorganização – após a ruptura traumática com o seu território de origem – neste continente se dá pela reapropriação do território (pessoal e físico, cultural e étnico) com estreita relação com a própria terra.

"A América foi um rico manancial de novas plantas úteis […] a variadíssima vegetação dos trópicos americanos, e os seus produtos naturais, foram estudados com interesse e por vezes com verdadeiro espírito científico pelos viajantes e escritores espanhóis […] vieram para a Europa as sementes de espécies interessantes, e algumas prosperaram no clima da Espanha e Portugal, como sucedeu com ao milho e aos pimentos. Outras, porém, exigiam maior calor; a sua cultura nos climas temperados era impossível, mas podiam desenvolver-se nos trópicos da África e da Ásia, para onde foram levados." (FICALHO, 1947) pág.28

As estas trocas de plantas o autor acrescenta a introdução do milho, jequiriti, pinhão-branco, batata-doce e fumo no continente africano, especialmente vindas do Brasil. As trocas se complementam com os ingredientes vindos da África para a América, como é o caso do quiabo, vinagreira, o inhame, a erva-doce, o gengibre, o gergelim, os bredos, o amendoim, as melancias, o azeite de dendê.

Nos registros dos patrimônios afro peruanos temos as técnicas de cultivo que estes passaram para os povos nativos do lado do Oeste das cordilheiras. *"No setor agrícola, as culturas (cevada, trigo, cipó, cana-de-açúcar, café, alguns vegetais e frutas) eram feitas por mão de obra negra. O aprendizado dessas culturas pelos povos indígenas deveu-se aos africanos."* (CELESTINO, 2004), pág.30[42]

"Para a unanimidade dos povos do grande grupo etnolinguístico banto, todos os seres da natureza, inclusive plantas e animais, são sempre entendidos como forças vivas, em processo, nunca como entidades estáticas. (…) Segundo a tradição dos povos bantos, por principio toda a terra e sacrallizada – até mesmo uma terra estrangeira, que pode ser ou ter sido propriedade e morada de um ancestral local. Da mesma forma, o pensamento tradicional banto sacraliza as águas de rios e mares, não apenas por sua aplicação económica, mas principalmente por elas terem servido, um dia, aos antepassados hoje venerados como ancestrais. E, assim como a

[42] **Citação original:** "En el sector agrícola, los cultivos (cebada, trigo, vid, caña de azúcar, café, algunas legumbres y frutas) eran realizados por la mano de obra negra. El aprendizaje de esos cultivos por parte de los indígenas se debió a los africanos."

terra e as águas são sagradas as árvores e as plantas, por fornecerem sombra, alimento e remédio e também por sua ligação com os antepassados ilustres de cada comunidade." (LOPES, 2008) pág. 196

FORTALEZAS IMATERIAIS

> "Ananse, a aranha que foi capaz de tecer uma grande teia e conseguir o baú de historias das mãos de Kwame e permitir que tivéssemos histórias. Ananse, a deusa, acompanhou seus filhos espalhados pelo mundo. O mito de Ananse originário da cultura dos povos Fanthi-Ashanti, da região do Benin, na África Ocidental, se espalhou e se renovou e se renova em diversos lugares das Américas." (AMADOR, 2008)

Tal como a rede da Ananse, a Diáspora Africana nas Américas se manifestou de diversas formas por ser um pedaço daquele continente marcado pela heterogeneidade de culturas e etnias.

> "cada um dos os fios/ações tecidos por Ananse funda uma rede de resistência capaz de garantir, não somente a sobrevivência dos africanos escravizados e mais tarde de seus descendentes, mas, para além da simples sobrevivência desprovida de tudo, uma sobrevivência fortalecida por um repositório cultural criado nas Américas." (AMADOR, 2008)

Homens e mulheres, utilizam todos os conhecimentos e forças para sobreviver e manifestar o *por vir*, contrariando a lógica colonial. Não contaram com outros recursos, senão seus corpos, suas mãos, suas habilidades com que foram capazes de criar e improvisar.

Neste processo identitário, o corpo se constitui como o primeiro território a ser reconstruído e defendido. Nos sucessivos processos de fusões e ressignificações culturais o corpo dos africanos e seus descendentes sempre teve uma importância muito grande, tanto para ser negado quanto afirmado. Pedaço inseparável e instrumento principal para o retorno ao território de origem, o corpo traz o legado da memória viva africana.

Figura 26- Festividade, uma forte herança africana. Cafundó-Sorocaba Fonte Livro Quilombolas – Tradições e Cultura da Resistência, *2006*

Estes retornos, lembranças, evocações são iniciativas contínua de alimentar a rede de Ananse para assim, manter os arquétipos da cultura afrodescendente.

> Portanto, as histórias do povo negro, nas Américas, se inscrevem em narrativas que incluem migrações e travessias, onde a vivência do sagrado, de um modo particular, constitui-se num índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social." (AMADOR, 2008)

Son de los Diablos foi uma das primeiras danças que representou o sincretismo afroperuano e a resistência cultural da população negra nesta parte do continente americano. Nas épocas de comemoração do *Corpus Christi* a população afroperuana transmutou as noções de *bem* e *mal* e de *céu* e *inferno*. Nesta dança em que um diabo maior sempre tenta ordenar os demais – e menores – diabos para o trabalho, ao qual estes sempre escapam. Ao decorrer da dança percebemos que o próprio Diabo maior, ao contrário daquilo que a Igreja Católica tentou impor, se apresenta como um diabo simpático, agradável e até divertido.

Chalene Vasquez, musicóloga peruana relembra que a proibição dos instrumentos musicais visavam a desumanização total da pessoa. Por lhe negar a capacidade criativa, a expressão artística e outros valores para além do trabalho, como o conhecimento a linguagem e a cultura.

Fig, 27 Apresentação do *Son de los Diablos* na cidade de Zaña com instrumentos de percussão afroperuanos: *la cabaza* instrumento musical que servia de medidor de grãos de milho na época em que os instrumentos musicais eram proibidos. . Imagem retirada do documentário LA VOZ DE LOS SIN VOZ: Afroperuanos (2010).

A dança adquire uma importância vital para a população negra. Se, por um lado, representava uma expressão e manifestação da sua ancestralidade e um retorno às origens, por outro, era também uma afirmação identitária no seio de uma sociedade onde a sua presença era ambígua. As danças dos negros são particularmente ricas em sentido e significado, pois narram histórias.

Constituem e reconstroem espaços-tempo na vida social das suas comunidades retomadas no exílio e podem criar significações e sentimentos de pertencimento tão fortes quanto aquelas vividas.

> "locais muito longínquos, podem fazer parte da herança da família, com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento." (Pollak, 1992: 202), fornecendo elementos de uma nova identidade. Mesmo os descendentes, aqueles que não vivenciaram África, participavam dessa relação com as origens, na qual as lembranças dos mais velhos transformaram-se em alavancas contra a opressão e instrumentos de luta." (BARROS, 2011) pág. 13

QHAPAQ NEGRO

O Qhapaq Negro é uma dança popular afroperuana que é apresentada na região de Cusco. Relembra a presença dos negros no época em que a escravidão ainda era vigente no Peru, à semelhança da dança dos *negritos, la morenada, caporal negro, la diablada*. Todas estas manifestações estão presentes nas práticas diárias e festivas e no universo popular peruano.

Minuciosamente detalhada e preparada a dança conta com elementos de significados alusivos às culturas afrodescendentes, bem como às culturas andinas. O Qhapaq Negro é assim uma expressão de solidariedade conjunta pelo sofrimento de um passado comum e uma celebração do legado comum para estes povos.

Fig.28 Qhapaq Negro – dança afro-andina. Símbolo do sincretismo religioso esta dança representa os lamentos dos negros que, pela sua condição de escravizados, partilham as suas dores com Virgem de Carmen. Foto Upallay Aucca Asnoq 2008

> "Esta dança é o resultado de uma criação coletiva. Como se expressou anteriormente, eles carregam em suas mãos uma mão dupla em madeira preta; é o maqui ou braço com o punho fechado; que antes tinha um chicote e representava os flagelos e punições da escravidão, mas depois foi abolido; uma corrente amarrada em uma perna também é usada, lembrando a escravidão; as máscaras têm lágrimas, rostos tristes de escravos negros. Os símbolos da escravidão: chicote, máscara, corrente foram adicionados às danças originais, e importantes transformações musicais foram adicionadas e posteriores." (CELESTINO, 2004), pág.52[43]

Religiosidade cristã era um dos elos mais importantes do sistema de domínio colonial. Os africanos, com seus cultos animistas e práticas de religião muçulmana e os indígenas e as respectivas religiões pré-coloniais foram convertidos de forma impetuosa a religião católica.

[43] **Citação original:** Esta danza es el resultado de una creación colectiva. Como se ha expressado anteriormente, llevan en la mano una doble mano en madera de color negro; es el maqui o brazo con puño cerrado; antes éste tenía un chicote que representaba los azotes y castigos de la esclavitud, pero más tarde fue suprimido; también se lleva una cadena atada en una pierna, recordando la esclavitud; las máscaras tienen lágrimas, rostros tristes de negros esclavos. Los símbolos de la esclavitud: chicote, máscara, cadena han sido añadidas a las danzas originales, igualmente se han agregado importantes transformaciones musicales e posteriores

Una atividade central das confrarias consistia em organizar os desfiles durante as festas. Aos espanhóis eram permitidas as manifestações e dança, quer no espaço público quer na sua privacidade. Aos escravos também se permitiu a música e a dança.

> "Nos centros religiosos, indígenas e africanos, não só se observavam mutuamente, mas também dialogavam e transmitiram a história de seus deuses e suas crenças. Eram as manifestações genuínas da articulação afro-andina, as únicas formas cotidianas de acomodação, talvez prosaicas, mas constantes e eficazes. (...) **Os grupos tinham em comum as práticas de cultos ancestrais, adivinhação e conhecimento da utilidade das plantas medicinais.**" (CELESTINO, 2004), pág.30[44]

Simón de Ayanque, em sua obra de 1792 *Lima por dentro y por fuera:*

> "Andaluz, primeiramente radicado no México e depois instalado em Lima, o espirituoso poeta descreve, com um tom provocador, o mundo do mercado e das ruas limenhas, que era o mundo das classes médias e populares. **Ayanque enfatiza a convivência de diversos grupos, a integração que tinham alcançado na vida cotidiana da cidade, o sentimento de que a cidade era deles e o peso que nesse conjunto heterogêneo tinha na cidade vice-reino**. Dirigindo-se a um peninsular – na realidade, a si mesmo –, Ayanque pinta o ambiente da Plaza Mayor e da feira livre que ali se realizava:

Pois divisas muita gente
E muitas bestas presas,
De que não se distinguem
Seus próprios donos, às vezes;

Pois vês muitas cozinheiras,
Muitas negras, muitos negros,
Muitas índias vendedoras de especiarias,
Muitas vacas bezerros;

Pois vês muitas mulatas
Destinadas ao comércio,
Umas ao da carne
Outras ao mesmo;

Pois vês índias pescadoras
Pescando mito dinheiro,
Pois às vezes pescam mais
Que a pesca que trouxeram;

---

[44] **Citação original:** "En los centros religiosos, indígenas y africanos, no sólo se observaban, sino que dialogaban y se transmitían la historia de sus dioses y de sus creencias. Fueron las genuinas manifestaciones de articulación afro andinas, las únicas formas cotidianas de acomodamiento, quizás prosaicas, pero constantes y efectivas. (...) **Los grupos tenían en común las prácticas de los cultos ancestrales, adivinatorios, y el conocimiento de la utilidad de las plantas medicinales.**"

E percorrendo as ruas, se surpreende com o mundo discigenado:

Verás depois pelas ruas
Grande quantidade de cabelos,
Índias, cafuzas e mulatas,
Chineses, mestiços e negros.

Verás vários espanhóis
Armados e janotas,
Com ricas capas rubras,
Relógio e grandes chapéus.

Mas da mesma massa
Verás outros perecendo
Com capas de lamparina,
Com lâmpadas e orifícios. (...)

Ao compasso da enunciação, Ayanque pontua que sabe a respeito das relações entre os grupos populares e, sobretudo, sobre as possibilidades de ascensão social e de integração nos quadros da sociedade fidalga ainda pretensamente rígidos:

(...)Que a pública saúde
Está em mãos dos negros,
Dos chineses, dos mulatos,
E outros vários dessa fibra.

.....

Do rei do Congo os netos,
Pois estes senhores doutores
São os que tocam as meninas,
As damas e os cavaleiros.

Que a fé pública está
Também entre os Macabeus,
No dos Escribas,
E todos os Fariseus.

Há muito mulatismo e do gênero chinesco.
Que com papéis fingidos
Querem mudar de pele.

.....

Verás com mui ricos trajes
As de baixo nascimento,

Sem distinção de pessoas,
De estado, de idade nem sexo.

Verás uma mulher branca
De quem um negro se enamora
E um branco que em uma negra
Tem embebido seu afeto

Verás um título grande,
E o mais alto cavalheiro,
Pôr em uma mulata
Seu particular esmero." (ROMERO, 2009) págs. 163

Um exemplo da construção coletiva e miscigenada da prática religiosa pelas populações negras e indígenas foi o culto ao *Señor de los Milagros* ou também chamado de *Pachacamac*, (deus da cosmologia andina que controlava as tormentas). No final do séc. XVI, no mesmo momento em que a população indígena da costa sul do Peru apresentava uma queda demográfica este culto foi retomado e salvo pela população afrodescendente e hoje constitui uma das maiores procissões do mundo.

> "O modo como os afros vivem a sua religiosidade e preferências religiosas são contribuições evidentes. No mês de outubro de cada ano a imagem do Senhor dos Milagres parte de Lima em procissão; uma multidão de negros devotos carregando a estátua. Ao mesmo tempo, todas essas pessoas são acompanhadas por uma multidão que não é negra, mas compartilha essa devoção por sua imagem religiosa. A simpatia e veneração deste santo por pessoas de todas as origens étnicas, econômicas e culturais fez desta uma das procissões mais freqüentadas no mundo".(PASTOR, 2009) pág.288[45]

[45] **Citação original:** "La manera como los afros viven su religiosidad y preferencias religiosas son aportes evidentes. En el mes de octubre de cada año sale en Lima en procesión la imagen de Señor de los Milagros; una muchedumbre de negros organizados lo llevan en andas y otros los acompañan. A su vez toda esa gente va acompañada por una multitud que no es negra pero que comparte esta devoción por su imagen religiosa. La simpatía y veneración hacia este santo por gente de toda condición étnica, económica y cultural há hecho de ésta una de las procesiones con mayor concurrencia del mundo."

3 – SUSANA BACA E NEGRITUDES AFROPERUANAS

Fig. 29 Procissão de "Santa Ifigênia" – símbolo do sincretismo e vivência religiosa afroperuana – Imagem retirada do Documentário *Afroperuanos: la voz de los sin voz*

3 – SUSANA BACA E NEGRITUDES AFROPERUANAS

3.1 DADOS DA POPULAÇÃO AFRICANA NO PERU

Relatos históricos nos mostram que a chegada e organização da Conquista Espanhola já contava com a presença de população africana.

> "A presença hispânica no território do Império Inca começou nos últimos meses do ano de 1531, quando quase quarenta anos se passaram desde a chegada de Cristóvão Colombo na América. (...) A presença dos negros indicada é ainda mais clara em 1533, quando de Cajamarca, local da prisão e surpresa da derrota do Inca Atahualpa e onde os espanhóis foram esquartejados, é enviada uma "frota avançada para Cusco", a capital do Tawantisuyo.
> Nessa expedição, um dos primeiros afros interveio. Esse personagem mostra a importância, não de uma única pessoa, mas daqueles grupos de pessoas que, sem serem hispânicos, participaram igualmente, mas apenas como "companheiros forçados" ou auxiliares da guerra, nas ações de invasão e conquista sob o comando dos Invasores espanhóis." (Pastor, 2008, p.15)[46]

A invisibilização proposital, contradições nas fontes e as perdas ao longo do tempo não poderão nos apresentar informação precisa e detalhada sobre acontecimentos de tão grande importância que, para algumas culturas significou início de fontes contínuas de produção e excedentes econômicos e para outras culturas perdas e danos irreparáveis. Alguns relatos relacionam a presença dos africanos e espanhois às mitologías das culturas locais:

> "Na crença indígena, os africanos simbolizavam Tutayquiri, divindades e caracteres sagrados da noite, das trevas e do abismo. Quanto aos espanhóis, eles representavam Wiracocha, símbolo do branco e do dia; o Deus há muito esperado retornar. " (CELESTINO, 2004), pág.26[47]

---

[46] **Citação original**: "La presencia hispana en territorio del Imperio Incaico se inicia en los últimos meses del año 1531, cuando ya habían transcurrido casi cuarenta años de la llegada de Cristóbal Colón en la América. (…) La presencia de los negros indicada es aun más clara en 1533 cuando desde Cajamarca, lugar del aprisionamiento y sorpresiva derrota del inca Atahualpa y donde se encontraban acantonados los españoles, se envía *«una partida avanzada a Cusco»*, la capital del Tawantisuyo.
En esa partida intervino uno de esos primeros afros. Este personaje muestra la importancia, no de una sola persona sino de aquellos grupos de gente que sin ser hispanos participaban por igual aunque solo en condición de *«acompañantes obligados»* o auxiliares de guerra, en las acciones de invasión y conquista bajo el mando de los invasores españoles."

[47] **Citação original**: "En la creencia indígena, los africanos simbolizaban Tutayquiri, divinidades y personajes sagrados de la noche, de la obscuridad y de los abismos. En cuanto a los españoles, éstos representaban a Wiracocha, símbolo de lo blanco y del día; el Dios tanto tiempo esperado que regresaba."

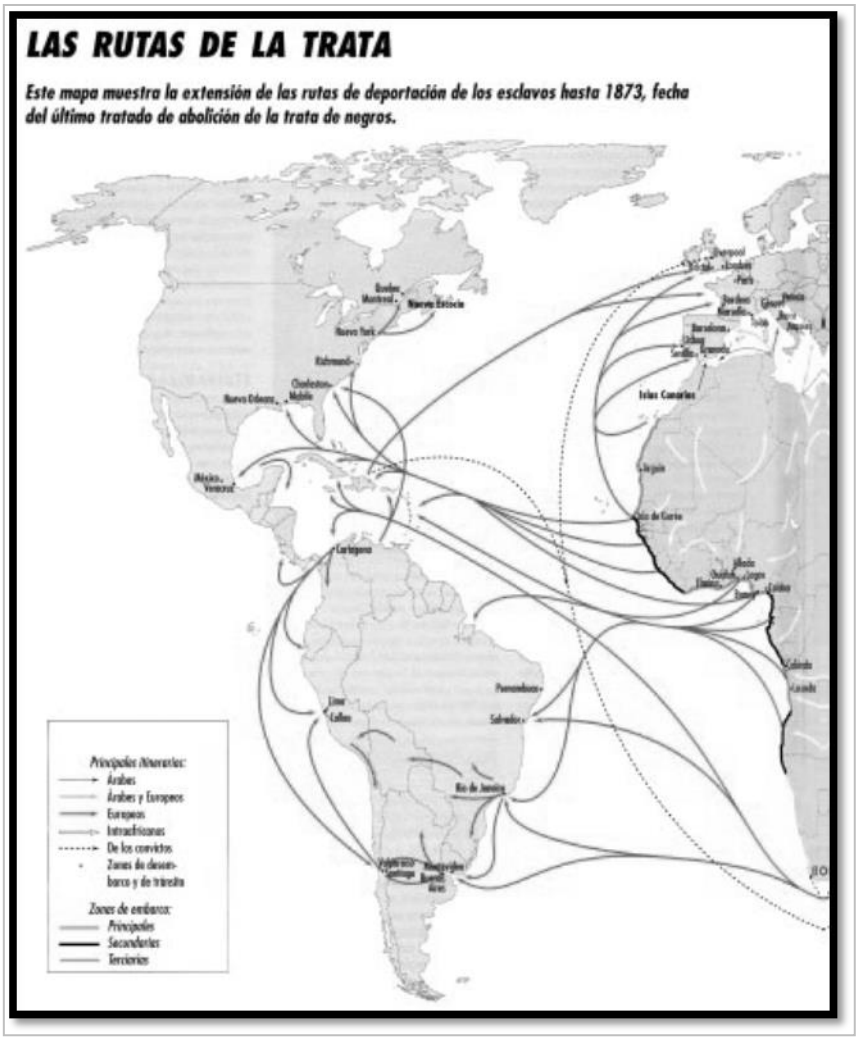

Fig. 30 ***A rota do tráfico de pessoas até 1873.*** (Fonte Revista *Fuentes UNESCO,* N° 99, março de 1998.)

Como podemos observar no mapa *A rota do tráfico de pessoas até 1873*. (Fonte Revista *Fuentes UNESCO,* N° 99, março de 1998.) a chegada e instalação das populações de origem africana era proveniente de forma terrestre, pelas chamadas terras altas: vindos através do **oceano Atlântico** chegavam nos portos do Rio de Janeiro e Rio de la Plata (Beunos Aires). Para chegar nas **terras altas** (nos vales interandinos e no Altiplanalto da cordilheira Andina correspondente hoje a Ecuador, Perú, Bolívia e Argentina os negros que chegavam nos portos mencionados se deslocavam a pé até ao destino onde começavam a trabalhar.

> "Durante os primeiros dois séculos, os escravos que vieram do Panamá (uma das duas rotas utilizadas, a outra pelo rio da Prata) foram comprados nas ilhas das Antilhas, na

posse dos ingleses, franceses, holandeses e dinamarqueses; por essa razão, esses escravos tinham origens étnicas africanas muito diferentes "(Pastor, 2008, p.286)[48]

As rotas de comércio e tráfico de pessoas faziam parte do comércio triangular que durou, pela sua lucratividade durante mais de 400 em maior parte dos países. Segundo Augusto Zavala, Diretor do Museu Nacional Afroperuano de Lima, a escravidão de negros africanos no Peru durou 326 anos (entre 1528 a 1854).

Aquelas pessoas que chegavam por via marítima através do Panamá e posteriormente no oceano Pacífico, chegavam nos diversos portos controlados pelos Espanhóis desde o Panamá até à região Central do Chile.

DE ESPAÑA NOS LLEGO CRISTO (Canção de Susana Baca)

De España nos llegó Cristo
Pero también el patrón
El patrón igual que a Cristo
Al negro crucificó
Sobre la mar de mi sangre
Un toro bravo llegó
Embistiendo llegó el toro
Llegó bailando minué
Llegó meneando los cuernos
Dos cuernos más grandes que el.

Con sangre de cuatro siglos
Forgé una bandera roja
Y a mi modo la torié
El toro que fuera dueño
De mi tierra y de mi piel
Supo que panal robado
Da llanto en lugar de miel
Y navegando hasta España
Sobre el mar de su sangre
El toro bravo se fue...

[48] **Citação original** "Durante los dos primeros siglos los esclavos que venían de Panamá (una de las dos rutas utilizadas; la otra era por el Río de la Plata) eran comprados en las islas antillanas en posesión de los ingleses, franceses, holandeses y daneses; por ello estos esclavos eran de muy diferentes orígenes étnicos africanos." (Pastor, 2008, pág.286)

Tradução livre

Da Espanha, nos chegou Cristo
Mas também o patrão
O patrão como a Cristo
Ao negro crucificou.
Sobre o mar do meu sangue
Um valente touro chegou
Enraivecido touro chegou
Ele veio dançando minueto
Ele veio abanando os chifres
Dois chifres maiores que ele.

Com sangue de quatro séculos
Forjou uma bandeira vermelha
E do meu jeito eu *torié*
O touro que era dono
Da minha terra e minha pele
Ele sabia que o favo de mel roubado
Dá choro e não mel
E navegando para a Espanha
No mar do seu sangue
O bravo touro foi embora...

> "Fernando Romero, pesquisador dessa história, indica que os múltiplos grupos étnicos dos quais os escravos se originaram vieram de três grandes áreas geográficas da África: os" rios da Guiné ", que incluíam Senegâmbia, Guiné Bissau e Serra Leoa. (...) As "castas" de São Thomé que incluíam o Golfo da Guiné e a "Costa dos escravos" (de Tongo à Nigéria). Desses lugares vieram as branas, gojas, minas, popós, ararás, gouns ou terranovos, yorubas ou lucamees, caravalís, santomés." (Pastor, 2008, pág.286)[49]

De Guinea, Senegal
Congo, Angola y Camerún
Desciende el negro común
En el Perú colonial.

Nicomendes Santa Cruz

Os estudiosos e historiadores empenhados em reconstruir os dados e origens desta considerável parte da população latino-americana apresentam algumas dificuldades pelas condições desumanas no percurso e fatos propositalmente ocultados e

[49] **Citação original** "Fernando Romero, investigador de esta historia, indica que las múltiples etnias de las que los esclavos eran originarios, procedían de tres grandes áreas geográficas de África: los «ríos de Guinea», que comprendía Senegambia, Guinea Bissau y Sierra Leona. (…) Las «castas» de Sao Thomé que comprendía el golfo de Guinea y la «Costa de los esclavos» (desde Tongo hasta Nigeria). De estos lugares procedían los branes, gojas, minas, popós, ararás, gouns o terranovos, yorubas o lucamees, caravalís, santomés."

apagados. A estas justificativas no caso do Peru acrescentamos o fato de que as populações que chegavam por vezes já tinham sido levados para a região do Caribe, onde – pelo tempo que passaram e pelas as relações naturais e impostas da sociabilidade, apresentavam casos de miscigenação. Ainda que haja importante presença de comunidades de afrodescendentes e afroandinos na região da Cordilheira a maior concentração de negros acontece na região da Costa.

Figura 31- Os estados, denominados Províncias com maior número de população afrodescendente. Imagem retirada do documentário LA VOZ DE LOS SIN VOZ: Afroperuanos (2010).

Os negros peruanos de ontem e de hoje

> "De todo esse quadro demográfico, pode-se afirmar, no entanto, que embora os negros nunca tenham sido maioria em todo o país, o foram na costa. Isso foi intenso no século XVIII, continuando de maneira semelhante até a década de 50 do século XIX. " (PASTOR, 2008, pág.287)[50]

[50] **Citação original "**De todo este panorama demográfico que nos es muy claro, se puede afirmar, sin embargo, que a pesar de que la gente negra nofue nunca mayoría en todo el país, sí lo fue en la costa. Esto que fue intenso en el siglo XVIII continuó de manera similar hasta la década de los años 50 del siglo XIX."

3.2 ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DURANTE O REGIME COLONIAL

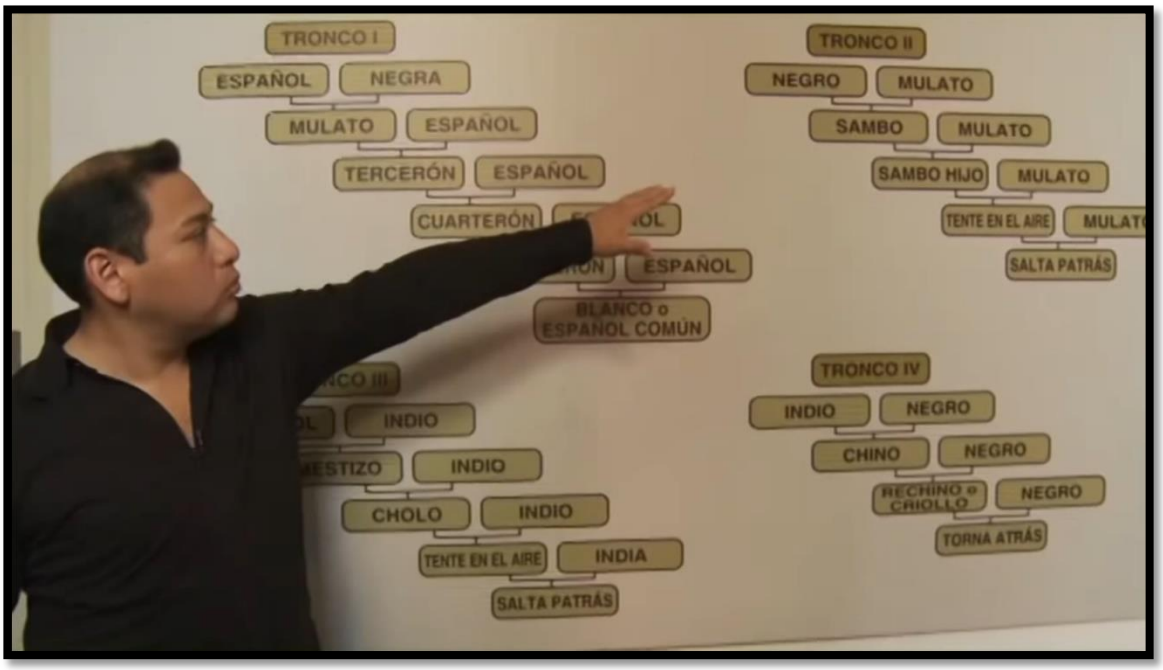

Figura 32 - Dr. Augusto Zavala mostra as castas e etnias que os espanhóis estabeleciam para manter a si próprios no topo da pirâmide hierárquica. *Imagem retirada do documentário LA VOZ DE LOS SIN VOZ: Afroperuanos (2010).*

> "(...) Afirma-se que eles não excederam 200.000. Frederic P. Bowser declara: "Na verdade, a cidade [de Lima] recebeu um fluxo considerável de negros. Sua população africana, que provavelmente não excedia 4.000 indivíduos em 1586, aumentou em 6.699 em 1593, 11.130 em 1614 e 13.137 em 1619, e possivelmente chegou a 20.000 em 1640. "(PASTOR, 2008) Pp. 198-200[51]

YANA RUNA (Canção de Susana Baca)

La historia que hoy les cuento
De mis ancestros
Negros africanos esclavizados
Trabajaron mucho la tierra del amo
Con los andinos se juntaron
Huancainos, huancavelicanos
Negros de chincha

---

[51] **Citação original:**
"(…) Se afirma que no pasaron de 200 000. Frederic P. Bowser afirma:
«En realidad la ciudad [de Lima] recibió una considerable afluencia de negros. Su población africana, que probablemente no pasaba de 4 000 individuos en 1586, aumento en 6 690 en 1593, 11 130 en 1614 y 13 137 en 1619, y posiblemente alcanzaba 20 000 en 1640."

Huancainos, huancavelicanos
Negros africanos

Acutilutilutilu
Acutilutilu ñarru
Con la dicha que dios me ha dado
Acutilutilu ñarru
Runa kunahua yana kunahua
Se juntaron
Runa kunahua yana kunahua
Sus músicas mezclaron

Muchos años de convivencia
Se formó una población
De negros y andinos de corazón
Muchos años de convivencia
Se formó una población de yanas y runas
De corazón
Empezó el mestizaje
Nació otra generación
Rompieron muchas cadenas
En la hacienda del patrón

Redonda segunda
La consecuencia ninguna
Calangachi calangachi ay tachi
Calangachi calangachi ay tachi
Ay machay machay machi ay tachi
Todo pájaro come maíz
Huanchaco carga la fama

Si es que el negro no trabaja
Es porque no le da la gana
Si el andino no trabaja
Es porque no le da la gana
Guitarra violín y arpa
El huayno empezó
Cajita, cajón, quijada
Con el festejo se mezclo

Redonda segunda
La consecuencia ninguna
Calangachi calangachi ay tachi
Calangachi calangachi ay tachi
Ay machay machay machi ay tachi
Ay machay machay machi ay tachi

Libertad libertad
Taquichy

Libertad libertad
Taquichy

Runa kunahua yana kunahua
Takichy
Negros y andinos
Takichy
Yanas y runas
Takichy
Asi kusun
Kusi kusun

Tradução livre

YANA RUNA
A história que vos conto hoje
Dos meus antepassados
Negros africanos escravizados
Eles trabalharam muito a terra do patrão
Com os andinos eles se reuniram
Huancainos, Huancavelicanos
Negros de chincha
Huancainos, Huancavelicanos
Negros africanos
Acutilutilutilu
Acutilutilu ñarru
Com a felicidade que Deus me deu
Acutilutilu ñarru
Runa kunahua yana kunahua
Eles se juntaram
Runa kunahua yana kunahua
Sua música misturararam

Muitos anos de convivência
Uma população foi formada
De negros e andinos de coração
Muitos anos de convivência
Uma população de yanas e runas formadas
De coração
A miscigenação começou
Outra geração nasceu
Eles quebraram muitas cadeias
Na fazenda do patrão

Segunda rodada
A consequência nenhuma
Calangachi calangachi ay tachi

Calangachi calangachi ay tachi
Ay machay machay machi ai tachi
Toda ave come milho
Huanchaco carrega essa fama

Se o negro não trabalha
Porque é assim que ele quer
Se o andino não trabalha
Porque é assim que ele quer
Guitarra, Violino e Harpa
O huayno começou
Caixa, gaveta, mandíbula
Com o festejo se misturou

Segunda rodada
A consequência nenhuma
Calangachi calangachi ay tachi
Calangachi calangachi ay tachi
Ay machay machay machi ai tachi
Ay machay machay machi ai tachi

Liberdade liberdade
Taquichy
Liberdade liberdade
Taquichy

Runa kunahua yana kunahua
Takichy
Negros e andinos
Takichy
Yanas e runas
Takichy
Então kusun
Kusi kusun

Os *indígenas e negros*, populações subalternas que foram reduzidas á condição de escravos pelo novo sistema colonial que se instaurava, não demoraram para encontrar vias, forças e estratégias para começar a preparar a resistência e as rebeliões e formas de viver a liberdade.

Ao contrário da ideia que se tentou consolidar na opinião pública da sociedade na época, os processos de miscigenação representavam situações de poder desigual e, apesar de partirem apresentarem particularidades, na maior parte das vezes eram muito condicionantes e violentos principalmente para as mulheres. O regime político que se

instituía, que organizava e legitimava a autoridade pelo critério racial e da cor de pele, foi desde o início sendo questionado e enfrentado, efetiva e simbolicamente.

> " A partir de seu encontro, os africanos e indígenas estabeleceram um diálogo, em seguida, desenvolveram estreitas relações com personagens sócio-religiosos, econômicos e políticos. Mas, desde o início, houve um processo de miscigenação entre eles. (CELESTINO, 2004), p.25[52]

Fig. 33 - "Ezequiel Arce e a sua colheita de batatas" Fotografia de Martín Chambi. Cuzco, 1939

Os cotidianos forçados, aproximações e relações apartir destas semelhanças e diferenças dentro das subalternidades impostas pela autoridade resultaram em partilhas e miscigenações étnicas, religiosas, artísticas e culturais. Contudo não podemos romantizar as dificuldades e cotidiano e em particular os abusos provenientes do regime colonial, principalmente vividos pelas mulheres negras e indígenas.

Panalivio / Zancudito (Canção de Susana Baca)

Ya salió mi caporal
con su chicote en la mano
panalivio malivio san.
Se parece al mal ladrón
capitán de bandoleros

[52] **Citação original:** "A partir de su encuentro, los africanos y los indígenas establecieron un diálogo, después desarrollaron estrechas relaciones con caracteres socio-religiosos, económicos y políticos. Pero, desde el inicio se asistió a un proceso de mestizaje entre ellos.

panalivio malivio san.

Yo me corté con la hoz
ya me sale mucha sangre
panalivio malivio san.
No es la sangre que me sale
sino que me mata el hambre
panalivio malivio san.

Zancudito me picó (salamanqueja me mordió)
Malhaya sea ese zancudo (malhaya sea que me pico)
Zancudito por aquí (zancudito por allá)
Malhaya sea este zancudo (malhaya sea que me picó)

Que me picó, que me picó (en la punta el corazón)

Tradução Livre

Panalivio / Zancudito

Meu caporal já saiu
com o chicote na mão
Pan-alivio Mal-alívio é.
Parece o ladrão mau
Capitão bandido
Pan-alivio Mal-alívio é.

Eu me cortei com a foice
Já me corre muito sangue
Pan-alivio Mal-alívio é.

Não é o sangue que sai
mas a fome me mata
Pan-alivio Mal-alívio é.

Zancudito me picou (salamanqueja me mordeu)
Malhaya é aquele mosquito (não importa o quanto eu morda)
Zancudito por aqui (zancudito ali)
Malhaya seja esse mosquito (malhaya que me picou)

Que me picou, que me picou (na ponta do coração).

Panalívio é uma dança popular peruana, que surgiu nas lavouras durante o regime colonial e expressa o cotidiano da população afrodescendente. Através da canção as pessoas aliviam as dores e sofrimento impostos pelos patrões e afirmavam a sua presença, existência e criatividade frente ao domínio e autoridade.

MÃO-DE-OBRA DE MACAU

> “Quando ocorrem estes fenómenos da diminução da mão-de-obra afrodescendente e dada a urgência de mais trabalho é, então, se intensificam as viagens dos navios entre Macau e Callao, trazendo milhares de chineses que foram destinados por Henry Meiggs para colocar trilhos ao longo de várias linhas ferroviárias e pelos proprietários de terras para a lavoura em diferentes épocas do cultivo e processamento de cana e algodão. (...)
>
> Macao, cujo nome oficial em português é Macau e que os antigos mandarins chamam de Gaumán, é um território colonial desde 1557. Inclui duas pequenas ilhas chamadas Taipa e Coloane. Macau foi a primeira colônia européia na Ásia. É uma península ao sul do Mar da China, quase toda cercada de água, a 115 km de Guangzhou. Entre 1847 e 1874 tornou-se o local de partida dos barcos chineses que levaram aos coolies para diferentes lugares da América; foi um "período efêmero de prosperidade", como James de Inso escreveu em 1930, como evidenciado pela entrada de navios naqueles anos: em 1871, 120 navios entraram no país, 113 em 1872, 96 em 1873, 38 em 1874, 16 em 1875, 9 em 1876, etc. " (PASTOR, 2008) Pág. 202[53]

> "Essa evidente proximidade entre negros e chineses não foi indiferente a certos escritores. Não sabemos de que maneira o poeta José Santos Chocano conhecia a presença de negros e chineses nas fazendas, mas nos deixou um poema em seu livro *Iras Santas*:

NEGRO E AMARELO

É a fazenda o refúgio consagrado
Das raças ungidas pelo crime

[53] Citação original: “Cuando ocurren todos esos fenómenos confluyentes y casi paralelos de disminución de los afros como importante fuerza laboral, y la urgencia de más mano de obra es, entonces, que se intensifican los viajes de los barcos entre Macao y Callao trayendo miles de chinos que fueron destinados por Henry Meiggs para colocar rieles a lo largo de varias vías ferrocarrileras y por los latifundistas para el laboreo en los distintos momentos del cultivo y procesamiento de la caña de azúcar y el algodón.(…)

Macao, cuyo nombre oficial en portugués es Macau y que los viejos mandarines llamaron Gaumán, es un territorio colonial desde 1557. Incluye dos pequeñas islas llamadas Taipa y Coloane. Macao fue la primera colonia europea en Asia. Es una península al sur del Mar de China, casi toda ella cercada por agua, se encuentra a 115km de Guangzhou. Entre 1847 y 1874 se convirtió en lugar de partida de los barcos chineros que conducían a los culíes a diferentes lugares de América; se trató de una «*efímera época de prosperidad*», como escribía en 1930 James de Inso, lo que se evidenciaba en el ingreso de navíos en esos años: es así que el año 1871 ingresan a Macao 120 navíos, 113 en 1872, 96 en 1873, 38 en 1874, 16 en 1875, 9 en 1876, etc.”

Que com o lampa, a picareta e o arado
Eles se levantam, transfiguram, redimem.

Sempre ofegantes, a lição aprendem
Do trabalho vil, negros e chineses:
O giro dos pistões servem
Eles cortam a cana e limpam as estradas.

Quando cansados para a casa simples
retornam e se amontoam na porta,
e a Lua cintilante
Mudos admiram, na expansão deserta;

E talvez sintam uma imensa nostalgia,
Desenhando uma lembrança na sombra,
Que o incensário que não incensa, sente
E o que sente também, a tocha que não brilha (...).

E sempre entre seus sonhos soberanos
Eles sentem assim, pensando em seus destinos,
O rugido dos leões africanos
Ou a agitação dos dragões chineses. "

(PASTOR, 2008) Pág. 206 [54]

Há inúmeros exemplos de rebeliões organizadas por índios e negros, anteriores à Revolução Francesa.

---

[54] **Citação original:** Esta evidente cercanía entre negros y chinos no fue indiferente para ciertos escritores. No sabemos de qué manera el poeta José Santos Chocano supo de la presencia de las haciendas, de negros y chinos, pero de ello nos ha dejado un poema en su libro **Iras Santas:** **NEGRO Y AMARILLO**

Es la hacienda refugio consagrado
De las razas ungidas por el crimen
Que con la lampa, el pico y el arado
Se alzan, transfiguran, redimen.
Siempre jadeantes, la lección aprienden
Del trabajo vil, negros y chinos:
El giro de los émbolos atienden,
Cortan la caña y limpian los caminos.

Cuando cansados al hogar sencillo
Vuleven y se amontonan a la puerta,
De cenicienta luna con el brillo
Mudos admiran la extensión desierta;

Y acaso sienten la nostalgia inmensa,
Dibujando un recuerdo en la penumbra,
Que siente el incensario que no inciensa
Y que siente la antorcha que no alumbra (…)
Y siempre entre sus sueños soberanos
Sienten así, pensando en sus destinos,
El rugir de los leones africanos
O el aletear de los dragones chinos."

"Há os esquecidos: indígenas e negros. É sempre atribuído aos franceses, nos textos universais, que eles foram os primeiros a pensar em liberdade e abolição da escravidão. Juan Santos Atahualpa em 1742, no Cerro de la Sal, fez sua primeira proclamação. Tupac Amaru repete dez anos antes da Revolução Francesa. Naquela independência inicial e manifestações libertárias, tanto indígenas quanto negros participavam. O mesmo aconteceu com as tropas que acompanharam Bolívar e San Martín. Os granadeiros de San Martin eram em sua maioria negros, e os famosos hussardos de Junin são em grande parte de origem afro. " CELESTINO, 2004), pág.31[55]

Apesar da prática escravista no Peru não ter números tão significativos, se comparados com a quantidade de africanos que desembarcaram no Brasil, este regime durou até 1854. Na opinião de Celestino (2004) a abolição foi resultado de uma pressão internacional e em particular inglesa, visto que o sistema econômico internacional exigia outro perfil para a massa trabalhadora. A aparente abolição, que não era do interesse nem das elites coloniais nem das elites crioulas que se instalaram após a proclamação da República Peruana, deixou mazelas e o legado da escravidão nas condições sociais e econômicas da população afrodescendente do Peru.

"A participação ativa nas guerras de independência em troca de liberdade, assim como demandas contemporâneas por reconhecimento étnico e discriminação racial, entre muitas outras formas de resistência e agências políticas que os escravos e seus descendentes desenvolveram no passado e se expressam em sua intenção de ser livre e alcançar direitos de cidadania plena no presente." (ORTIZ,2008) pág.93[56]

TONADA DE CONGO (Canção de Susana Baca)

A al mar me llevan sin tener razón
A al mar me llevan sin tener razón

[55] **Citação original** "He ahí los olvidados: indígenas y negros. Siempre se atribuye a los franceses, en los textos universales, que fueron ellos los primeros que pensaron en la libertad y en la abolición de la esclavitud. Juan Santos Atahualpa en 1742, en el Cerro de la Sal, hizo su primera proclamación. Tupac Amaru la repite diez años antes de la Revolución Francesa. En esas manifestaciones independetistas y libertarias iniciales se congregaban tanto indígenas como negros. Lo mismo sucedía con las tropas que acompañaron a Bolívar y a San Martín. Los granaderos de San Martín en su gran mayoría eran negros, y los famosos Húsares de Junín, en gran parte son de origen afro."

[56] **Citação original:** "La participación activa en las guerras de independencia a cambio de la libertad, así como las reivindicaciones contemporáneas por el reconocimiento étnico y la discriminación racial, entre muchas otras formas de resistencia y agencias políticas que los esclavizados y sus descendientes desarrollaron en el pasado y se expresan en su intención de ser libres y alcanzar derechos de ciudadanía plena en el presente."

Dejando a mi madre de mi corazón
Lo dice el Congo, lo manda el Congo,
Lo canta el Congo
Zucu zucun mambe, Zucu zucun mambe,

Tradução livre

Para o mar me levam sem haver motivo
Para o mar me levam sem haver motivo

Deixando a minha mãe do meu coração
Congo diz isso, Congo manda nisso,
Congo canta isso
Zucu zucun mambe, zucu zucun mambe,

A DIÁSPORA AFRICANA COMO REINVENÇÃO DAS VIDAS DAS COMUNIDADES NO EXÍLIO

> "Por um lado, notamos as inserções em diferentes ofícios, aproveitando o conhecimento e a prática em atividades específicas que eles trouxeram de seus territórios originais. Por outro lado, vemos como os escravizados adotaram algumas estratégias de assentamento em diferentes regiões e em condições diferentes em cada caso, dando origem a uma nova expressão da diáspora, agora interna, nas repúblicas que se formavam. É nesse sentido que dizemos que a diáspora africana também significou a possibilidade de **refundar suas vidas no exílio** ".(ORTIZ,2008) pág. 91[57]

GOLPE E TIERRA (Canção de Susana Baca)

Hablan los negros del Congo
Contestan los de tumán
A landurun durun durundá

Los de Salamanca dicen
Los de Lambayeque dicen

[57] Citação original: LA DIÁSPORA AFRICANA *COMO REINVENCIÓN DE LA VIDA DE LAS COMUNIDADES EN EL EXILIO*

Por un lado notamos las inserciones en diversos oficios, aprovechando el conocimiento y la práctica en actividades específicas que traían desde sus territorios originarios. De otro lado, vemos cómo los esclavizados adoptaron algunas estrategias de poblamiento en diversas regiones y en condiciones disímiles en cada caso, dando lugar a una nueva expresión de la diáspora, ahora interna, en la naciente república. Es en este sentido que decimos que la Diáspora Africana significó también la posibilidad de refundar sus vidas en el exilio."

En Zaña cómo estarán
A landurun durun durundá.

De'onde vienes vienes
De'onde vienes ora
Y vengo de la Laguna
Ay, de segar totora
De segar ahora,
De segar totora,
De segar ahora...

Tradução livre

Os negros do Congo falam
Aqueles de Tumán respondem
Um landurun durun durundá
Os de Salamanca dizem
Os de Lambayeque dizem
Em Zaña como eles estarão
Um landurun durun durundá.
De onde você vem
De onde você vem, ore?
E eu venho da Laguna
Oh, parar o totora
Para parar agora,
Para parar totora,
Para parar agora ...

3.3. MULHERES NEGRAS E A SUA (RE) EXISTÊNCIA

FUEGO Y AGUA (Canção de Susana Baca)

Atravesando a la historia
Y la memoria
De Africas desta tierra, mujer niegra
Me trajeran como esclava, trabajaba
Di de mamar a sus hijos, los cuidaba
Ojos mansos, risa clara
Piel morena, fuego y agua

Quien quiso tomar mi cuerpo, lo preso
Pari, fui teniendo al pueblo, color negro

Les presto mi risa, les presto mi fuego
Les presto mi ritmo, me celebro

Tradução Livre

Percorrendo a história
E a memória
Áfricas desta terra, mulher negra
Me trouxeram como escrava, eu trabalhei
Amamentei seus filhos, eu cuidei deles
Olhos mansos, sorriso branco
Pele morena, fogo e água

Quem queria levar meu corpo, eu o aprisionei
Pari, e fui tendo o povo, cor negra

Lhes dou o meu riso, lhes empresto meu fogo
Lhes empresto meu ritmo, me celebro.

Fig. 34 – A cantora Susana Baca durante o documentário *Por trás de la larga noche*

"A mulher negra trouxe da África um esquema de sociedade matriarcal que, de alguma forma, reproduziu no Vice-reinado do Peru. Isso aconteceu principalmente dentro dos múltiplos grupos de negros existentes naquela época. Mais do que o negro, quem perde com a escravidão é o escravo negro. Ela na África desfrutou de maior liberdade e importância dentro de seus grupos étnicos originais. Sua nova realidade na

sociedade vice-real perdeu aos poucos os privilégios derivados das sociedades matriarcais."[58] (PASTOR, 2008) pág. 290

Sabemos que a história das mulheres contou, em sua grande maioria com uma narrativa oral. Esta fonte informação não contou com uma observação devida e atenta, capaz de preservar até aos nossos dias, importantes pormenores que ensinaram a tanta gente coisas do sensível, dos afetos e das tardes em silêncio nas pedras.

"Tendo em conta que a história das mulheres passa mais por uma narrativa oral que pela escrita, e que a soma de experiências e histórias é a principal fonte de informação, o afetivo, o cotidiano eo privado têm sido tópicos pouco investigados dentro dessa história. A história das mulheres afro-peruanas é praticamente invisível. As escravas negras também faziam parte da história. Elas foram sujeitos dela e construíram-na, com suas próprias formas de autoconsciência, dando a essa história um sentido próprio e sendo capaz de agir sobre o mundo, transformando sua própria realidade." (VALDÍVIA DEL RIO,2008) pág. 212 [59]

Não foi um fato do acaso e sim fruto de incansável esforço perante as duplas e triplas dificuldades que o sistema colonial impunha às mulheres negras em condições sem liberdade. As constantes humilhações, abusos por parte dos senhores e tarefas de lavagem das roupas, preparo da comida, cuidado, amamentação e educação das crianças (quer senhoriais, quer dos próprios filhos), limpeza e cuidado das casas faziam parte do cotidiano cansativo e imposto para estas mulheres. Os esforços eram redobrados por a estas atividades se adicionavam as jornadas longas nos labores agrícolas e os desprezos e ofensas das senhoras, que compunham as classes dominantes.

"**As mulheres também construímos a nação na medida em que somos atores sociais da mesma, somos portadores simbólicos de identidade e tradição**, a honra de uma comunidade e, portanto, reproduzimos a cultura. Então, nós não somos apenas as culturas reprodutoras de uma nação, mas também **a peça chave na**

[58] **Citação original:** "La mujer negra trajo de África un esquema de sociedad matriarcal que de alguna manera, se reprodujo en el Virreinato del Perú. Esto ocurrió principalmente en el interior de los múltiples grupos de negros existentes en esos momentos. Más que el hombre negro, quien pierde con la esclavitud es la esclava negra. Ella en África gozaba de mayor libertad e importancia dentro de sus grupos étnicos originales. Su nueva realidad en la sociedad virreinal hizo poco a poco perdiera esos privilegios derivados de sociedades matriarcales."

[59] **Citação original:** "Teniendo en cuenta que la historia de las mujeres pasa mas bien por una narrativa oral mas que escrita, y que la suma de experiencias y relatos son la fuente principal de información, lo afectivo, lo cotidiano y lo privado han sido temas poco investigados. Dentro de esta historia. La historia de las mujeres afroperuanas es prácticamente invisible. Las mujeres negras esclavas formaban también parte de la historia. eran sujetos de ella y la construían, con formas propias de conciencia de sí, otorgándole a esta historia un sentido propio y siendo capaces de actuar sobre el mundo, transformando su propia realidad."

reprodução de uma determinada ordem social ". (VALDÍVIA DEL RIO,2008) pág. 216[60]

Se era através do corpo que elas eram excluídas e sujeitas a fragmentações físicas e emocionais – pela cor de pele, que era colocada na base da pirâmide colonial ou pelo género, considerado mais fraco pelos interesses aristocráticos que se propagavam – era através deste mesmo instrumento de poder, território de luta que se fortaleciam nas mediações diárias, na preservação dos ensinamentos que traziam consigo, nas doses de fé e amor que proporcionavam para os seus corpos e almas e à muitos outros em seu redor.

> "Quem está na frente de um fogão com panelas escolhendo e jogando para dentro ingredientes para cozinhá-las, decide o ponto de exquisiteness que está cozinhando e ao mesmo tempo, a influência na vida de qualquer pessoa, este cozinheira configurou, certamente, preferências em comer, certas intensidades ou suavidades no que é ingerido. Sao muitas as pessoas que receberam esta influência de sabores (...) e trata-se, portanto, de uma corrente culinária e gustativa com importante peso na sociedade. (...)
>
> *"Em cada lugar que passei assista como cozinhavam e aprendia. Depois que o Dr. Bustamante e Rivero eu estive com a família Salinas, eles eram da Venezuela, lá eu criei os dois pequeninos. Eu fui trabalhar com uma condessa italiana, porque ela gostava de como eu fazia a comida. Viajei, bem recomendado me coloquei na Comunidade Européia, isto é, na Embaixada da Comunidade Européia.* " (PASTOR, 2008) pág. 126[61]

Ao longo do relato da sua história de vida, Luz vai nos apresentando toda a riqueza gastronómico-cultural que foi adquirindo através do seu esforço e trajetória de vida. Se por um lado, a herdada vocação e facilidade em criar e inovar na cozinhar, se atentando a cada particularidade no paladar se apresentam como vantagem, qualidade

---

[60] **Citação original**: "Las mujeres también construímos nación en la medida em que somos actoras sociales de la misma, somos portadoras simbólicas de identidad y de tradición, del honor de una colectividad y, por ende, reproducimos cultura. Entonces, no solamente somos las reproductoras culturas de una nación, sino también la pieza clave en la reproducción de un orden social determinado."

[61] **Citação original**: "Quien está frente a un fogón con ollas, sartenes echando dentro de ellas comestibles para cocinarlos, decide el punto de exquisitez que está guisando y al mismo tiempo, si esta influencia en la vida de cualquier persona, esa cocinera con seguridad le ha configurado ciertas preferencias en el comer, ciertas intensidades o suavidades en lo que se ingesta. Son numerosas las personas que han recibido esta influencia de sabores (…) se trata, en consecuencia, de una corriente culinaria y gustativa de peso importante en la sociedad.(…)

En cada lugar que estaba miraba como cocinaban y aprendía. Luego del doctor Bustamante y Rivero estuve con la familia Salinas, eran de Venezuela, allí crié a dos chiquitos. Pasé a trabajar con una condesa italiana, pues le gustaba cómo hacia la comida. Viajó pero bién recomendada me coloqué en la Comunidad Europea, es decir, en la Embajada de la Comunidad Europea."

ou ponto positivo para a sua caracterização pessoal, uma leitura mais atenta nos mostra como o cotidiano das classes dominantes só se manteve e perpetuou quer no *Novo Continente,* quer na Europa e aquilo que as elites aristocráticas representaram porque contaram com o esforço, dedicação, cuidado, educação e panelas ao fogo de uma mãe preta.

As narrativas populares, ou também chamadas fontes de tradição oral "não têm compromisso", elas não devem nem esperam nada. São como os rios: fluem naturalmente, trazem verdade, renovação, ensinamentos e aprendizagens.

> "Num relato que recebemos de uma mulher afro-peruana, ela nos conta que <no ano de 1976, éramos seis crianças correndo pela casa da vovó Porfiria, uma morena linda e coquete que tinha um presente especial, cozinhado delicioso e preparado como ninguém. Porfiria sempre disse que não havia nada melhor do que criar seus próprios animais em casa, porque você sabia como alimentá-los para que eles crescessem grandes e saudáveis. Na verdade ela criou patos, galinhas, coelhos, etc. Seu arroz com pato ou frango tinha aquele toque que nunca soubemos, já que ela era muito ciumenta com a cozinha, não permitia que ninguém entrasse ou a ajudasse, com algumas exceções ... Comíamos pratos diferentes no almoço e no jantar ... minha avó preparou famosa sopa de leite que era acompanhada com pão frito cortado em pedaços ... nós adoramos arroz cubano. Em nossa casa na segunda-feira havia cozido e às quintas-feiras macarrão vermelho, uma regra difícil de quebrar. Aos domingos no café da manhã, Porfiria preparava feijoada, xampu ou picarona, que coisa rica ... Domingos inesquecíveis e até agora procuramos continuar com a tradição para que nossos filhos cresçam juntos e unidos.>
>
> *Informe de Ana Sáenz, Callao, 1 de mayo 2006*"[62] (PASTOR, 2008, pág. 128)

[62] **Excerto original:** "En un informe que hemos recibido de una afroperuana nos dice que <por el año de 1976, éramos seis niños que correteábamos por la casa de la abuelita Porfiria, una morena hermosa, coquetona que tenía un don especial, cocinaba riquísimo y preparaba como nadie el champús y la mazamorra morada… Porfiria siempre decía que no había mejor cosa que criar a sus propios animales en casa, pues uno sabía cómo alimentarlos para que crezcan grandes y saludables. De hecho ella criaba patos, pollos, conejos, cuyes, etc. Su arroz con pato o pollo tenía ese toque que nunca conocimos, puesto que ella era muy celosa con su cocina, no permitía que nadie entrara o la ayudara, salvo algunas excepciones… Comíamos diferentes platos en el almuerzo y la cena… mi abuela preparaba su famosa sopa de leche que iba acompañada con pan frito cortado en trozos… adorábamos el arroz a la cubana. En nuestro hogar el lunes era menestra y los jueves tallarines rojos, una regla difícil de romper. Los domingos en desayuno, Porfiria preparaba frejolada, champú o picarones, qué cosa rica… Domingos inovidables que hasta ahora deberíamos seguir con la tradición para que nuestros hijos crezcan juntos y unidos.>

Fig.35 Domingo a tarde na casa de uma das tias e familiares de Susana Baca. Imagem retirada do Documentário *Por trás de la larga noche*

Plena Y Bomba (Canção de Susana Baca)

Tradução livre

En el callejón de mi abuela	No beco da minha avó
De canela es el amor	De canela é o amor
En el callejón de mi abuela	No beco da minha avó
Todo es inspiración	Tudo é inspiração
Quizo el cielo que naciera	Quis o céu que eu nascesse
Entre el coco y el perol	Entre o coco e o cobre
Quise yo con mi canto	Quis eu com o meu canto
Y llegué hasta nueva yó	Que chegasse até Nova yó
Mayoral	Prefeito
En el callejón de mi abuela	No beco da minha avó
De canela es el amor	De canela é o amor

Reina de África (Canção de Susana Baca)

¿De dónde sales tú?
¿Que está pasando en Cádiz?
No se ven negras tan guapas
Ni en carnavales
(…)
Por un poquito de tu amor
Me voy contigo a Mombasa
Yo desamarro una noche el vapor del puerto
De oloroso y fino lleno la bodega
Y no quiero más que tus ojos y las estrellas
(…)
La reina de África vino y puso el muelle en pie
Y todo se paró desde la estiba hasta el contrabando
La diosa de Ébano vivo
Paraba la ciudad
Sentada sobre la blanca baranda del balneario…

Tradução livre

De onde você vem?
Que está passando em Cádiz?
Não se vêem negras tão bonitas
Nem nos carnavais.
(...)
Por um pouco do seu amor
Eu vou com você para Mombaça
Eu tiro o vapor do porto uma noite
De cheiroso e fino encheu a adega
E eu não quero mais que seus olhos e as estrelas

A rainha da África veio e colocou a doca em seus pés
E tudo parou desde o estocar até o contrabando

A deusa de Ébano veio

E parou a cidade

Sentada no corrimão branco do balneário...

> "A diáspora nos permite compreender as ausências, as presenças e as reconstruções dos legados africanos nesta parte do mundo, ligando os tempos da história com os espaços dessa história na longa duração e, principalmente, nos ajuda a entender as trajetórias Afrodescendentes como produto de uma história de poder colonial. "(ORTIZ, 2008) p. 87 [63]

SI ME QUITARAN TOTALMENTE TODO

(Poema de Alejandro Romualdo, Cantado por Susana Baca)

Si me quitaran totalmente todo
si, por ejemplo, me quitaran el saludo
de los pájaros, o los buenos días
del sol sobre la tierra,
me quedaría
aún
una palabra. Aún me quedaría una palabra
donde apoyar la voz.
Si me quitaran las palabras,
o la lengua,
hablaría con el corazón
en la mano,
o con las manos en el corazón.
Si me quitaran una pierna
bailaría en un pie.
Si me quitaran un ojo
lloraría en un ojo.
Si me quitaran un brazo
me quedaría el otro,

[63] **Citação original:** "La Diáspora nos permite entender las ausencias, las presencias y las reconstrucciones de los legados africanos en esta parte del mundo, ligando los tiempos de la historia con los espacios de esa historia en la larga duración y, principalmente, nos ayuda a comprender las trayectorias afrodescendientes como producto de una historia del poder colonial."

para saludar a mis hermanos,
para sembrar los surcos de la tierra,
para escribir todas las playas del mundo, con tu nombre, amor mío.

Tradução Livre

Se eles me tirarem totalmente tudo
se, por exemplo, eles me tirarem a saudação
das aves, ou o bom dia
do sol na terra,
A mim me restaria
ainda
uma palavra. Eu ainda teria uma palavra
onde apoiar a minha voz.
Se eles me tirassem as palavras,
ou a língua,
Eu falaria com meu coração
na mão,
ou com as mãos no coração.
Se eles tirassem uma perna
Eu dançaria em um pé.
Se me tirassem um olho
Eu choraria com um olho.
Se eles tirassem um braço
Eu teria o outro
para saudar meus irmãos
semear os sulcos da terra,
para escrever todas as praias do mundo, com seu nome, meu amor.

Ainda que os sistemas coloniais na nossa história tenham criado desigualdades económicas e sociais visíveis e traumas e perdas ainda difíceis de mensurar, o caso da

História Latinoamericana conta com o agravante do tempo em que estes sistemas duraram e, como o caso de alguns países, as rebeliões, revoltas ou reconquistas da liberdade que nunca chegaram a acontecer pela excessiva violência e dominação dos aparelhos estatais. O que significa para uma sociedade a invasão por outra e tráfico de grande parte de pessoas da sua comunidade? A ruptura com práticas culturais milenares, relações sociais, económicas, espirituais? A chegada das populações africanas e a consolidação da diáspora africana nas Américas se dá num sistema hierarquico no qual as mulheres negras se encontram a dois ou três pisos abaixo das pessoas que perpetuavam o poder.

A nomeação da Susana Baca e consequente tomada de posse como primeira ministra da Cultura em 2011 significou uma vitória não só pessoal, mas sim de todos os afrodescendentes no Peru, pois ela é mulher e afrodescendente. Nas suas palavras *"É muito significativo para os negros. Nenhum de nós atingiu uma posição tão alta. É muito importante para a comunidade afro."* [64]

3.4 VENTOS DE MEMÓRIA NA VOZ DE SUSANA BACA

No dia 24 de maio de 1944, nascia, *mirando al Pacífico*, no bairro de Vitória, em Lima, a Susana Baca. A sua presença meiga, o sorriso ternurento e o olhar profundo como o mar nos cativam desde o início. Professora como vocação e cantora por paixão, Susana Baca é uma importante figura para a cultura popular peruana e também uma grande mulher afrolatinoamericana.

[64] Fala original da Susana Baca *"es muy significativo para los negros. Ningún de nosotros tenía llegado a tan alto cargo. Es muy importante para la comunidad afro".*

Fig. 36 - **Susana Baca durante um dos seus shows**. Imagem retirada do documentário PERU: MÚSICA AFROPERUANA: trás de la larga noche (2011)

Falo como se a conhecesse porque todas as mãos, corpos e ideias que compuseram e compõem as suas músicas me fizeram passar longos tempos escutando o que querem dizer as palavras em espanhol. As emoções que seu olhar emana são visíveis nos registros de entrevistas que encontrei no Youtube e ela levita, como que perpassando os espaços-tempo da História.

Pelas melodias chegam até nós as riquezas do cotidiano popular , as histórias dos tempos antigos, as dificuldades, que ainda fazem parte da realidade dos homens e mulheres latino-americanos e as esferas do sagrado nesta constante reinterpretação da vida.

Para os poetas analfabetos que mesmo sem saber escrever, compõem:

Yo no conozco la O

Tradução livre

Yo no conozco la o...	Eu não conheço o O
Me dicen que es redondita,	Dizem-me que é redondinho
mi madre tan pobrecita	A minha mãe tão pobrezinha
que a mí no me la enseñó	Que não me o ensinoi
Yo no conozco la o...	Eu não conheço o O
Las letras se van al diablo,	As letras que se vão ao Diabo
porque escribirlas no sé	Porque escreve-las não sei,
pero yo cuando les hablo	Mas quando lhes falo
pero yo cuando les hablo	Mas quando lhes falo
todas se ponen de pie....	Todas ficam de pé...

Canta-nos sobre a sabedoria popular, escuta de forma entregue e repleta de ternura os conselhos da vida e dos mais velhos.

Figura 37 - Avó e neta na cidade costeira de Zaña PERU: foto retirada do documentário MÚSICA AFROPERUANA: trás de la larga noche (2011)

DE LOS AMORES

	Tradução livre
Como madrugadas bebo despertares me calmo con malicias tuyas no creo en los metales.	Como madrugadas bebo despertares Eu me acalmo com malícias suas E não acredito nos metáis.
De los amores no entiendo y del dolor fui el primero pescador, no soy bella como duele el esmero como duele.	Sobre os amores não entendo E nem sobre a dor, fui o primeiro Pescador, não sou bela Como dói o esmero Como dói.
Canto vanidades río con tu ángel lloro en el lugar de siempre me impregno de tus sales.	Canto vaidades E rio com o seu anjo Choro no lugar de sempre Me impregno com os seus sais.
De los amores no entiendo y del dolor fui el primero pescador, no soy bella	Sobre os amores não entendo E nem sobre a dor, fui o primeiro Pescador, não sou bela

como duele el esmero	Como dói o esmero
como duele.	Como dói.

A sua calma se constitui como opulência e instaura um novo tempo no ritmo da História, sua boca se torna muda, desnecessária, perante a força do olhar.

Cada gesto expressa poesia, cada lenço colorido esvoaça levemente ao longo da canção assim, ela nos conta a história do seu povo. Mas não é preciso saber as datas para acompanhar. As narrativas visitam desde o Recôncavo na Bahia quando ela canta *13 de Mayo:*

> Dia 13 de maio em Santo Amaro,
> Os negros celebraram,
> talvez alguns ainda o fazem
> O fim da escravidão, da escravidão
> Fim da escravidão ...[65]

Vão ao encontro dos ritmos que nasceram no Caribe, e acessam até a forte influência árabe que constituiu, também, a cultura espanhola. A produção musical contém ricos conteúdos históricos sobre os processos de sincretismo e ressignificação dos afroperuanos às músicas católicas trazidas pelos espanhóis. Notamos a diversidade do repertório afrolatino: desde os intensos improvisos dos atabaques, às delicadas carícias das cordas de violão.

Não por uma vez a cantora nos brinda com observações sobre fenómenos da natureza, desde a sua pequenez face à poderosa Lua cheia, aos sons da chuva e carinhosas visitas que chegam com o vento.

Ao longo do documentário *Música afroperuana: trás la larga noche* nos conta como a sua mãe criou os filhos sozinha; realidade muitas vezes encontrada na história das mulheres negras e mestiças. Eram e ainda são tempos difíceis para esta parte da população, que o sistema colonial e patriarcal procurou excluir e invisibilizar. Esta dupla segregação: uma vez por questão de cor, outra vez por questão de gênero, constituía patamares hierárquicos e dificuldades pessoais e econômicas institucionalizadas.

---

[65] Trecho original da música
Dia 13 de Mayo en Santo Amaro,
Los negros celebraran, tal vez algun lo hacen
La fin de la esclavitud, de la esclavitud
Fin de la esclavitud…

Caras Lindas (Canção de Susana Baca)

Tradução livre

Las caras lindas
de mi gente negra
son un desfile
de melaza en flor
que cuando pasan
frente a mi se alegra
de su negrura todo el corazón

Las caras lindas
de me raza prieta
tienen de llanto
de pena y dolor
son las verdades
que la vida reta
pero que llevan
dentro mucho amor

Somos la melaza que ríe
somos la melaza que llora
somos la melaza que ama
y en cada beso
es conmovedora

As caras lindas
do meu povo negro
são um desfile
de melaço em flor
que quando passam
a mina frente, se alegra
de negritude, todo o coração.

As caras lindas
da minha raça preta
eles choram
de pena e dor
são as verdades
que a vida ergue
mas levam
dentro muito amor

Somos o melaço que rie
Somos o melaço que chora
Somos o melaço que ama
E em cada beijo
comovedores.

Por eso vivo orgullosa	Por isso vivo orgulhosa
de su colorido	com as suas cores
somos betún amable	Somos betume amável
de clara poesía	de clara poesia
tienen su ritmo	Têm o seu ritmo
tienen melodía	Têm a sua melodia
las caras lindas	As caras lindas
de mi gente negra	do meu povo negro.

Figura 38 - Música afroperuana no Bairro Histórico de Victoria, Lima. *Imagem retirada do*

documentário Por tras la larga noche

Ao longo das entrevistas públicas que encontrei na internet, Susana Baca prefere contar-nos sobre as razões que fortaleceram a sua expressão artística. Mais do que uma vez ela lembra, com o mesmo entusiasmo, como corria para a sala, quando as suas tias começavam a cantar, reunidas nas tardes de domingo. Ela lembra também como o irmão improvisava um microfone para ela ter certeza do seu protagonismo e como as tias e a sua mãe em particular a incentivavam a cantar.

A primeira vista pode-nos parecer uma situação corriqueira, no entanto, não devemos subestimar o valor, significado, força e energia que os laços familiares e de entes próximos e amigos podem se configurar na memória simbólica e afetiva dos indivíduos.

Fig. 39 - Susana Baca Imagem retirada da Entrevista en *Encuentros en el Estudio*

"- Também ouvimos músicas antigas, músicas africanas. Como essa música africana consegue escapar e descansar nossa alma para começar essa cura?
- Bem, essas músicas são de nossa identidade e essa força em face da adversidade".

Entrevista em 2011 [66]

Este poderá ter sido um dos primeiros legados do seu povo e da sua ancestralidade que a cantora a incorporar. Arrisco fazer esta afirmação porque os atos de pertencimento não se constituem apenas nas esferas onde nascemos. Eles são construídos voluntária e conscientemente, na maior parte das vezes através da tomada de decisões. O que torna, mantém e alimenta os laços afetivos são as relações que estabelecemos. Durante as entrevistas que assisti uma resposta, muito especial, de Susana me chamou tocou bastante:

[66] Transcrição original: "- Escuchamos también cantos viejos, cantos africanos. De que manera que ese canto africano escapa de sanar y descansarnos el alma para empezar esa curación?
- Bueno esos cantos son de nuestra identidad y de esa fortaleza frente al adversidad."

"- De que é feita a Susana Baca?

- Fui feita que me deu vida, proximidade com as pessoas, aquela comunhão com o espírito, que senti desde criança e acho que não consigo deixar de sentir. "[67]

APARICIÓN (CANÇÃO DE SUSANA BACA)

Tradução livre

Les voy a describir
La forma en que la vi
A ella aquella noche
Vestida de tul blanco,
Que hasta me parece
Verla hoy cerca a mí

La vi llegar a mí
Con su sensual vestir
De diosa tentadora
Y en mi interior sentí
Una llama abrasadora,
Como si fuese una realidad

Y para culminar
Aquel sueño divino,
Que ya me atormentaba,
Le tendí mis manos

Ya desesperada,
Y el hada sonriente
Entonaba así…

He llegado hasta ti
Como fiel portadora
De esta melodía

El Divino me envió
Para que irradies tú
La musa celestial
Corazones duros sé
Que ablandarás

Vou descrever-lhes
A forma em que vi
Ela naquela noite
Vestida num tule branco
Que até me parece
Vê-la hoje perto de mim

A vi chegar até mim
Com o seu vestido sensual
De deusa tentadora
E no meu interior senti
Uma chama abrasadora
Como se fosse uma realidade

E para culminar
Aquele sonho divino
Que já me atormentava
Estendi as minhas mãos

Já desesperada
E a fada sorridente
Entonou assim…

Cheguei até você
Como fiel portadora
Desta melodía

O Divino me enviou
Para que tu irradies
A musa celestial
Corações duros sei
que você vai suavizar

---

[67] - De que es hecha Susana Baca?
- Yo soy hecha do que me ha dado la vida, cercanía con la gente, esa comunión con el espírito, que lo sentí desde niña y creo que no puedo dejar de sentir.

En esta melodía harás
Tu musa realzar

Yo quisiera escuchar
Hasta en mi ancianidad
La misma melodía

No debes olvidar
Esta ofrenda que viene
Dedicada a ti

Melodía sublime
Que alimentas el alma
Cuando voy a entonar
Me parece escuchar
Tu voz …

E com esta melodía farás
Realçar a tua musa

Eu quería escutar
Até à minha velhice
A mesma melodia

Você não deve esquecer
Este presente que vem
Dedicado a você.

Melodia sublime
Que alimenta a alma
Quando vou cantar
Me parece escutar
A sua voz....

Ao longo da sua produção musical encontramos vários exemplos de carinho, apreço e consideração dirigidas aos esforços e jornadas duplas das mulheres trabalhadoras. **Através da *sensibilidade*, por muitos considerada *fraqueza* que Susana se enaltece, relembra, acolhe e dá voz e valorização devida às mulheres, mães, trabalhadoras e trabalhadeiras, desumanizadas pelo exaustivo cotidiano.**

"A decisão de cantar poesia veio depois. **Cantando músicas populares, descobri que as palavras foram gastas. Eu acho que a poesia me traz imagens e torna a música muito mais forte**." Susana Baca no documentário *La música afroperuana: tras la larga noche*

MARIA LANDÓ

Poema de César Calvo, cantado por Susana Baca

La madrugada estalla como una estatua,
como una estatua de alas que se dispersan por la ciudad.
Y el mediodía canta campana de agua,

campana de agua de oro que nos prohíbe la soledad.

Y la noche levanta su copa larga,
su larga copa larga, luna temprana por sobre el mar.

Pero para María no hay madrugada,
pero para María no hay mediodía,
pero para María ninguna luna,
alza su copa roja sobre las aguas.

María no tiene tiempo (María Landó)
de alzar los ojos.
María de alzar los ojos (María Landó)
rotos de sueño.

María rotos de sueño (María Landó)
de andar sufriendo.
María de andar sufriendo (María Landó)
sólo trabaja.

María sólo trabaja, sólo trabaja
sólo trabaja.
María sólo trabaja
y su trabajo es ajeno.

Tradução livre

A madrugada brota como uma estátua
como uma estátua de asas que se espalham pela cidade.
E ao meio-dia canta um sino de água,
Sino de água dourada que nos proíbe a solidão.

E a noite levanta seu largo manto
seu manto largo.. e a Lua apressada no início do mar.

Mas para Maria não há amanhecer
Mas para Maria não há meio dia,
Mas para Maria nenhuma Lua,
Ela levanta seu manto vermelho sobre as águas.

María não tem tempo (María Landó)
de levantar os olhos
Maria de levantar os olhos (María Landó)
rasgados de sonhos.
Maria sonhos rasgados (María Landó)
de caminhar sofrendo.
Maria de caminhar sofrendo (María Landó)
só trabalha.
Maria só trabalha, ela só trabalha
só trabalha.
Maria só trabalha
e seu trabalho é alheio.

Fig.40 Susana Baca dançando, imagem retirada do documentário *Por trás de la larga noche*

Transição da Entrevista *Encuentros en Estudio* em 2013 do Canal de TV Peruana do *Ministerio de Educación de la Nación*

"Você pode me dizer em poucas palavras a história do poema *Maria Landó*? - É o **poeta César Calvo que escreve este poema sobre as mulheres que trabalham, que se levantam muito cedo, vão aos mercados, vendem nos mercados e o dia para elas é muito longo, muito longo**. Ele escreve este poema muito emocionado, numa destas madrugadas em que sai e vai tomar um emoliente na rua [o emoliente é uma mistura de ervas naturais como aloe, importante como ajuda a curar feridas de estômago; Alfafa, muito boa no tratamento da tosse. Também tem semente de linhaça, conhecida por suas propriedades de combate ao colesterol; e limão, que é um anti-séptico e contém vitamina C], **e é uma mulher que lhe serve numa pequena mesa sob a qual os seus filhinhos ainda estão dormindo.** Então Maria Landó é isso.**"**[68]

Poema escrito por **Carlos Oquendo de Amat, poeta vanguardista de Puno, Susana Baca decide música-los, à semelhança de outros poemas que ela decide cantar.**

[68] Original da transcrição:

"Me puedes contar en pocas palabras el história del poema "Maria Landó"?

- **Es justamente el poeta César Calvo hace el poema sobre las mujeres que trabajan, que se levantan muy temprano, van a los mercados, que venden en los mercados y el día para ellas es muy largo, muy largo. Entonces es hace este poema muy emocionado, en estas madrugadas que se vai y toma un emoliente [**el emoliente es una mezcla de hierbas naturales como el aloe, importante ya que ayuda a cicatrizar heridas del estómago; alfalfa, muy bueno en el tratamiento de tos. También posee linaza, conocida por sus propiedades por combatir el colesterol; y limón, que es un antiséptico y contiene vitamina C**], es una mujer que lo sirve en una mesita y por bajo estas sus hijitos acortaditos. Entonces a Maria Landó es eso."**
  -

POEMA

	Tradução livre
Para ti	Para você
tengo impresa una sonrisa	tenho impresso um sorriso
en papel japón	em papel japonês
mírame	olhe para mim
que haces crecer	você que faz crescer
la yerba de los prados	a erva dos prados
mujer	mulher,
mapa de música	mapa de música
claro de río	nascente do rio
fiesta de fruta.	festa de frutas.
Déjame que bese tu voz	Me deixe beijar a sua voz
que canta	que canta
en todas las ramas	em todos os galhos
de la mañana.	da manhã.

Os títulos dos álbuns já nos antecedem a sutileza contida. Eco de Sombras (2000), Vestida de Vida (2000), Espírito Vivo (2002), Afrodiáspora (2011), Travessias (2006). Nas composições encontramos poemas de autores peruanos, reinterpretações de clássicos e canções de artistas brasileiros como o Gilberto Gil.

Letra da música *PORTAL DEL COLOR* (álbum Vestida de Vida)

	Tradução livre
Buenos dias naturaleza	Bom dia natureza
Pulmón de la tierra madre	Pulmão da terra mãe
Portal del color, futuro	Portal de cor, futuro
Cada amanecer	Cada nascer do sol
Cariño compañero	Carinho companheiro
Como si la paz	Como se a paz
Cobrisse o el mundo enterro	Cobrisse o mundo inteiro
Tierra, agua, fuego y aire	Terra, água, fogo e ar
Quiero sabor del sol	Quero o sabor do sol
Quiero tocar visión	Quero tocar a visão

Olor de vida y mar	O cheiro de vida e de mar
En generaciones	Em gerações
Yo busco la respuesta	Eu busco a resposta
Porque crear dolor	Porque criar dor
Si cuando estamos juntos	Se quando estamos juntos
Tenemos fuerza y amor	Temos força e amor

Transição da Entrevista *Encuentros en Estudio* em 2013 do Canal de TV Peruana do *Ministerio de Educación de la Nación*

"- Você falou sobre interpretação e a arte de interpretar é uma arte tão inclassificável. Interpretar É uma arte tão sutil e gravada e monstruosamente grande. Qual é o segredo? Como está interpretando?

- Que lindo! Eu vejo como na ópera. Eles interpretam os personagens e você consegue sentir o que eles sentem. Você começa a sentir na pele. Eles estão falando com a sua pele, eles estão envolvendo você para sentir esse personagem. Eu acho que é isso. Lembro-me da primeira vez que ouvi Mercedes Sosa cantando Ramón. Que é evidentemente Che. E você vê o lugar que este homem nasceu. Você pode ver através da voz de Mercedes. Porque as músicas te dão. Eles te dão imagens, te dão coisas, te dão interioridades, essências, não é? Por exemplo, eu não entendo inglês, mas você escuta Janis Joplin e eu digo. O que essa mulher está dizendo, está chegando à minha alma, mas o que ela está dizendo?! Então não é só a letra, é como o intérprete tem a letra. Como chega .Como faz um espaço fora do humano, o real, quão maravilhoso pode ser dizer esta palavra.

- Alcança a alma?

- Eu acho que é a alma. E essa pessoa que está interpretando se conecta com as almas. ... Esta conexão é às vezes muito evasiva, muito difícil ... Mas quando você alcança isso ... isso é fazer a música.” [69]

CANTA SUSANA

	Tradução livre:
Canta Susana.. Con esa gracia que tiene.	Cante Susana Com esta graça que você tem.
Baila hechicera Con pies descalzos morena	Dance feiticeira Com os pés descalços,morena.
Danza en el aire Con esa gracia que tiene	Dança no ar Com esta graça que você tem.

---

[69] **Original da Entrevista** “ - Hablaste de *interpretación* y la arte de interpretar es una arte tan inclassificable. Interpretar. Es una arte tan sutil y tan grabe y tan monstruosamente grande. Cual es el secreto? Como es interpretar?

- Que lindo! Yo veo como en la ópera. Interpretan los personagens y tu llegas a sentir lo que ellos sienten. Llegas a sentir en la piel. Ellos están hablando a tu piel, te están involucrando a sentir ese personaje. Yo creo que es eso. Yo me acuerdo la primer vez que escuché Mercedes Sosa cantando a Ramón. Que es evidentemente el Che. Y tu ves el lugar que este hombre nasció. Lo puedes ver a través de la voz de Mercedes. Porque las canciones te dan. Te dan imágenes, te dan cosas, te dan interioridades, esencias, no? Por ejemplo, yo no entiendo al inglés, pero tu escuchas al Janis Joplin y yo digo. Que está diciendo esta mujer, me está llegando al alma, pero que está diciendo??! Entonces no es solamente la letra, es como la interprete tiene la letra. Como le llega. Como le hace un espacio fuera del humano, de lo real, de lo maravilloso que puede ser decir esta palabra.
- Nos llega al alma?

-Creo que es la alma. Y esta persona que está interpretando se conecta con las almas. …. Esta conexión por veces es muy esquiva, muy difícil… pero cuando logras eso.. eso es hacer la música.” Link < https://www.youtube.com/watch?v=wDezBrhEBFk > acessado em 10 de novembro de 2016

Canta Susana
Y cuando canta sonríe

Porque la negra:
Tiene la luna en sus manos

Tanto amor
Hay en sus ojos
Que brotan lagrimas
Agua bendita

Tanto amor... En su esperanza
Su voz es grito...de libertad

Baila hechicera
Con pies descalzos morena
Danza en el aire
Con esa magia que tienes

Canta Susana
Y cuando canta sonríe
Porque la negra
Tiene en sus manos la luna

Canta Susana
E quando canta, sorri.

Porque a negra:
Tem a lua em suas mãos.

Tanto amor
Há em seus olhos
Que brotam lágrimas
Água bendita.

Tanto amor… Na sua esperança
A sua voz é grito... de liberdade.

Dance feiticeira
Com os pés descalços,morena
Dança no ar
Com esta magia que você tem

Canta Susana
E quando canta, sorri.
Porque a negra:
Tem a lua em suas mãos.

4 – TRÁNSITO AMAGUAÑA E *BUEN VIVIR* ANDINO

Figura 41 – Escultura de Mulher dando a Luz, Artista Nora Kajin

4 - TRÁNSITO AMAGUAÑA E *BUEN VIVIR* ANDINO

"O que é **floresta viva/ vivente** (Kawsak Sacha em Kichwa) se perguntava Jose Gualinga numa tarde de 2011, compartilhando chicha de yuca sob uma sombra em Sarayaku, a poucos metros do Rio Bobonaza na selva amazônica do Equador. E respondia a si próprio: **Um espaço de seres onde as pessoas elevam nossas emoções físicas, psicológicas e psíquicas.** Por exemplo, em agosto, a maioria das pessoas se mobiliza na selva, não em uma comunidade, mas na selva, em uma pequena casa distante. Lá as crianças, as mulheres, todas, recriam, tiram suas vidas, vão ver o masanga, os mistérios. Isso fortalece e faz a irmandade, unidade e respeito pela natureza." (Ojarasca, outubro de 2011).[70]

Fig. 42 - A comunidade de Sarayaku, perto do rio Bobonaza na selva amazônica de Equador

"Cosmovisão: Todas as culturas têm uma maneira de ver, sentir, perceber e projetar o mundo, todas essas formas são conhecidas como cosmovisão ou visão cósmica. Os avós e avós dos povos ancestrais, fizeram prosperar a cultura da vida inspirada na

[70] Citação original: Qué es **selva viviente** (Kawsak Sacha en kichwa) se preguntaba una tarde de 2011 José Gualinga compartiendo chicha de yuca bajo una sombrita en Sarayaku, a pocos metros del río Bobonaza en la selva amazónica de Ecuador. Y se respondía: **Un espacio de los seres donde los pueblos elevamos nuestras emociones físicas, sicológicas y síquicas.** Por ejemplo, en agosto la mayor parte de la gente está movilizada selva adentro, ya no en una comunidad, sino en la selva, en una casita lejos. Ahí los niños, las mujeres, todos, recrean, cogen su vida, se van a ver la masanga, los misterios. Esto te fortalece y hace la hermandad, la unidad y el respeto a la naturaleza (Ojarasca, octubre de 2011). Trecho retirado em abril de 2016 do artigo do médico e escritor mexicano Hermann Bellinghausen , publicado em 08/10/2015 no portal http://www.ecoportal.net/Temas-Especiales/Pueblos-Indigenas/Donde-vive-la-selva-viva

expressão do **multiverso** (vem do conceito de que existem muitas verdades), onde tudo está conectado**, inter-relacionado**, nada está fora, mas ao contrário " tudo é parte do todo", a harmonia e o equilíbrio de todos são importantes para a comunidade."(MAMANI, 2010), p. 180[71]

4.1 Sumak Kawsay ou *Buen Vivir*

Os movimentos indígenas, cada vez mais organizados em sua luta e reivindicações tem se autodenominado de *pueblos originários* – povos originários, pueblos de *Abya Yala,* tomando o protagonismo da escrita ou narração e historiografia de suas trajetórias e dialogando com a modernidade para encontrar a melhor forma de preservar e dar continuidade à sua cultura.

Dois recentes exemplos que merecem destaque e já estão sendo estudadas pela comunidade académica são as Constituições da Bolívia e do Equador que incorporaram os termos de *sumak kawsay* (em quéchua) e *suma qamaña* (na perspectiva aymara), desde 2008 e 2009, respetivamente.

"(…) O conceito do *Sumak Kawsay* permite precisamente isso: uma nova visão da natureza, sem ignorar os avanços tecnológicos ou avanços na produtividade, mas projetando-os em um novo contrato com a natureza, no qual a sociedade não se separa desta, nem a considera como algo externo, ou como uma ameaça, ou como o Outro radical, **mas como parte de sua própria dinâmica, como fundamento e condição de possibilidade de sua existência futura**." (DÁVALOS, 2011) pág. 261[72]

Inicialmente como propostas de alternativa à situação geográfica e demográfica do planeta, estas articulações e discussões de plano e trajetória política, tomam proporções nas esferas cotidianas, cultural e espiritual, quando explicadas numa aproximação de tradução de cada termo.

---

[71] **Citação original: "** Cosmovisión: Todas las culturas tienen uma forma de ver, sentir, percibir y proyectar el mundo, al conjunto destas formas se conoce como Cosmovisión o Visión Cósmica. Los abuelos y las abuelas de los pueblos ancestrales, hicieron florecer la cultura de la vida inspirados en la expresión del multiverso (viene del concepto de que existen muchas verdades), donde todo está conectado, interrelacionado, nada está afuera, sino por el contrario "todo es parte de…"< la armonía y equilibrio de **uno** y del **todo** es importante para la comunidad."

[72] **Citação original**: El concepto del Sumak Kawsay permite precisamente esto: una nueva visión de la naturaleza, sin desconocer los avances tecnológicos ni los avances en productividad, sino más bien proyectándolos al interior de un nuevo contrato con la naturaleza, en la que la sociedad no se separe de ésta, ni la considere como algo externo, o como una amenaza, o como el Otro radical, **sino como parte de su propia dinámica, como fundamento y condición de posibilidad de su existencia a futuro**."

"Sumak kawsay, em sua versão *Kichwa* contém dois conceitos e expressões: Sumak e Kawsay. Sumak significa **plenitude, grandeza, o justo, completamente**, o mais alto. Kawsay é a **vida em permanente realização, dinâmica e mutável**; é a interação da totalidade da existência em movimento; [...] portanto, Kawsay é estar sendo "(Macas, 2011: 52). Do ponto de vista aimará, o qamaña é o estado de [...] bem-estar, uma relação de igualdade entre as pessoas e a comunidade, bem como as pessoas com a natureza, uma profunda relação de significado e respeito. [...] Para que a idéia andina de viver bem, somar qamaña, seja eficaz, a validade das normas e leis andinas é fundamental. A restauração da suma qamaña, é ao mesmo tempo o restabelecimento de um ambiente social, político e até ecológico que possibilita o bem viver que transforma as pessoas em qamiri [...] que no pensamento Aymara é a **pessoa que vive**. " (UGALDE, 2014) pág. 74[73]

Para o marco teórico e definições dos conceitos que explicam as suas cosmovisões utilizo primeiro, os trabalhos produzidos por três intelectuais ecuatorianos, nomeadamente no âmbito da produção da *Antologiado Pensamento Indigenista Ecuatoriano sobre* Sumak Kawsay, produção resultante da cooperação entre a Universidade de Cuenca (Equador) e aa Universidade de Huelva (Espanha) no projeto *Fortalecimiento Institucional de la Universidad de Cuenca em materia de Buen Vivir y Movilidad Humana*, 2013.

Em segundo lugar apresento a exposição de Fernando Huanacuni Mamani, intelectual, pesquisador e ativista aymara boliviano, atual Ministro das Relações Exteriores, da Presidência de Evo Morales sobre a definição de Suma Qamaña (em quéchua) ou vivir bien tradução aproximada para o espanhol, no documento denominado *Buen Vivir / Vivir bien - Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas (2010)* - COORDINADORA ANDINA DE ORGANIZACIONES INDÍGENAS – CAOI.

---

[73] **Citação original**: *"Sumak kawsay*, en su versión *kichwa*, "contiene dos conceptos y expresiones: *Sumak* y *Kawsay. Sumak* significa **plenitud, grandeza**, lo justo, completamente, lo superior. *Kawsay* **es vida en realización permanente, dinámica y cambiante**; es la interacción de la totalidad de existencia en movimiento; […] por tanto, *Kawsay* es *estar siendo*" (Macas, 2011: 52). Desde la perspectiva *aymara*, *suma qamaña* es […] **el estado de bienestar**, una relación de equidad entre las personas y la comunidad, así como de la gente con la naturaleza**, una relación profunda de sentido y respeto**. […] Para que la idea andina de vivir bien, *suma qamaña,* sea efectiva, es fundamental la vigencia de las normas y leyes andinas. El restablecimiento del *suma qamaña,* es al mismo tiempo el restablecimiento de un ambiente social, político, e incluso ecológico que hace posible el vivir bien que convierte a las personas en *qamiri* […] **que en el pensamiento *aymara* es la persona que vive**."

> *Sumak kawsay* pode ser definido como um modo de vida em harmonia com a natureza e com outros seres humanos. Esta é a ideia implícita nas constituições acima mencionadas. Idéia que parte de uma concepção de uma **vida desejável inspirada na cultura dos povos indígenas, especialmente Quechua e Aymara, e que se baseia nos princípios de equidade social e sustentabilidade ambiental.** " (HIDALGO-CAPITÁN, 2013) pág. 1[74]

Duas ideias fundamentais que podem ser destacadas para a compreensão desta proposta política são: a complementaridade e interdependência e o seu caráter não acumulativo.

A noção de *viver bem* para estas culturas não pode ser concebida sem a estrutura nuclear da comunidade. Todos os membros desta, têm uma participação ativa nas esferas sociais o seu esforço, investido numa área, será devolvido em outra. O carácter multidimensional desta concepção cria uma relação de interdependência voluntária e reciproca, compromete naturalmente os indivíduos quer com as questões políticas e económicas, assim como com as sociais e ambientais. Esta lógica se contrapõe ao individualismo, separação e falta de relação entre os sectores e dinâmicas (econômicas, sociais e culturais) nos quais as políticas públicas estão estruturadas.

> "Vivir bien, es la vida en plenitud. Saber vivir en armonía y equilibrio; en armonía con los ciclos de la Madre Tierra, del cosmos, de la vida y de la historia, y en equilibrio con toda forma de existencia en permanente respeto".
>
> Y ese justamente es el camino y el horizonte de la comunidad, implica primero saber vivir y luego saber convivir. No se puede vivir bien si los demás viven mal, o si se daña la Madre Naturaleza. Vivir bien significa comprender que el deterioro de una especie es el deterioro del conjunto. "(MAMANI, 2010), pág. 32

A segunda ideia fundamental na proposta do *viver bem*, que se diferencia das estruturas organizativas contemporâneas é a lógica da não acumulação de bens. O permanente equilíbrio e cuidado de todos os sectores de vida exige uma diminuição do campo de ação. Assim, para que todas as esferas sejam integradas na noção de comunidade é necessária a redução, reuso e reciclagem de todos os excedentes que

[74] **Citação original:** El *sumak kawsay* puede ser definido como forma de vida en armonía con la naturaleza y con otros seres humanos. Esta es la idea que está implícita en las citadas constituciones. Idea que parte de una concepción de la vida deseable inspirada en la cultura de los pueblos indígenas, quéchuas y aymaras especialmente, y que se apoya en los principios de equidad social y sostenibilidad ambiental."

movimentamos. Esta ótica pode ser visualizada nas esferas materiais de produção de alimentos, complexos industriais e bens sociais, bem como a nível individual uso da forma mais eficiente dos recursos financeiros e qualificações adquiridas em beneficio da comunidade e do desenvolvimento integrativo.

4.2 Riqueza e diversidade das plantas medicinais nos Andes

Tarcila Rivera, mulher quechua e diretora do Centro de Culturas Indígenas do Peru:

> *"Como guardiã dos conhecimentos sobre medicina e biodiversidade, tradicionalmente, as mulheres deram sua contribuição para os cuidados de saúde e nutrição, e para a preservação do meio ambiente, idioma e cultura. E a partir dessa experiência de vida, temos conhecido o respeito pelas pessoas por suas contribuições e habilidades, já que nossas avós e avós eram respeitadas e amadas por sua sabedoria. É por isso que também herdamos essas práticas e agimos para garantir a continuidade de nossos povos e culturas. Nós fomos testemunhas, por exemplo, quando nossos pais exerceram, ambos, posições na comunidade e cada um recebeu o respeito dos outros compatriotas. E até hoje, vemos mulheres solteiras ou casadas assumindo a responsabilidade de ser uma autoridade por decisão de consenso na comunidade."*
> (KETTERER, 2011), Pág. 262[75]

A preservação das práticas medicinais tem tido atores femininos e masculinos na região Andina. Como esforço de melhoria das qualidades de vida, preservação da riqueza cultural e da memória e sabedoria ancestral, conta com exemplos de diálogo e conciliação das culturas existentes nas sociedades contemporâneas.

Um exemplo que podemos citar é a iniciativa equatoriana tomada pela comunidade de Catacache, perto da cidade de Ibarra e do vulcão Cayambi, da criação de uma Unidade de Saúde que concilia as práticas da saúde indígena com os atendimentos da medicina ocidental.

A realidade social e legado cultural ainda reconhece e mantém as mulheres da comunidade, geralmente as mais anciãs, como as primeiras enfermeiras reconhecidas. Elas auxiliam as famílias como parteiras, cuidando das grávidas antes, durante e após o trabalho de parto. Os conhecimentos milenares transmitidos de forma oral entre estas

[75] Citação original: "Como depositaria del conocimiento de la medicina y la biodiversidad, tradicionalmente la mujer ha brindado su aporte para la atención de la salud y la alimentación, y para la conservación del medio ambiente, la lengua y la cultura. Y desde esta experiencia de vida, hemos conocido el respeto a las personas por sus aportes y capacidades, ya que nuestras abuelas y abuelos eran respetados y amados por su sabiduría. Por ello también hemos heredado esas prácticas y actuamos para garantizar la continuidad de nuestros pueblos y culturas. Hemos sido testigos, por ejemplo, cuando nuestros padres ejercían, ambos, cargos en la comunidad y cada uno recibía el respeto de los demás paisanos. Y aún en la actualidad, vemos a mujeres solteras o casadas asumiendo la responsabilidad de ser autoridad por decisión de consenso en la comunidad."

sábias auxiliam no preparo dos chás e remédios caseiros como o chá de flor da bananeira para a saída do cordão umbilical e da placenta. Através de relatos de profissionais da Cruz Vermelha que também atua na região, a extração de plantas nativas e a sua aplicação no tratamento de doenças infecciosas diminiu o caso de mortos e o contágio.

São inúmeros os estudos etnobotânicos desenvolvidos pelos médicos e investigadores contemporâneos na região amazônica e dos Andes. Darei breves exemplos sobre as duas regiões em foco, nomeadamente os Andes peruanos e os Andes Equatorianos a respeito da riquíssima variedade de plantas e dos respetivos benefícios para a saúde. Em seu artigo acadêmico *"Riqueza, uso y origen de plantas medicinales expendidas en los mercados de la ciudad del Cusco"* (2011) os ervanários e investigadores locais no apresentam: "*No Peru, a riqueza de plantas medicinais é muito ampla e está enquadrada em mais de 4400 espécies de usos conhecidos pelas populações locais, das quais uma grande parte está presente na região andina."*

Plantas medicinales de los Andes ecuatorianos

Carlos E. Cerón Martínez

Herbario Alfredo Paredes (QAP), Escuela de Biología de la Universidad Central del Ecuador

2006

> "Durante 20 anos de trabalho de campo e a realização de 10 mil coleções de plantas foi documentada com informações etnobotânicas. No entanto, devido a várias causas, que conhecimento não tem sido processado ou identificado ao nível de espécie por mais do que 50%, de modo ainda mais progresso está prevista tanto na identificação e desenvolvimento de um banco de dados. "(Martinez, 2006) p. 286[76]

> "As 273 espécies tratam 77 doenças, de acordo com o número de espécies incluídas em cada evento tratado. A ordem de importância para os primeiros nove categorias medicinais COM mais espécies é a seguinte: 104 espécies de inflamação, 73 limpos, 36 banho quente, 35 estômago, 33 Circulation, 30 costelas, 20 aromático, banho de 19

[76] **Citação original:** "Durante 20 años de trabajo de campo y la realización de 10.000 colecciones de plantas se ha documentado con información etnobotánica. Sin embargo y debido a diversas causas, ese conocimiento no ha sido processado ni identificado a nivel de especie en más del 50%, por lo que se espera seguir avanzando tanto en su identificación como en elaboración de una base de datos."

pós-parto e 18corazón, tosse, frio, o resto das doenças inclui 1-13 espécies." (Martinez,2006) pág. 287[77]

Estes dados nos mostram, a amplitude e variedade de cuidados e benefícios que as populações nativas conhecem e se relacionam há bastante tempo. A necessidade de reconhecimento dos conhecimentos, práticas, saberes e transmissões destas populações originárias poderá contribuir para consolidação da autonomia e manejo dos seus próprios territórios e de uma posterior multiplicação destes conhecimentos de forma adequada.

4.3 Mujeres de Abya Yala – MAMA TRÁNSITO AMAGUAÑA (1909-2009)

As narrativas populares e memórias coletivas sempre lembrarão aqueles que lutam e lutaram pelo direito dos seus. As conjeturas políticas e discursos oficiais, no entanto, procurarão fazer a historiografia dos acontecimentos dentro da sua perspectiva e interesses.

Ser mulher nos dias de hoje significa estar inserida numa estrutura hierárquica de opressões políticas, sociais e culturais, na qual o homem branco, símbolo do poder patriarcal está no topo. Dentro desta estrutura as mulheres negras, indígenas e mestiças sofrem exclusões, discriminações e violências diárias numa proporção bem mais significativa do que mulheres latino-americanas de classes mais altas, majoritariamente brancas. Esta realidade, embora de forma insuficiente e bastante morosa, tem melhorado com o passar do tempo, fruto de inúmeras lutas e organizações de inúmeras mulheres, homens e comunidades inteiras desde o início da implantação do regime Colonial e suas atrocidades e injustiças.

Ser mulher no início do séc XX, momento em que Mama Tránsito Amaguaña nasceu, implicava estar sob forças mais organizadas e estruturadas para manter esta

[77] Citação original: "Las 273 especies tratan 77 dolencias, según el número de especies que incluye cada dolência tratada. El orden de importancia para las primeras nueve categorías medicinales com mayor número de especies es el siguiente: 104 especies para inflamación, 73 limpiados, 36 baño caliente, 35 estomacal, 33 circulación, 30 nervios, 20 aromática, 19 baño posparto y 18corazón, tos, resfrío, el resto de dolencias incluye de 1-13 especies"

opressão e invisibilidade. A sua trajetória é um exemplo de liderança, organização e mobilização dentro e para a sua comunidade que merece ser estudada e lembrada.

Natural de La Chimba, comunidade andina kayambi de 360 famílias, do distrito de Pichincha, a 5790 metros de altitude, aos pés do Vulcão Cayambe. Foi neste contexto que se organizaram as lutas dos povos indígenas equatorianos, da qual Tránsito Amaguaña foi uma das líderes que mais se destacou.

De origem kayambi, Tránsito Amaguãna viveu e dedicou toda a sua vida em Pesillo e para a sua comunidade. O seu nome de nascença era Rosa Elena no entanto, quando decidida a integrar o movimento emancipatório indígena, alterou o seu nome para Tránsito.

Pesillo tinha sido um centro comunitário com longa história de povoamentos e resistências a domínios imperiais. Habitado há 1500 anos por povos originários karankis y kayambis de lengua kichwa tinha sido dominado pelo Império Inca até 1515. Em 1534 chegariam os colonizadores espanhóis.

Na regiãs prevaleceram os sistemas latifundiários, onde a exploração da mão-de-obra indígena em condições muito precárias e exaustivas mantinham semelhanças com o sistema escravidão em outras partes do continente. Estas condições prevaleceram até ao início do séc. XX

Em 1908 o Estado Equatoriano expropriou a Igreja Católica, dividiu o território em cinco grandes fazendas e entregou as mesmas a proprietários. O novo regime designou aos indígenas campesinos uma pequena parte da terra – chamada *el huasipungo* – que serviria para a subsistência de toda a família, enquanto trabalhariam na produção da fazenda.

As dificuldades contínuas mobilizaram a população e em particular as mulheres, que transmitiam a resistência aos seus filhos.

Até aos dias de hoje, se preservam na memória coletiva, os relatos e inúmeros casos de violência, opressão e condições de escravidão praticada nas fazendas. Ainda que os proprietários tenham mudado ao longo do tempo as condições de opressão não.

Depois da expropriação da Igreja, os padres criaram falsas expectativas aos indígenas para a recuperação das suas terras e territórios ancestrais. O novo sistemas de

distribuição das terras não trouxe uma melhoria para as condições de trabalho e vida, por isso as mobilizações dos povos indígenas se intensificaram, num primeiro momento clandestinamente.

Em 1919, se proclamou a primeira revolta na fazenda de Pesillo. Apesar das proibições legais, os senhores da fazenda encarceraram os indígenas e o próprio governo envia tropas para reprimir o movimento.

> Tránsito Amaguaña participou junto com sua mãe e seu jovem filho nas atividades anteriores à insurreição, enquanto enfrentava a violência exacerbada de seu marido, que finalmente partiu. Nesse contexto, então, toda a sua indignação, sua desobediência e a rebelião que a acompanharia pelo resto de sua vida nasceram ". (MATTIER, 2010) pág. 102[78]

Nesta época Tránsito Amaguaña teria 10 anos, mas a sua convicção, exemplo fermoso da participação da sua mãe e necessidades impostas pelo contexto no qual viviam determinaram a sua participação no movimento indígena. A partir da fundação do Partido Comunista em 1926 sob o nome de Partido Socialista de Equador.

Uma revolta na fazenda de Changalá acontece no mesmo ano, fato que leva as tropas do Exército nacionais a incendiar a fazenda de Pesillo. Tránsito Amaguaña e os outros integrantes do movimento se refugiam. Ela vai para Yanawaico, em Cayambe, onde ficará por 15 anos.

Este deslocamento a aproxima da líder indígena Dolores Cacuango Quilo (1881-1971) Mama Dulu. O encontro entre as duas mulheres e o episódio de incêndio da fazenda de Pesillo, intensifica a luta política de ambas.

Por mais de 10 anos vivem juntas e partilham esforços, visão de mundo e concretizações.

Em 1945, juntas abrem quatro escolas bilingües de quéchua e espanhol em Cayambi. A primeira se estableceu em Yanawaico, ao lado de la propia casa de Mama Dulu e posteriormente são abertas em La Chimba, San Pablo Urco y Pesillo.

[78] Citação original: “Tránsito Amaguaña había participado junto a su madre y su hijo pequeño en las actividades previas a la insurrección, enfrentando al mismo tiempo la exacerbada violencia de su marido, quien finalmente se marchó. En este contexto, pues, se gestó toda su indignación, su desobediencia y la rebeldía que habrían de acompañarla el resto de su vida.”

As escolas contavam com programas oficiais, ensinando sobre a cosmovisão indígena e eram dirigidas por mestras voluntárias cuja língua materna era o quéchua. Eram também ensinados conteúdos como o cultivo da terra, tecidos, músicas e danças tradicionais. A autogestão das escolas dependia da produção agrícola e venda de artesanato.

Em 1964, Tránsito Amaguaña participa também naquilo que seria a Reforma Agrária: a promoção e formação de cooperativas.

Símbolo da perseverança, resistência e conexão com a linhagem ancestral de luta contra a dominação e expropriação das terras e identidade do seu povo, Mama Tránsito manteve sempre a sua atitude de e para os seus.

Liderança política, social e espiritual durante toda a sua vida, o seu exemplo, assim como de muitas outras mulheres e homens que fortalecem as suas comunidades inspiram e multiplicam novos e sucessivos movimentos de empoderamento das comunidades originárias e de resgate dos valores e culturas ancestrais.

4.4 O caminho da educação bilíngue

"Os povos originários propõem uma educação bilíngüe intercultural, que permite o conhecimento da cultura ocidental e a valorização de sua própria cultura através do ensino de relações comunitárias, cerimônias e sua própria cosmovisão. **Na educação comunitária, o processo é um – ensinado e aprendido ao mesmo tempo**, porque as condições para o professor são diferentes das condições para **a criança, que ao participar da cerimônia ou da atividade em grupo, ela está vivendo pensar-fazendo e aprender- fazendo**." (MAMANI, 2010) págs. 44 [79]

No seu artigo *Mujeres indígenas, líderes y esculas,* Gabriela Bernal Carrera nos mostra as diversas iniciativas de diálogo, *concessões* e estratégias que as mulheres indígenas equatorianas utilizaram para aprender espanhol e ensiná-lo para as suas

[79] Citação original: Los pueblos indígenas originarios proponen una educación intercultural bilingüe, que permita el conocimiento de la cultura occidental y la valoración de su propia cultura a través de la enseñanza de las formas de relación comunitarias, las ceremonias y la cosmovisión propia. En la educación comunitaria el proceso es uno solo, se enseña y se aprende a la vez, porque las condiciones para el maestro son diferentes de las condiciones para el niño, que al participar en la ceremonia o en la actividad de grupo, está viviendo ese pensar-haciendo y aprender-haciendo."

comunidades, com vista a preservar o patrimônio e diversidade cultural e linguística da cultura quéchua.

> "Colocamos esse período de meados da década de 1960 até os primeiros anos da década de 1990. A proposta de localizar esses anos como referência analítica é baseada na observação de que as mulheres indígenas que aparecem como protagonistas no cenário nacional dos anos 90 e vivem processos específicos durante este período." (CARRERA, 2007) pág. 116[80]

Fruto do regime e valores coloniais, as escolas criadas representavam o padrão cultural que correspondia a realidades e necessidades de uma sociedade alheia à realidade da maioria da população. À desvalorização dos valores e práticas existentes no ceio das comunidades nativas se somam os valores eurocêntricos e ocidentais como forma de dominação e manutenção das elites políticas, gerando a institucionalização do racismo e discriminação.

> "Poderíamos dizer, tomando palavras relacionadas ao movimento indígena, que havia um processo lento de tomar a escola mestiça. De se infiltrar em um sistema educacional que não havia sido pensado ou proposto para a população indígena, mas apenas em termos de sua integração na "nação". No entanto, esse fato é particularmente interessante, porque a população indígena desenvolve estratégias familiares de entrada no mundo da escrita negado sem renunciar à sua identidade indígena." (CARRERA, 2007) pág. 118[81]

As heranças e desigualdades coloniais apresentam dificuldades económicas e relações conflituosas. A formação e qualificação das pessoas indígenas fazem parte de um esforço e decisão familiar como estratégia de acesso a benefícios e, posteriormente, distribuição destes para toda a família. Neste processo pessoal a escolha de uso das roupas tradicionais e prática da língua quéchua são afirmações identitárias.: "Ela se acostumou ao espanto que o seu traje tradicional causava; a aprovação de suas amigas ajudou-a a lidar. **Foi então que entendeu a decisão de seus pais - ela era fluente em espanhol e o futuro dependia do conhecimento do espanhol e das relações com o mundo dos brancos e mestiços**. Ela não parou de se sentir estrangeira, mas como uma

---

[80] **Citação original:** "Este período lo hemos ubicado desde mediados de los años sesenta hasta los primeros años de la década de los noventa. La propuesta de ubicar estos años como referente analítico parte de la constatación de que **las mujeres indígenas que aparecen directamente como protagonistas en la escena nacional de los años 90,** viven procesos particulares durante este período."

[81] **Citação original:** "Podríamos decir, tomando palabras relativas al movimiento indígena, que hubo un lento proceso de toma de la escuela mestiza. De ir infiltrándose en un sistema educativo que no había sido ni pensado ni propuesto para la población indígena, sino únicamente en función de su integración a la "nación". Sin embargo, este hecho es particularmente interesante, porque la población indígena desarrolla estrategias familiares de ingreso al negado mundo de la escritura sin renunciar a su ser indígena.

Saragueña, ela começou suas próprias e, a princípio, bastante limitadas, relações com o mundo fechado para seus amigos de Saraguro." (CARRERA, 2007) pág. 127[82]

A Unidad Educativa Tránsito Amaguaña, localizada no Mercado Mayorista (mercado central onde chega toda a produção agrícola da cidade de Quito, semelhante ao CEAGESP) é uma proposta que pratica uma educação comunitária e integrativa. A diretora atual, Irma Gomez, explica que "os alunos são filhos de comunidades que vêm trabalhar para a *selva de pedra* e não encontram uma flor para acariciar, muito menos uma pessoa que os trate como pessoas." Perante a dura realidade em que todos os familiares estão sujeitos – como imigrantes das comunidades rurais para as cidades – os filhos começam desde cedo a trabalhar para ajudar.

Através do relato de Lucrécia Veja Toquisa, ex-aluna da Unidad Educativa, o tratamento digno e atento dado aos alunos por parte dos professores, incentiva estes aos esforços contínuos.

Às barreiras e dificuldades económicas são acrescentam os preconceitos e marginalizações por parte da sociedade, como barreiras de entrave de relações em todos os aspectos. O ensino de espanhol aos alunos indígenas nas escolas formais muitas vezes não leva em consideração o contexto familiar e social ou traz no seu método valores que excluem ou ignoram diversidades culturais.

"Por não falarem bem o espanhol, apenas o quéchua e sendo crianças indígenas e de extrema pobreza se cria um estigma e marginalização por parte da sociedade. Esta atitude cria o baixo auto-estima e a vontade de não querer ser indígena" explica a professora Irma Gomes. "Nós trabalhamos precisamente este aspecto: de que, por ser indígena podem chegar muito longe." Graziela Elizabeth Alba, ex-aluna da Unidade confirma este esforço por parte dos professores: "Todos este valores que os nahuals encontram na escola eles se apropriam e lutam por estes lá fora."

[82] Citação original: "Se acostumbró al asombro que provocaba su traje tradicional; la aprobación de sus amigas le ayudaba a sobrellevarlo. Fue entonces que comprendió la decisión de sus padres - dominaba perfectamente el castellano y el futuro dependía del conocimiento del español y de las relaciones con el mundo de los blancos y mestizos. No dejaba de sentirse extranjera, pero como saragureña inició sus propias, y al principio bastante limitadas, relaciones con el mundo cerrado para sus amigos de Saraguro."

4.5 Nayrapacha na cosmovisão do *Buen Vivir: o passado por vir*

"Línguas e culturas mudam, porque estão imersas na turbulência da história. Para assegurar sua função de orientação, as culturas devem incorporar a mudança. (...) toda cultura é transmitida pelas tradições reformuladas de acordo com o contexto histórico "(Warnier, 2001: 15), é interessante observar como o exercício da maternidade dentro das comunidades indígenas levou a uma constante recriação do que significa ser indígenas de acordo com o ambiente sócio-político e econômico em mudança." (CARRERA, 2007) pág. 141[83]

"***Nayrapacha*** é um conceito que permite diferentes explorações na realidade dos povos indígenas. **É o fruto do esforço consciente para reapropriar a memória, ser agora e mais tarde. Que depois disso é futuro.**

Nayrapacha é um passado como futuro, **uma renovação do tempo-espaço**. É "um passado que no futuro se torna capaz de reverter a situação vivida transformando-a." (CARRERA, 2007) pág. 139[84]

[83] Citação original; Los idiomas y las culturas cambian, pues están inmersas en las turbulencias de la historia. A fin de asegurar su función de orientación, las culturas deben incorporar el cambio. (…) toda cultura es transmitida por las tradiciones reformuladas en función del contexto histórico" (Warnier, 2001:15), resulta interesante observar cómo el ejercicio de la maternidad dentro de las comunidades indígenas ha conducido a una recreación constante de lo que significa ser indígena de acuerdo con el cambiante entorno socio-político y económico."

[84]Citação original "Nayrapacha es un concepto que permite exploraciones distintas en la realidad de los pueblos indígenas. Es fruto del esfuerzo consciente por reapropiarse de la memoria, por ser ahora y después. Ese después que es futuro.

Nayrapacha es un pasado como porvenir, una renovación del tiempo-espacio. Es "un pasado que en su devenir futuro es capaz de revertir la situación vivida transformándola."

CONCLUSÃO

Entre os ventos de bonança e tempestades, foi-me possível reunir algumas pedras para construir esta reflexão.

"Mira ls piedras, no las nubes,

Hombre del pueblo", canta Susana Baca, perto do sítio arqueológico de Huánuco, na região central do Peru. As estruturas políticas, assim como nas leis da física, demoraram tempo para se formar e consolidar. Estas são reflexo de valores culturais cultivadas em diferentes épocas.

As condições sociais e económicas de muitas das populações latino-americanas e da maior parte do mundo são resultado de dívidas históricas e processos acumulativos que criaram, e ainda criam, desigualdades.

> "No México ou no Brasil, na Araucanía chilena ou na Patagônia argentina, nos altiplanaltos da Bolívia e nas sierras do Peru, em toda a Amazônia, no árido do Pacífico, nas encostas dos Andes ecuatorianos e colombianos, nas selvas úmidas da América Central, nos desertos ao longo da fronteira mexicano-estadunidense, nas florestas geladas do Canadá, não faltam regiões com marcas da presença milenar de povos indígenas. Alguns dos criadores desses legados foram povos já desaparecidos, em guerras com outros povos rivais, no embate com os conquistadores europeus ou vitimados por enfermidades epidêmicas. Mas muitos descendentes dessas culturas originais estão aqui, no tempo presente. (...) Ao longo dos séculos enfrentaram guerras, doenças, escravidão, humilhações de todos os tipos, mas resistiram e sobreviveram. Suas culturas originais se modificaram, mesclaram com outras, autóctones ou vindas nas ondas da colonização europeia e das culturas escravizadas africanas. Hoje são mestiças, híbridas, novas culturas que buscam recompor seus laços ancestrais, reiventando ou reafirmando suas identidades para sonhar um futuro possível." (ORTIZ, 2011, pág 22)

"As culturas populares ajudam-nos a construir a compreensão do mundo. Elas também também geram formas que permitem a expressão, a recreação, a diversão e. além disto ajudam a atuar e a intervir no mundo." Pág. 121 Com esta afirmação de durante o I Encontro Sul-Americano das Culturas Populares, retomo a minha hipótese de pesquisa durante este período se mestrado: *Serão as mulheres latino-americanas enquanto guardiãs e reprodutoras dos valores não ocidentais. Como se dão essas*

singularidades andinas e afro-latinas perante um sistema que padroniza e homogeneíza?

Acredito que suas práticas, conhecimentos e crenças, fruto de tradições e valores sociais originados em contextos distintos dos ocidentais, são de extrema importância para o contexto atual de esgotamento dos recursos naturais e a deterioração das condições da vida humana assim como de muitas espécies. Procuro, também, pensar na América Latina como espaço de encontro entre estes universos que originam as lutas cotidianas de resistência cultural e ação política.

Foi entre o material e o imaterial que estas mulheres se refugiaram e resistem face aos duros cotidianos. Durante a investigação não dei nenhuma ênfase às violências e perseguições, necessidades econômicas e cotidianos atribulados que muitas pessoas, homens e mulheres, indígenas, ribeirinhas, quilombolas ou povos originários, passam atualmente. Talvez generalizei pessoas do mesmo grupo étnico, descatando apenas uma característica. Não abordei os desafios e realidades vividas no contexto urbano nem realizei viagem para pesquisa de campo. Espero poder continuar aprendendo e que algumas das minhas inquietudes ou questionamentos possam ser discutidas, criticadas ou complementadas. O importante é lutar e preservar aquilo que consideramos valioso e propício para a vida.

> "Devido à intemperante e irresponsável intervenção humana nos processos naturais, ocorrida nos últimos três séculos, inauguramos uma nova era geológica chamada de Antropoceno, que sucede a do Holoceno. O Antropoceno se caracteriza pela capacidade de destruição do ser humano, acelerando o desaparecimento natural das espécies. (...) Segundo um estudo publicado pelo PNUMA (Fundo das Nações Unidas para o Meio Ambiente) em 2011, mais de 22% das plantas do mundo se encontram sob risco de extinção devido à perda de seus habitats naturais e como consequência do desmatamento em função da produção de alimentos, do agronegócio e da pecuária (*Anuário Pnuma* 2011, p.12). E com o desaparecimento das florestas são perigosamente afetados os animais, os insetos, o regime de umidade, fundamental para todas as formas de vida. Os desertos não param de se expandir e a erosão se alastra, frustrando colheitas e gerando fome e migração de milhares e milhares de pessoas." (BOFF, 2015, p.22)

"E se, diante de tantas crises a nossa sociedade se voltasse aos povos indígenas e às comunidades tradicionais para reconhecer neles novas formas de viver, de se relacionar com o planeta e entre si*?"* Pergunta Adriana Ramos, Coordenadora do

Programa de Política e Direito Socioambiental do ISA – Instituto Socioambiental brasileiro, em suas exposições sobre o mosaico de mundos contemporâneos, durante a 6ª Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental, que teve lugar em São Paulo em junho de 2017. *"Se nós os assumíssemos como parte do nosso presente e futuro, e não coom representações do passado que insiste em romper a barreira do tempo, talvez pudéssemos aprender um pouco. Se, além disso, fizéssemos uma reflexão crítica sobre como o nosso modo de vida impacta o meio ambiente e desagrega as comunidades, aí então, quem sabe, teríamos uma oportunidade de construir (...) uma visão que rompa com o ciclo destrutivo que a hegemonia capitalista construiu, em nome do que se convencionou chamar "progresso", no qual destruímos os recursos de que dependemos para viver."* Pág. 148

> **"En el concepto de complementariedad, toda la comunidad recibe y aporta de acuerdo a sus necesidades, sin uniformar. Esta nueva economía no es sólo en términos económicos sino en términos de complementariedad con la vida**." (MAMANI, 2010) pág. 41

Assim como na arqueologia, na história da vida aprendemos com as escavações, descobertas e experiências malsucedidas. Aprendemos uns com os outros, com as condições de abundância ou escassez que produzimos. Lapidamo-nos como pedras porque, apesar de todas as riquezas e diversidades étnicas, linguísticas, culturais e espirituais, somos feitos da mesma coisa.

AGRADECIMENTOS

Em *Os mestres da Terra – Os místicos e lideres religiosos da humanidade* (1992) de Sérgio de Souza Carvalho:

> "O mestre é um ser autêntico e inocente. Por ser integral e não conter em si qualquer sentimento repressivo, pode às vezes tomar atitudes desconcertantes. (...) O mestre também, como uma criança pura, pode dar vazão a seu meigo coração. (...)
>
> Estar perto de um mestre é como aproximar-se do fogo. Ele destrói qualquer ilusão e até mesmo toda a esperança. (...)
>
> Um mestre espiritual não dobra sua cerviz perante nenhuma autoridade deste mundo. Não se submete e não compactua com os poderes constituídos. E, no entanto, sua autoridade é suprema, pois origina-se de seu próprio ser. (...)
>
> A vida é um mistério e não uma equação a ser resolvida. Não tentes explicar coisa alguma. Aceita a vida em sua plenitude. Sabe que não existe maior infortúnio que a existência insípida, que a preguiça a corroer os ossos, que a ingratidão a queimar a tua alma, que a aspereza de um coração manchado pelo desamor e pela desconfiança."

Agradeço ao professor Sedi por ter incentivado e acreditado nas minhas intenções num momento em que nem eu tinha consciência delas e por ter sido uma grande e diária fonte de inspiração pela sua humildade, serenidade, pertinência e justiça. O professor foi para mim o grande exemplo de humanidade dentro do meio acadêmico, humanidade esta que, ao contrário do que muitas vezes nos é ensinado, possibilitou uma trajetória intelectual e profissional gratificante.

Agradeço também ao Mestre Pinguim, mestre de capoeira e dança afro-brasileira de Santo Amaro da Purificação, com quem também aprendi na Universidade de São Paulo, mais especificamente no Núcleo de Artes Afro-Brasileira, situado entre a Faculdade de Economia e Administração e a Faculdade Politécnica de Engenharia da USP. Em todos os encontros o Mestre possibilita e nos ensina a acessar - esse inatingível a primeira vista - *estado de espírito* que alimenta de plenitude o corpo e é

muito anterior à consciência humana. Agradeço a ele por nos ensinar a sermos melhores, mais coletivos e menos pretensiosos e a encarnar os elementos da natureza na nossa caminhada.

Agradeço a todas as pessoas que fazem parte do Núcleo de Artes Afro-brasileira da USP com quem construímos experiências diárias e singulares de verdade, emoção e alegria. Agradeço também às mulheres do Coletivo *Warmis* – Convergência de Culturas, onde junto com outras mulheres imigrantes procuro tornar a cidade menos opressora e onde partilho os sentimentos de saudade da família. Juntas, durante o ano de 2016 aprendemos a soprar ventos – fizemos uma releitura urbana do ritual de pedido de fertilidade da terra com flautas da região do norte do Chile da Bolívia, chamadas Lakitas.

Aos meus pais e à minha querida irmã Anna-Maria envio muito carinho, por terem compreendido a importância da vivência no Brasil para a mim. E a todos os meus familiares: os meus tios e tias, primos e primas de primeiro e segundo grau, bem como à minha madrinha agradeço pela felicidade que sentem de eu continuar os estudos e qualificações.

Aos meus amigos próximos aqui do Brasil e de Portugal, e eles sabem quem são, porque sentirão as minhas palavras quando lerem este trabalho, agradeço de coração, pelo apoio, compreensão e amizade que *seguiremos* construindo.

Guardo estas vivências não numa memória longínqua e fragmentada e sim à flor da pele, fervilhando e reconstruindo uma história e cultura nos meus e nossos dias.

Agradeço igualmente à Coordenação do PROLAM e ao Agência CAPES pela concessão da bolsa e estudos e oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos.

ANEXOS

1- Estados Plurinacionales

"Los pueblos indígenas originarios del continente estamos coadyuvando al proceso de cambio y proponiendo un nuevo **diseño institucional para nuevos Estados, que reconozca la diversidad cultural y promueva la convivencia armónica entre todos los seres de la naturaleza.** Los reclamos del movimiento indígena por tierra y todo lo que ella nos provee, por el reconocimiento de nuestra organización, estructuras políticas propias, sistemas agrícolas naturales, soberanía frente a las transnacionales, respeto a nuestros símbolos, por nuestro camino y horizonte de vivir bien, encuentran cada vez mayor apoyo y adhesión en el mundo **porque se constituyen en una respuesta ante la crisis de vida.**

Los pueblos ancestrales en su permanente reflexión y deliberación desde las comunidades, plantean un cambio estructural, comprendiendo que la plurinacionalidad expresa la existencia de las diversas culturas, promueve que todas deben ser igualmente respetadas. Después de prácticamente cuatro décadas de haber planteado esta propuesta, son promulgadas en Ecuador (2008) y Bolivia (2009) Constituciones en las que se declaran como "Estados Plurinacionales".

Es importante tener claro también, que en todo el continente las supuestas "guerras de la independencia" fueron guerras entre españoles: los criollos terratenientes contra los chapetones que ocupaban los cargos directivos en la estructura colonial. Fue una pelea por el poder, donde la población indígena, negra y mestiza fue utilizada por ambos bandos y desde el inicio de la vida republicana fue marginada. **La supuesta libertad de las repúblicas** pregonadas con tanto entusiasmo hoy por los mestizos[85], constituyó simplemente un traspaso del poder de los chapetones[86] a los criollos[87]; **en última instancia fue la estructuración de intereses del reducido grupo de criollos que disputaban privilegios a los colonialistas españoles.** Estas Repúblicas fueron creadas y organizadas bajo la inspiración de las ideas liberales de la revolución burguesa que triunfó en Francia en 1789; estructura republicana que excluyó a los pueblos indígenas, ya que las supuestas voces libertarias jamás cuestionaron las estructuras que

[85] En tiempos de la colonia, los criollos tenían menos derechos que los españoles y los mestizos menos derechos aun que los criollos. Paradójicamente hoy en día los mestizos parecen haber olvidado estos detalles de la historia y muchos han asumido el papel que jugaron en su tiempo los españoles y luego los criollos, marginando e impidiendo que la cultura ancestral sea reconstituida. – nota del autor.

[86] Españoles nacidos en España.

[87] Hijos de españoles nacidos en América

sustentaban la servidumbre y la esclavitud de los pueblos originarios. **Por ello, el "bicentenario de la libertad", nada tenemos que celebrar los pueblos indígenas, porque con la estructura republicana se profundizó el proceso de des-estructuración de nuestra cultura, el despojo de las tierras, la superposición cultural y el proceso de homogenización**.

Mientras los criollos, mestizos y blancos "vivían mejor", millones de indígenas vivíamos mal. En el fondo nosotros cuestionamos la estructura del Estado nación; no queremos adecuarnos o incluirnos en ella, sino generar bajo nuestra lógica comunitaria y de la diversidad de naciones, una nueva estructura política, ya que muchos pueblos hemos quedado separados por las fronteras de las repúblicas e incluso separados al interior de las propias repúblicas.

Entonces, en **la estrategia indígena originaria después de los años 90, a través de constantes marchas y levantamientos, decidimos plantear la conformación de asambleas constituyentes originarias. Esto implicó muchas masacres y persecución contra nuestros pueblos."** (MAMANI, 2010) pag.10

2- Constitución Política del Ecuador

"En 1964, la Federación de Centros Shuar se propone como objetivo la autodeterminación de los pueblos. Y en el levantamiento de 1990, la Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE) demandó por primera vez el cambio del Art. 1 de la Constitución Política, con la finalidad que el Ecuador sea declarado Estado Plurinacional.

La persistente y peligrosa tensión entre el movimiento indígena y los gobiernos de turno va generando una represión que apunta a la desestabilización y desarticulación de nuestras organizaciones, pero pese a eso el movimiento indígena logra introducir nuestra ideología en la nueva Constitución Política del Estado.

La Nueva Constitución Política del Estado del Ecuador, promulgada en el 2008, reconoce en el preámbulo "las raíces milenarias, forjadas por mujeres y hombres de distintos pueblos, celebrando a la naturaleza, la Pacha Mama, de la que somos parte y que es vital para nuestra existencia". Apela a la sabiduría ancestral como principio ordenador jurídico y declara la constitución de "Una nueva forma de convivencia ciudadana, en diversidad y armonía con la naturaleza, para alcanzar el buen vivir, el sumak kawsay". Así, de manera clara y contundente, la Constitución proyecta el horizonte del buen vivir, declarando "Una sociedad que respeta, en todas sus dimensiones, la dignidad de las personas y las colectividades".

Asimismo, declara de interés público la preservación del ambiente, la conservación de los ecosistemas, la biodiversidad y la integridad del patrimonio genético del país, la prevención del daño ambiental y la recuperación de los espacios naturales degradados. Señala también el derecho al acceso seguro y permanente a alimentos sanos, suficientes y nutritivos; preferentemente producidos a nivel local y en correspondencia con sus diversas identidades y tradiciones culturales. El Estado ecuatoriano se declara promotor de la soberanía alimentaria.

El artículo 14 reconoce el derecho de la población a vivir en un ambiente sano y ecológicamente equilibrado, que garantice la sostenibilidad y el buen vivir**, sumak kawsay.**

Finalmente, enumera todos los derechos del buen vivir, con lo que la Nueva Constitución del Ecuador permite proyectar en las normativas específicas el paradigma comunitario en el horizonte del buen vivir." (MAMANI, 2010) pag.12

3- Constitución Política del Estado Plurinacional de Bolivia

"En Bolivia, después de haberse conformado la Asamblea Constituyente el 6 de agosto de 2006, sectores de extrema derecha intentaron detenerla, promoviendo humillaciones y vejámenes de expresión racista, tal como ocurrió el 24 de mayo del 2008 en Sucre, y etnocidios y genocidios como la masacre en Porvenir (Pando) en septiembre del mismo año. De igual forma, sectores de extrema derecha en Santa Cruz, sustentados en su economía depredadora, pretendieron cercenar el país para mantener sus privilegios basados en la estructura colonial, que hasta estos días mantiene la esclavitud y servidumbre de los pueblos indígenas originarios.

La Constitución Política del Estado de Bolivia, promulgada el 7 de febrero del 2009, establece fines y funciones que orientan sus políticas públicas en el horizonte del vivir bien.

Las anteriores constituciones, construidas por minorías que tenían bajo su control el país desde su fundación en 1825, jamás hubieran admitido lineamientos en idiomas ancestrales y menos bajo la ideología de los pueblos indígenas originarios. En esta Constitución por primera vez se establecen principios éticos morales. El artículo 8 en su parágrafo primero establece: "el Estado asume y promueve como principios ético-morales de la sociedad plural: Ama Qhilla, Ama Llulla, Ama Suwa (no seas flojo, no seas mentiroso ni seas ladrón), Suma Qamaña (Vivir Bien), Ñandereko (Vida Armoniosa), Teko Kavi (Vida Buena), Ivi Maraei (Tierra sin Mal) y Qhapaj Ñan (Camino o Vida Noble)".

Algunos valores destacables en los que se sustenta hoy la Nueva Constitución del Estado Boliviano son la unidad, igualdad, dignidad, libertad, reciprocidad, respeto, complementariedad, armonía, transparencia, equilibrio, igualdad de oportunidades, responsabilidad, distribución y redistribución de los productos y bienes sociales.

Los pueblos indígenas originarios promovemos la cultura de la vida, por lo tanto es una cultura de paz, valor que se establece en el artículo 10, parágrafo I: "Bolivia es un Estado pacifista que promueve la cultura de la paz y el derecho a la paz, así como la cooperación entre los pueblos de la región y del mundo".

Se establece entonces constitucionalmente que son fines "esenciales" del Estado constituir una sociedad justa y armoniosa, cimentada en la descolonización, sin discriminación ni explotación, con plena justicia social, para consolidar las identidades plurinacionales. Garantizar también la protección y la dignidad de las naciones, los pueblos y las comunidades, y fomentar el respeto mutuo y el diálogo intercultural y plurilingüe. Establece la diversidad plurinacional y en este sentido la necesidad de replantear los aspectos concernientes a la educación, la salud, la producción, pero siempre velando por el equilibrio de la Madre Tierra (Pachamama).

Esta nueva estructura jurídica permite la aplicación de la gestión comunitaria a través de las autonomías indígenas. La organización a nivel de las autoridades originarias permite la reconstitución del chacha-warmi (aymara), kari/warmi (quechua), hombre-mujer, esposo-esposa; es decir, pasar de la representación individual al ejercicio de la autoridad dual-complementaria y también del ejercicio de autoridad elegida por votos al servicio rotativo de todos los miembros de la comunidad, en el horizonte del vivir bien, Suma Qamaña y Sumak Kawsay." (MAMANI, 2010) pág.11

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Alberto ***O Bem viver*** *Uma oportunidade para imaginar outros mundos* tradução Tadeu Breda, editora Elefante, São Paulo, 2016

AFROPERUANOS: **La Ruta hacia nuestra identidad**, Direção: Ashanti Perú, Lima, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e_K_7d588tc, acessado em 25/novembro/2016

BÂ, Amadou Hampâté: ***A tradição viva.*** Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI, págs: 57-62 Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

BULNES, Marta ***Yo me levanto y digo. Testimonio de tres mujeres quichuas.*** Pp 32-40. Fondo Documental/ Narrativas de Mujeres Indígenas / FLACSO/ Ecuador, Quito, ed. El Conejo. disponível em <http://www.flacso.org.ec/docs/TRANSITO%20AMAGUANA3.pdf > consultado em 29/11/2016

BARROS, José Flávio Pessoa de ***A floresta sagrada de Ossaim:*** *o segredo das folhas* Roi de Janeiro: Pallas, 2011

CAMPUZANO, Luisa ***Mujeres latinoamericanas****: História y cultura siglos XVI al XIX* Tomo I e II Editora Casa de las Americas e Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, Habana 1997

CAMPUZANO, Luisa, ***Mujeres latino-americanas: História y cultura Siglos a XVI al XIX Tomo I*** *"Discurso, sexualidad y mujer en la Nueva España del siglo XVIII"* Iztapalapa, México, ed. Casa de las Américas, 1997

CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. ***A maternidade simbólica na religião Afro-Brasileira:*** *aspectos socioculturais da mãe-de-santo na umbanda em Fortaleza.* Univesidade Federal do Ceará, Diss. http://www. teses. ufc. br, 2009.

CARRERA, Gabriela B., ***Mujeres indígenas líderes y escuelas,*** Fundación Kawsay, Revista **Sophia,** Colección de Filosofía de la Educación, núm. 3, 2007, pp. 115-149 Universidad Politécnica Salesiana Cuenca, Ecuador. disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/4418/441846113006.pdf> consultado em 20/09/2016

CARVALHO, Sérgio de Souza, ***Os Mestres da terra*** *Os místicos e líderes religiosos da humanidade*, editora Hemus, São Paulo, Brasil 1992

CARVALHO, J.J. ***Los estudios culturales em America Latina:*** *Interculturalidad, Acciones Afirmativas y Encuentros de Saberes,* Revista **Tabua Rasa,** Bogotá-Colombia n 12, 229-251 jan-julho 2010

CASANOVA, P., G; ROITMAN, M. ***Democracia y Estado Multiétnico en América Latina*** "Las etnias coloniales y el Estado Multiétnico", México, La Jornada, UNAM-COOCH, 1996 pp.23-36

CASANOVA, PABLO GONZALEZ, ***La dialéctica de las alternativas*** Casa de las Américas, no 226, La Habana, 2002 pp. 311-333

CATTER, T. V.; DURR, M. ***Bilingual Intercultural Education in the Andes,*** Sustaining Indigenous Knowledge: Learning Tools and Community Initiatives for Preserving Endangered Languages and Local Cultural Heritage, edited by Erick Kastern and Tjeerd de Graaf, 2013 249-258. Furstenberg/Havel: **Kulturstiftung Sibirien** Disponível em:< http://www.siberian-studies.org/publications/PDF/sikvalienteduerr.pdf > consultado em 14/07/2016

CECEÑA, Ana Ester 2004 ***Los desafíos del mundo en que caben todos los mundos y la subversión del saber histórico de la lucha***. Revista Chiapas, no. 16. IIE-UNAM-Clacso, México, D.F. disponível em < http://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/buscar_libro_detalle.php?campo=autor&texto=&id_libro=223> consultado em 09/06/2017

CRUZ, Alberto ***Pueblos Originarios en América:*** *Guía introductoria de su situación* Aldea Alternatiba Desarrollo, Pamplona, España., 2010

CUNHA, Manuela Carneiro ***O lugar da cultura e o papel da antropologia*** , Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011

CUNHA, Maria J. C., GURAN, Milton, ***Migração e Identidade*** *Olhares sobre o tema*, Migração: uma perspectiva psicológica ou uma leitura pós-moderna ou simplesmente uma visão preconceituosa (Frederico Lucena de Menezes) pp. 105-131, editora Centauro, São Paulo, Brasil 2007

CYPRIANO, A.;ANJOS, R. S. A. ***Quilombolas – Tradições e Cultura da Resistência,*** editota AORI, São Paulo, Brasil 2006

DÁVALOS, Pablo. **Sumak Kawsay (La vida en plenitud).** In**:** Convivir para perdurar: conflictos ecosociales y sabidurías ecológicas. Icaria, 2011. p. 201-214.

DÁVALOS, Pablo 2001. ***Yuyarinakuy: "digamos lo que somos, antes que otros nos den diciendo lo que no somos".*** Ediciones Icci-Abya Yala, Quito, Ecuador. Disponível em: <http://dspace.unm.edu/bitstream/handle/1928/12986/Yuyarinakui.pdf?sequence=1> consultado em 09/05/2017

ECHEVERRÍA, Bolívar: ***Modernidad y Capitalismo (15 tesis)*** Facultad de Economía de la UNAM, Ciudad del México ano 1989 disponível em: <http://www.bolivare.unam.mx/ensayos/Modernidad%20y%20Capitalismo%20%2815%20Tesis%29.pdf > consultado em 20/04/2015

ENCUENTROS EN EL ESTUDIO, Canal de Encuentros, Ministerio de Educación de la Nación, Disponîvel em:

< https://www.youtube.com/watch?v=wDezBrhEBFk > acessado em 10 de novembro de 2016

ESTERMANN, J. ; PEÑA, A. ***Filosofia Andina*** Cuadernos de Investigación en Cultura y Tecnologia Andina n 12, **IECTA – CIDSA**, Iquique-Puno, Peru, 1997 Disponível em < http://iecta.uta.cl/biblioteca/cuadernos/pdf/cuaderno_12.pdf > consultado em 20/05/2015

ESTEVEZ, Miguel G., P LEÓN-PORTILLA, Miguel, et al ***De palavra y obra em el Nuevo Mundo.*** *2. Encuentros Interétnicos* Junta de extremadura y Siglo XXI Editores, México

FILHO, Wilson T. ***Lugares, pessoas e grupos:*** *as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional,* 2ª ed. Ed. ABA Publicações, Brasília, Brasil 2012

FINOCCHIETTI, Susana ***Los afroandinos de los siglos XVI al XX,*** UNESCO, Lima, Peru, 2004 Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001412/141269s.pdf> consultado em 20/05/2017

FLÓRIA, Cristina e FERNANDES, Ricardo Muniz ***Tradição e Resistência:*** *encontros com povos indígenas* São Paulo; Edições SESC, SP 2008

GALLARDO, Jorge Emilio ***Presencia Africana en la Cultura de América Latina****. Vigencia de los cultos afroamericanos* Fernando García Cambeiro, Buenos Aires, Argentina 1986

GARDUÑO, Flor ***Inner Light*** *Still Lifes and Nudes, 2002, Bulfinch Press Book, Switzerland*

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Editora Vozes, 2005.

HALL, Stuart ***Da Diáspora:*** *Identidade e Mediações Culturais* Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et al.] 1ª ed. Atualizada 2009 – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

HIDALGO-CAPITÁN, A. L.; GARCÍA, A.; GUAZHA, N., D. ***Sumak Kawsay Yuyay:*** *Antología del Pensamiento Indigenista Ecuatoriano sobre Kumak Kawsay* Centro de Inestgación en Migraciones (CIM) Universidad de Huelva, Espanha, 02/2014 Disponível em <http://dspace.ucuenca.edu.ec/bitstream/123456789/21745/1/Libro%20Sumak%20Kawsay%20Yuyay.pdf > consultado em 25/07/2016

IGLESIAS, Francisco ***Encontro de duas culturas: América e Europa,*** Revista Estudos Avançados, vol 6. No.14 São Paulo Jan./Apr. 1992

KETTERER, Lucy, ***Mujeres indígenas latinoamericanas y política: prácticas "diferentes para"*** **Nucleo de Género y Sociedad Julieta Kirkwood, FACSO,** Revista **Punto Género** n1, abril 2011, pp.249-270, Chile Disponível em:

<http://www.politicaindigena.org/documentos/politicamujeres.pdf> consultado em: 02/04/2016

KONETZKE, Richard **America latina II La época colonial**, Editora Siglo Ventiuno, Mexico 1971

LA VOZ DE LOS SIN VOZ: Afroperuanos, Direção: Marcel Cluzet, Produção: UNESCO, Buenos Aires, 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eAks9wqz_L8, acessado em 10/dezembro/2016

LEÓN-PORTILLA, Miguel ***A conquista da América Latina vista pelos índios***. *Relatos astecas maias e incas.* Tradução Ângelo Zanatta. – Petrópolis, RJ Vozes 1987

LIMA, Edvaldo Pereira, ***Colombia espelho América:*** *dos piratas a García Marqués, viagem pelo sonho da integração latino-americana*. Editora Perspectiva: EDUSP São Paulo 1989

MAMANI, Fernando Huanacuni. Vivir Bien/ Buen Vivir. Filosofia, políticas, estratégiasy experiências regionales. La Paz: **Coordinadora Andina de Organizaciones Indigenas** (CAOI), 2010.

MEDINA, Cremilda (org.) ***Viagem à América Indigena***: *do Eldorado à cidade contemporânea.* São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2011

MORETTI, Marina ***América Latina: "Mujeres, resistencia y movimientos sociales"*** Introducción a la primera jornada del taller Feminismo como lucha social, autonomía y revolución. Casa de Socialismo Libertario, Buenos Aires,

Argentina, 2009. disponível em <https://tallerfeminista.files.wordpress.com/2009/05/introduccion-a-la-segunda-jornada.pdf> 02/04/2016

NASCIMENTO, Elisa Larkin ***Guerreiras de natureza:*** *mulher negra, religiosidade e ambiente* São Paulo ed. Selo Negro, 2008 (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira).

NASCIMENTO, Elisa Larkin ***Pan-Africanism and South America*** New York, **Afrodiaspora** 1980

NICOMEDES Santa Cruz Los reyes del festejo 1971, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lgBc0Xdy060, acessado em 10/01/2017

OLIVEIRA, Maria Marly ***Como fazer Pesquisa Qualitativa*** – Petrópolis, RJ: Vozes 2007

ORTIZ; Jose Antonio Caicedo En: Cátedra de Estudios Afrocolombianos. Aportes para maestros. Universidad del Cauca- Ministerio de Educación Nacional Popayán, 2008

PACHAKÚTEC – Tiempo del Cambio - Ñaupany Puma . Direção: Anya Schmidt Produção: Pachakútec Film Production GbR, Equador-Alemanha, 2013

PERU: MÚSICA AFROPERUANA: trás de la larga noche , Direção: Patricia Ferreira, Produção: Manuel Veguin. Madrid, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Fn9zQHkjhUc, acessado em 22/novembro/2016.

POLANCO, C. D.; LARRUCEA, T. A. ***Mujeres Fuertes – Iberoamérica,*** editora Santillana, Madrid, Espanha, 2008

POTTIER, Bernard ***America Latina en sus lenguas indígenas*** Monte Avila Editores, Caracas Venezuela UNESCO 1983

RITMOS NEGROS DEL PERU, Direção: Sonia Barousse, Hugo Massa, Florent Wattlier, Produção: Studio Kijada, Paris, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w5nsLj_GJFY. Acessado em 18/novembro/2016.

ROMERO, José Luis ***América Latina:*** *as ciudades e as idéias* tradução Bella Josef ; 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

SEJOURNE, Laurette ***America latina I*** *Antiguas culturas precolombinas* Editora Siglo Ventiuno, Mexico 1971

SILVA, Tomaz T. ***Identidade e diferença*** *A perspectiva dos estudos culturais* 2ª edição Petrópolis, RJ, Brasil ed. Vozes 2000

SILVA, G. M. . A Saúde das Mulheres Quilombolas:Dificuldades e Alternativas**. Jornal da Rede Feminista de Saúde** , v. 26, p. 18-19, 2004.

SKINNER, Elliott P. The dialectic between diasporas and homelands. **Global dimensions of the African diaspora**, v. 2, p. 11-40, 1993.

TRAJANO FILHO, Wilson. Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. 2010.

UGALDE, Silvia Vega. "El orden de género en el sumak kawsay y el suma qamaña. Un vistazo a los debates actuales en Bolivia y Ecuador." Íconos-**Revista de Ciencias Sociales** 48 (2014): 73-91.

ZAPATA, Beatriz Elena Castaño, "La mujer negra esclava en el siglo xvi: papel y participación en el proceso económico neogranadino", artigo apresentado no **VI Congresso de História de Colombia, Ibagué,** novembro 24-27 de 1987, disponível em < http://micaminoporlahistoria.blogspot.com/2011/06/las-mujeres-en-la-colonia-espanolas.html> acessado em 22/agosto/2017.